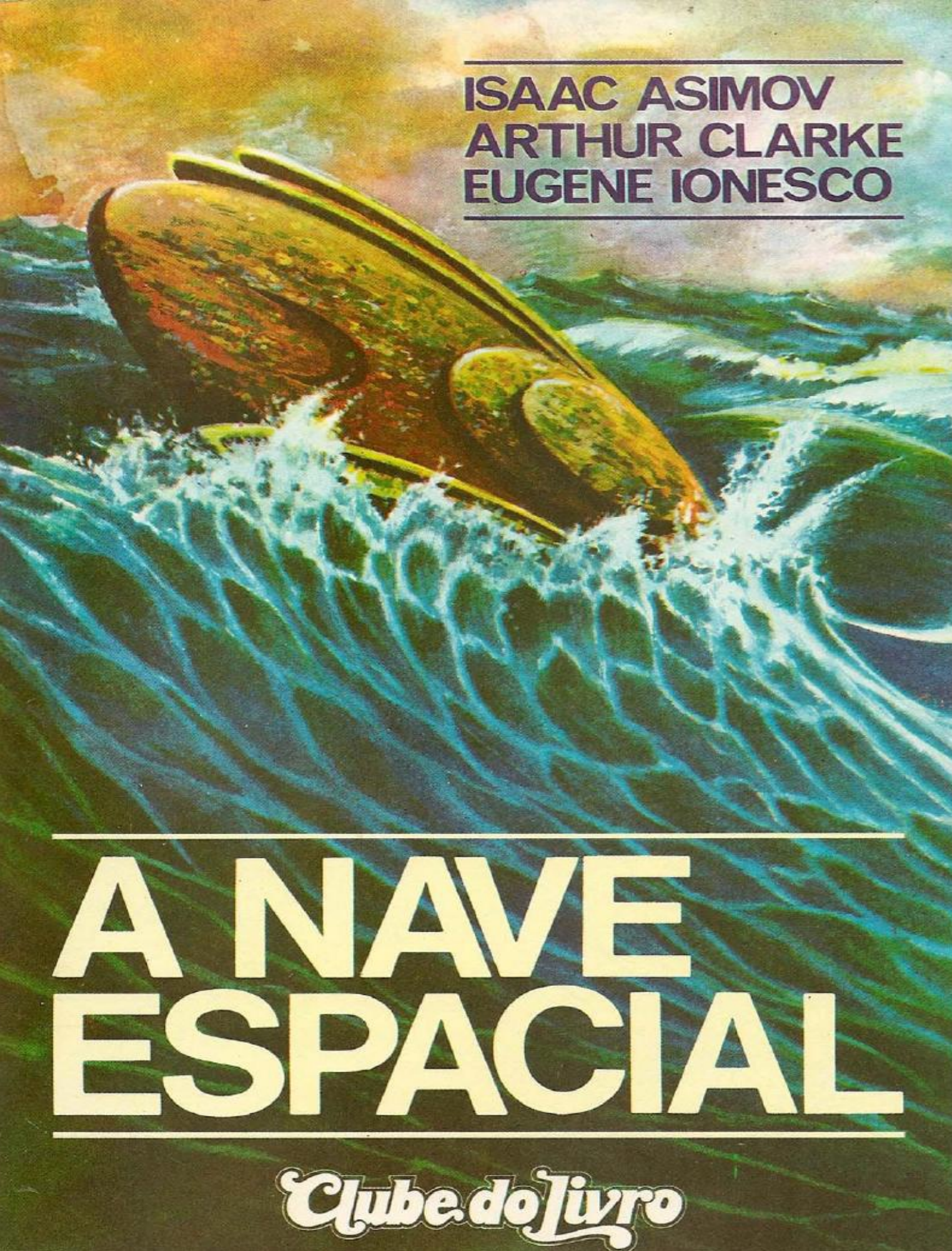

ISAAC ASIMOV
ARTHUR CLARKE
EUGENE IONESCO

A NAVE ESPACIAL

Clube do Livro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

As páginas do presente volume foram extraídas de uma coletânea dos escritores Isaac Asimov, Arthur C. Clark, Eugene Ionesco, George Buran, Theodore R. Cogswece, Harry Kituer, Rod Philipes, Auren Davidson e Zenna Handerson.

Agradecemos à Hemus Editora a cessão dos direitos e a autorização para a presente edição.

tradução de Hamilton Trevisan
capa de Roberto Luti

BIBLIOTECA
DO EXILADO

ISAAC ASIMOV
ARTHUR CLARKE
EUGENE IONESCO

A NAVE ESPACIAL

CLUBE DO LIVRO

A FICÇÃO CIENTÍFICA

As opiniões dos ficcionistas científicos se dividem, hoje, entre duas posições distintas, assim como, em princípio, o real se opõe ao imaginário: de um lado a preocupação de, simplesmente, "adivinhar" o futuro, e de outro a busca de novos modelos de sociedade, "uma tentativa desesperada de recuperar o mundo a partir do caos", como afirmou M. Blanchet a respeito da obra de Hermann Hesse e que vale, também, como referencial à moderna ficção científica.

O desenvolvimento das ciências tem sido tão impressionante que resta apenas, aos defensores da primeira posição, uma postura de verdadeiros adivinhos de realidades absolutamente, totalmente imprevisíveis. E é justamente a isso que se contrapõe o segmento de autores com visão social, justamente aquele mais criativo e produtivo atualmente, um reflexo claro do crescente interesse pelos altos e baixos visíveis nos gráficos da sua própria civilização, entendida como o mundo que cerca e no qual vivem esses ficcionistas.

Na verdade, nada tão simples como descrever reações, usos e costumes de horrendos (ou maravilhosos) homenzinhos verdes com antenas espalhadas pela cabeça — a personificação usual dos "marcianos". À ficção científica pode-se creditar virtudes que vão além do pequeno mundo de imaginação e fantasia do leitor leigo, que nem sempre identifica, num retrato quase fiel — em termos sociais, políticos e econômicos —, as restrições da sua vida e época, as impossibilidades que o cercam e as dificuldades da sobrevivência digna.

A partir do fundo social, psicológico de uma nova proposta é que surgem, junto a outros autores, críticos e até mesmo aos leitores os antagonismos da conceituação da ficção científica, de resto suficientemente discutível como, por exemplo, a busca dos pontos comuns entre linguagem jornalística e linguagem literária.

A que serve a ficção científica, afinal? Ela não pode ser encarada como mera decorrência do progresso científico e tecnológico e do "excesso de imaginação" de alguns escritores, que optaram por dedicar a ela os seus trabalhos, e relegada a condição idêntica de produto a um tubo de dentifrício.

Daí, então, a posição de muitos autores, que encontram na ficção científica a possibilidade de projetarem a sua visão de mundo, sua interpretação da realidade, as propostas e alternativas para uma sociedade mais próxima à ideal e justa na sua concepção.

Mas, é claro, nem sempre o modelo proposto conduz, exatamente, a uma sociedade não conturbada. Mesmo porque a visão social do autor pode chegar ao delírio do caos total, o que não deixa de ser, por sua vez, um reflexo bastante real das possibilidades do mundo nos anos que correm projetadas no futuro: mortalidade infantil, guerras (frias ou convencionais), falta de alimentos, lucro desmesurado usufruído por minorias privilegiadas, destruição ecológica, desemprego, etc.

Esse "passo à frente" da ficção científica — o seu enfoque psicológico, social — é uma manifestação recente. Em artigo publicado há menos de vinte anos, O. M. Carpeaux reafirmava a sua ojeriza pelo gênero: "(...) Essa literatura de cordel fornece ao leitor comum todas as

trivialidades, horrores, sentimentalismos, etc. que a literatura exclui cuidadosamente dos seus enredos (ou de sua falta de enredo). A "science-fiction" faz questão de não tocar nunca em problemas psicológicos ou questões sociais. Ao embarcar para o espaço, perde o contato não só com a Terra mas também com a realidade (...)"

Carpeaux, evidentemente, reformulou, razoavelmente, seus pontos de vista em relação à ficção científica na medida em que conheceu obras com outras preocupações que não a fantasia pura e simples, que fogem daquilo que ele designou de "(...) literatura pseudo-religiosa, literatura de edificação do homem que já não suporta sua solidão no Universo(...)"

É certo, no entanto, que a ficção científica é livre e especulativa, não mais atrelada, rigidamente, como no século passado, a postulados rigorosamente científicos na sua abordagem do futuro e do fantástico. Mesmo porque a ciência cresceu geometricamente desde então — "Tratando-se de artes e ciências — convenceu-se o físico Robert Oppenheimer —, não há alternativa senão tornarmo-nos profetas".

Assim, à medida que a ciência envereda — em função do seu próprio e gradual desenvolvimento — por caminhos tão aleatórios como inimagináveis, vemo-nos às voltas com uma literatura de ficção científica que não se dá muito ao trabalho de descrever os seres e suas características, o tipo de armas e roupas e a infra-estrutura de comunicações e transporte do ano 3001, por exemplo, o que representaria, novamente, mais um conformista exercício de adivinhação.

A ficção científica, hoje, utiliza menos o recurso de sofisticados e inescrutáveis aparelhinhos e de fantasiosas viagens interplanetárias para, cada vez mais, transformar-se em verdadeiro laboratório de estudos sociais, políticos e econômicos, trazendo ao leitor novas concepções de sociedade ou, então, como afirmou G. Lapouge, "tentando levar às suas últimas conseqüências, a seus limites extremos, os modelos de sociedade existentes, como se estivéssemos num laboratório social onde se agisse pelo método da simulação".

A NAVE ESPACIAL

A Rodovia Sobre-o-Mar, estreitas pistas brancas sobre velhas pilastras de concreto, estende-se junto às águas pouco profundas, passa pelo pequeno recife e desaparece na distância.

O mar cresceu durante toda a tarde. Grandes ondas esverdeadas e oleosas, atiradas pelo Atlântico, espumavam contra as rochas ponteagudas. Ao meio-dia, a maré estivera baixa, atingindo apenas os bancos de coral. Agora, porém, alcançava os blocos de pedras e os prismas de concreto que formavam aquele pequeno recife. Em pouco tempo, a espuma estaria lavando o próprio leito da estrada e mesmo encobrindo-a, com o vento cada vez mais forte.

Nuvens espessas como fumaça de óleo escondiam o sol crepuscular sobre o Golfo do México. O Golfo estava agitado também, avançando para Louisiana. Mas era sobre o Atlântico que o furacão rolava. Era o largo, profundo, implacável oceano que a maré e o vento atiravam, em meio às trevas, contra o lado do recife em que Dan Henry lutava tenazmente, o dorso maciço esborrifado de espuma.

Seus olhos claros estavam vermelhos de sal e sua pele cortada profundamente em muitos lugares, pelas quedas que sofrera. Fora visto a lutar no meio da espuma, esforçando-se tenazmente para salvar o que havia encontrado — algo que rolava pesadamente à beira do mar. A camisa, as cobertas dos assentos do carro, o cinto e os pedaços de corda e arame que pudera encontrar, foram usados para fazer um incrível cabo.

Os homens que construíram a Rodovia Sobre-o-Mar, aproveitando o antigo leito da estrada de ferro, haviam construído a pequena plataforma, com pouco mais de trinta metros de diâmetro, em que se achava. Se o objeto encalhado nas pedras tivesse ido parar em qualquer das outras ilhotas, a possibilidade de salvá-lo seria maior. Mas ali não havia mais ninguém, nem nada que pudesse ser usado como alavanca ou âncora. O objeto rolava e raspava contra as rochas, pesado demais para flutuar, demasiadamente volumoso para opor-se ao embate das águas encapeladas. Seus flancos metálicos estavam arranhados e, de um momento para outro, poderia rebentar e perder-se. A corda — a precária corda enrolada nas duas pontas de metal no nariz do objeto e amarrada na pedra contra a qual ele se chocava violentamente — era usada como se Dan Henry fosse uma aranha e tentasse prender o objeto numa apressada e frágil teia. Mas era preciso tentar e ele o fazia agora de outra forma. Apoiou os pés num dos blocos de concreto e empurrou as costas contra outro. Com os músculos tensos, a face contorcida e as mãos unidas, procurava fazê-lo rolar para trás do objeto, embora arriscasse estourar as veias e os músculos.

O objeto era maciço como uma cabeça-de-turco e do tamanho de dois homens. Era redondo numa das pontas, onde havia uma longa abertura parecida com uma boca. Três grossas barbatanas emergiam dessa curva e estendiam-se até à metade do objeto e do lado oposto, que era reto, saíam duas pontas como antenas de um caracol, viradas para diante, de forma que o estranho objeto poderia ter sido projetado por um canhão ou lançado pelos tubos de um imaginário submarino. Não havia aberturas visíveis, nem juntas, nem escotilhas. Era uma só peça, exceto, talvez o tubo da popa, e embora musgo e moluscos tivessem se agarrado a ele e os

inúmeros choques o tivessem marcado, não estava aparentemente danificado.

Dan Henry forçou a rocha que começara a ceder. Mas seus olhos estavam congestionados, os músculos saltavam em súbitas contrações e a respiração queimava como fogo. O mar quebrava contra ele, penetrandolhe na boca e nas narinas. O vento rugia e a água cantava nas pedras, explodindo quando avançava, gorgolejando ao voltar. O objeto rolava de um lado para outro, estrepitosamente. Estava cada vez mais escuro.

Dan Henry parara seu carro na plataforma, ao meio-dia, estacionando fora da estrada, numa estreita faixa. Abriu o porta-luvas e retirou o saquinho de leite e o sanduíche, que havia comprado em Dallandale, além de Miami, às dez da manhã. Acendeu um cigarro, desembrulhou o sanduíche e começou a comer. O leite ficara morno no compartimento e tinha um gosto desagradável, mas Dan Henry nunca se importara com o gosto da comida. Não prestou atenção nisso, enquanto mastigava o sanduíche e tomava o leite, entre as tragadas no cigarro. Comprara a comida ao parar para pôr gasolina e assim que terminasse de comer, seguiria viagem até Key West.

Nada de específico o aguardava lá. Nunca, em nenhum lugar, durante toda sua vida, alguma coisa o aguardara. Contudo, fosse para onde fosse, seguia diretamente, pois essa era sua natureza. Era um homem fisicamente avantajado, razoavelmente inteligente, que tirava sua força da convicção de que nada poderia o surpreender. Não exigia mais do mundo. Tinha trinta anos e havia sido empreiteiro de construções, agente policial, sargento da Polícia Militar na Alemanha e motorista de caminhão. Além disso nascera numa família de condutores de guindastes em Oklahoma e crescera na tradição nômade e auto-suficiente de seu pai.

Ao ver o brilho fosco do metal entre as pedras, desceu do carro para verificar do que se tratava. Já pensava na sua possível utilidade, quando se aproximou do objeto. Ao alcançá-lo, a idéia dos direitos de salvamento veio-lhe naturalmente.

Examinando-o, percebeu imediatamente que deveria ser um aparelho militar de alguma espécie. Sabia que a Marinha lançava constantemente foguetes de Cabo Canaveral, na Flórida Central. Mas quanto mais olhava para a coisa, mais duvidava dessa hipótese. O objeto era demasiado maciço, demasiadamente adequado para suportar o ininterrupto castigo a que o mar o submetia, para ser um dos leves e baratos obuses, que constituíam os modelos de foguetes. Devia pesar toneladas e a camada de moluscos que o recobria era bastante espessa Admirava-se do longo tempo que aquilo estivera flutuando no oceano, vogando ao sabor das ondas, até que nesta manhã a primeira grande maré o lançasse entre as pedras, onde ficara secando ao calor do sol matinal.

Decididamente, não sabia o que era aquilo. Foguete, torpedo, obus, o que quer que fosse, tratava-se de algo importante. A Marinha, o Exército ou a Força Aérea haveriam de querer ficar com ele para alguma coisa, para alguma pesquisa.

Não havia nenhuma marca que lhe indicasse a origem. Se alguma coisa fora gravada em seu bojo, já desaparecera. Começou a pensar em como poderia garantir seus direitos de salvamento, até que pudesse encontrar algum posto da Marinha. Ia para Key West unicamente porque possuía lá um amigo, que trabalhava na pesca de esponjas marítimas. O amigo não o esperava, não havendo, portanto, qualquer razão para se apressar.

Bastara isso para decidi-lo. Além do mais, com o avançar da tarde, o mar e o estranho objeto

o aprisionaram.

O objeto encontrava-se entre as pedras que marcavam o limite habitual da maré alta, mas o encontrara no período de maré baixa e, mesmo assim, a água já avançava muito acima dele. Notara isso também, mas não poderia imaginar que um furacão se desviara inesperadamente durante a noite, enquanto viajava em seu velho automóvel desprovido de rádio. Somente quando as nuvens escureceram e a água começou a redemoinhar em seus joelhos como uma matilha de cães famintos é que observou o oceano.

Afastara as pedras menores, empilhando-as de modo a cercar o objeto e, com uma alavanca de pneus, raspou uma parte da camada de moluscos. Era sua intenção deixar claro que alguém estivera trabalhando ali, podendo então sair a procura de um posto. Os raros automóveis que passavam na estrada não paravam, nem diminuíam a marcha. Não haveria mesmo razão, nem lugar para estacionarem, pois o carro de Dan ocupava o único espaço disponível. Depois de algum tempo, deixaram por completo de passar.

Fora isto certamente que o fizera voltar para o carro e tentar improvisar uma corda. A estrada devia ter sido interditada em virtude da tempestade. Por causa disso não mais abandonaria o objeto. Tornara-se evidente que alguém andara lidando por ali e se agora o abandonasse, ficaria claro demais que esse alguém se deixara vencer.

Não seria mais Dan Henry, se fosse embora.

O objeto já estava quase que inteiramente encoberto pela água. As ondas chegavam mesmo a quebrar acima de sua cabeça, tentando derrubá-lo. Pior ainda, o objeto ameaçava rolar para fora do cerco de pedras.

A plataforma mais próxima ficava a quase um quilômetro e embora fosse maior, também não era habitada. O mais próximo lugar habitado era Greyhound Key, ponto de parada dos ônibus e estava fora de vista. Nesta altura, já devia ter sido evacuada. Dan Henry estava só, entre a estrada deserta e o grande mar.

Apoiou novamente as costas e empurrou o bloco de concreto. Se conseguisse calçar o objeto, nem mesmo uma tempestade o arrastaria.
Poderia retirar a corda improvisada e recolocar a correia no radiador do carro. Então, iria refugiar-se em algum lugar até diminuir a tempestade.

O sangue rugia em seus ouvidos e o concreto áspero rasgava-lhe a pele. Uma tosse sufocada explodiu-lhe na garganta. O bloco cedeu um pouco. Dobrou os joelhos e com as mãos para trás, aproveitando o impulso de uma onda, empurrou novamente. O bloco escorregou e, arrastado pela onda, rolou para o meio da água. O objeto estava preso. Poderia balançar e rodar de um lado para outro, mas não voltaria para o mar, Dan Henry deitou-se numa pedra e, satisfeito, limpou o sangue da boca com a mão.

O serviço terminara. Poderia sair dali agora e esconder-se em algum lugar. Após a tempestade, poderia voltar e certificar-se de que ainda estava ali. Então, reclamaria seus direitos num dos pequenos postos, ou na grande base naval de Boca Chica. De tudo isto restaria o dinheiro no bolso. Os cortes e arranhões não seriam mais que cicatrizes.

Desamarrou a corda e retirou dela a correia do radiador, deixando o resto perder-se no mar. Ao sair da água, ficou preocupado, pois não sabia se o distribuidor do carro estava seco.

Escurecera ainda mais. Não completamente, pois o céu tempestuoso era estirado a oeste pela

luz avermelhada do horizonte, mas o suficiente para que seu carro fosse apenas uma grande sombra. Por fim o distribuidor secou e os velhos faróis dianteiros se acenderam. Olhou para trás e viu um carro se aproximando. Os faróis deste último permitiram-lhe ver as nuvens de espuma que varriam a estrada e a crista branca das vagas que remontavam as pilastras e caíam verticalmente sobre a pista. A tempestade progredia mais rapidamente do que pensara. Perguntava-se quem seria o louco que ousara enfrentar aquele trecho da estrada e compreendeu tudo, ao ficar sob o foco de um "flash" que se acendeu subitamente. A polícia federal ou estadual estava a procura de pessoas surpreendidas pelo furacão.

O carro de polícia brecou violentamente, derrapando na pista molhada e ficou atravessado na estrada. O chofer acendeu imediatamente o farol vermelho do teto, mais por força do hábito, pois não havia tráfego para advertir. Os quatro focos de luz vermelha riscavam monotonamente a estrada, o recife e o mar. Graças a eles, Dan Henry percebeu pela primeira vez com que fúria estava chovendo. O "flash" foi apagado, a luz alta dos faróis apontava para a estrada. Os dois homens eram iluminados somente pela luz vermelha do farol do teto.

O guarda não saiu do carro. Esperou que Dan Henry se aproximasse e baixou o vidro. Depois, vendo o corpo machucado de Dan Henry, pensou melhor. Rápido, abriu a porta e desceu com a mão no revólver. Era atarracado, com voz grossa e de gestos bruscos. Tinha os olhos semicerrados.

— Que aconteceu por aqui, Mac?

Dan Henry balançou a cabeça.

— Nada de grave. Estava lá embaixo nas pedras. As ondas me pegaram um pouco.

As calças e o blusão de couro do guarda já estavam ensopados. A água escorria-lhe pela face e ele limpava irritadamente os olhos.

— Que fazia lá embaixo? Está louco?

Olhava desconfiado, a mão firme no revólver.

Dan Henry também tinha sido da polícia. Não se surpreendia com a atitude do guarda. A polícia é paga para se irritar com tudo que não tenha explicação simples.

— Encontrei um objeto no mar e estava salvando-o — disse calmamente. — A tempestade me apanhou antes que tivesse terminado.

Ao relatar isso, percebeu como estava cansado. Esperava que o assunto com o guarda terminasse logo, podendo assim pegar o carro e dirigir-se rapidamente para um abrigo. O vento estava gelado e o constante impacto da água em sua pele começava a paralisá-lo.

O guarda arriscou um rápido olhar para a água e fixou os olhos duros em Dan Henry.

— Não vejo nada. Que objeto era esse? Que faz com esse cinto na mão?

— É de metal — continuou Dan Henry. — Enorme, nunca vi coisa igual antes. O cinto estava segurando-o.

— E que é que o está segurando agora? E por que enorme? De que tamanho é? Por que não posso vê-lo daqui?

— Empurrei uma pedra atrás dele — disse Dan Henry pacientemente. — É tão grande quanto um carro e, agora, está coberto pela água.

— Velhinho, isto não está me soando bem.

O guarda puxou o revólver e o segurou, sem ainda apontar para Dan Henry.

— Que jeito tem essa coisa?

— É como um foguete, penso.

— Ora, por que diabos não disse antes! — gritou o policial, acalmando-se um pouco. — Já é mais razoável. Deve ser um desses aparelhos da Marinha. Ela vive atirando coisas no mar. Você não vai mexer mais nisso, velho! É propriedade do governo. Tem que devolvê-la, é seu dever.

— Não penso assim.

— Como não pensa assim?

O braço que segurava o revólver ficou tenso novamente.

— Não parece um foguete da Marinha. Não parece foguete de ninguém, que eu saiba. Disse que era uma espécie de foguete. Não sei o que é, creia-me.

Dan Henry começava a ficar nervoso. Não gostava do jeito que as coisas tomavam. Ficou atento no revólver.

— Você entende muito de foguetes?

— Leio os jornais. Não se trata de uma peça. Não é o primeiro estágio, nem o cone de um foguete. É uma coisa inteiriça e nunca foi parte de uma coisa maior. Deve ter ficado n'água uns dois anos pelo menos, sem se quebrar. Mostre-me um foguete da Marinha que seja assim.

O policial olhou para ele.

— Talvez esteja, certo — disse lentamente. — Suponhamos que você o ilumine com o "flash". Experimente.

Deu um passo para trás.

Dan Henry pôs o braço pela janela do carro e acendeu o "flash", fazendo-o roçar sobre a água. Assustou-se ao ver como as ondas haviam crescido. Sob o facho de luz o mar era um verde ameaçador, carregado de espuma, batido pela chuva e furiosamente vivo. Uma lufada violenta fez o carro balançar. O pálido foco de luz incidia sobre o mar, adiante do facho intermitente emitido pelo farolete do teto. As ondas desapareciam sob a chuva cerrada.

Finalmente, encontrou o objeto. Por um momento, havia pensado que o mar o arrastara. Mas ainda estava lá, preso sob as ondas, mostrando apenas a larga parte traseira, movendo--se como um animal, ao impacto da água.

— Lá está — disse, surpreendendo-se com o alívio que sentia. — Está vendo?

— Sim. Sim. Já o vi bastante — disse o guarda. — Você encontrou mesmo alguma coisa.

Havia uma súbita dureza em sua voz, denunciando a decisão que tomara.

— Meu revólver está apontado para você, velho. Afaste-se do carro, devagar. Para ficar mexendo por aqui apesar do furacão, é porque está fazendo alguma coisa criminosa. Se esse negócio é um foguete da Marinha, então sei que espécie de canalha você é.

— Cristo! — murmurou Dan Henry para si mesmo. Sentia uma raiva sutil, que era quase um prazer. E não porque o "tira" o julgara um "comuna", mas porque insistia no negócio de foguete, ou sei lá o quê.

Virou-se de um salto. A correia em sua mão girou no ar com toda força de seu braço e arrancou o revólver da mão do guarda. O revólver escorregou pelo asfalto molhado e Dan Henry atirou-se ao chão para apanhá-lo. Ainda deitado, apontou o cano para o estômago do guarda.

— Afaste-se — disse. — Afaste-se. Não vai tirar esse negócio de mim. Suei sangue para salvá-lo e você não vai me prender para ficar com ele.

O guarda recuou cautelosamente, com as mãos para cima sem que ninguém mandasse,

esperando uma oportunidade. Dan Henry fê-lo caminhar até ficar longe dos carros e abriu a porta do seu. Atirou o revólver e a correia para dentro dele, bateu a porta e disse:

— Você o receberá de volta depois. Ou, se quiser, tente tomá-lo de mim agora, com as mãos limpas.

Estava tremendo com a tensão dos músculos e tinha os braços abertos. O largo tórax afundava com o arfar dos pulmões. O facho rubro do farolete do teto banhava-o de instante a instante.

— Esperarei — disse o guarda.

— Agora — disse Dan Henry — quero usar o seu rádio. Quero que estabeleça contato e relate isto. Mas deve falar primeiro com a Marinha, depois pode chamar seu posto.

O guarda olhou desapontado.

— Você é. . . ? — perguntou.

Dan Henry percebeu sua confusão. O guarda pensava ter cometido um erro. Mas Dan Henry não tinha tempo a perder. O vento cada vez mais forte obrigava-o a firmar as pernas. As ondas varriam a estrada com grande violência e os dois carros escorregavam perigosamente. A chuva ininterrupta metralhava a cabeça de Dan Henry e transformava o blusão de couro do policial numa massa ensopada. O mar rebentava, trovejando contra as pilastras, fazendo estremecer o próprio leito da estrada.

Dan Henry estava rouco. Tanto ele como o guarda, sem o perceberem, haviam elevado pouco a pouco as vozes e agora estavam gritando um para o outro.

— Vá para o carro e faça a ligação — gritou.

O policial avançou, Dan Henry afastou-se. Entrou no automóvel, sob o olhar atento de Dan Henry, que ficara junto à porta, e ligou o rádio.

— Informe-os onde estamos — disse Dan. — Diga-lhes o meu nome — Daniel Morris Henry. Conte-lhe o que eu disse sobre as características do objeto e que estou reclamando direitos de salvamento. O resto diga como quiser.

Contra a vontade, o guarda moveu os ponteiros, tirando-os do ponto habitual. Em seguida, retirou o microfone do suporte e começou a chamar Boca Chica, com voz obstinada. De tempo em tempo, dizia: "Câmbio" e ligava o receptor. Ouviam o costumeiro crepitar da estática e nada mais.

— Olhe, velho — disse o policial — não vamos conseguir nenhum contato. A estação de Boca Chica deve estar fora do ar. Ou então meu transmissor não funciona por causa da chuva. Virou-se para o mar.

— Quanto tempo ainda ficaremos aqui?

Provavelmente porque já presenciara muitos furacões começara a ficar nervoso.

— Tente mais uma vez — disse Dan Henry.

Olhava fixamente para o guarda, mas não via nada de errado no que este fazia. Dan não conhecia a freqüência de Boca Chica e aí é que estava o problema. Contudo, usara muitas vezes os rádios da polícia e perceberia qualquer outra trapaça.

O guarda chamou Boca Chica mais cinco minutos e parou novamente.

— Nada. Escute, meu chapa. Você já fez o que tinha de fazer. Talvez esteja realmente atrás do dinheiro. Talvez não. Mas acontece que daqui a pouco as ondas cobrirão a estrada. Por que não saímos logo daqui?

— Tire o cristal desse rádio — disse Dan Henry.

Não tinha escolha a fazer. Se fosse embora com o guarda, já sabia; iriam atirá-lo numa cela qualquer por resistir à prisão e atacar um policial. Deixá-lo-iam lá até quando lhes interessasse. Enquanto isso alguém se lembraria de receber o dinheiro da Marinha em seu lugar. O que devia fazer era calar o rádio do guarda e mandá-lo embora. Não estava seguro de que o rádio não funcionaria na freqüência da polícia.

Talvez o guarda avisasse a Marinha logo depois de ter comunicado o fato a seus superiores. De qualquer forma — se tratasse ou não de um foguete — era assunto do governo. Então, talvez a Marinha chegasse ali antes da polícia. Ou pelo menos antes de o terem levado. Caso contrário, tudo estaria perdido.

Com isso, estava decidido a ficar numa estreita plataforma, no meio de um furacão do Atlântico.

— Dê-me o cristal. Rápido.

Fitando-o sempre, o guarda tateou sob o painel, no estreito espaço ocupado pelo rádio, e retirou do soquete o cilindro de alumínio. Aguardava uma oportunidade para agarrar o braço de Dan Henry.

— OK — disse Dan. — Atire-o na estrada e dê o fora. Você o terá de volta junto com o revólver. E, se tiver juízo, assim que encontrar um telefone, ligue para a Marinha.

O guarda jogara o cristal que o vento fizera rolar para baixo do automóvel de Dan Henry. Dan estava para fechar a porta do carro, quando um foco de luz violenta irrompeu de dentro d'água, passou pela luz vermelha do farolete e levou-se através da chuva, através das nuvens negras, em direção às estrelas.

— Vem dali! — murmurou o guarda.

Dan Henry bateu a porta.

— Saia daqui, homem!

Lá embaixo, entre as pedras, um arco luminoso ligava as duas hastes do nariz do objeto. A água fervilhava em volta dele, mas por mais que as ondas se agitassem, o facho de luz continuava iluminando o objeto e as pedras, tornando a água transparente. E partindo da coroa desse arco, a estreita coluna de luz violenta apontava reta, sem, se difundir, como um traço riscado do inferno até o céu.

Os pneus do carro de polícia derraparam no asfalto.

— Vou buscar ajuda — gritou o guarda nervosamente, em meio ao ruído que fazia o motor do carro.

Então, o carro partiu. Seus faróis varriam a estrada, iluminando a chuva e a espuma das ondas. O vento fazia o dançar de um lado para outro, enquanto o farolete do teto girava monotonamente e o som da sirene perdia-se no estrondo das vagas. Dan Henry ficou só, na treva perfurada pela coluna de luz violeta.

Agora que não havia um carro de polícia para protegê-lo do vento, foi empurrado violentamente até que se encostou no seu próprio carro. A água feria-lhe os olhos. Curvou-se e esfregou-os até amenizar o ardor provocado pelo sal. Depois, arrastou-se até a amurada do lado do Atlântico. A crista das ondas batia em seus pés.

A chuva martelava-o sem descanso. Protegeu o nariz com a mão, para poder respirar, e subiu na amurada.

Nada mais se via. A coluna violeta continuava a irromper do arco luminoso. O objeto emergira quase meio metro e movia-se vagarosamente, como uma baleia presa num tanque.

O rádio, pensou. Deve ter sentido o rádio do carro. Nada mais acontecera para despertá-lo naquele exato momento. Devia ter esperado um pouco — analisando, talvez, o que havia encontrado; talvez estudando o facho de luz intermitente do farolete. E pela primeira vez, desde o dia, anos atrás, em que havia caído no oceano, encontrara motivo para emitir um sinal.

Para onde? Nem para ele, nem para o guarda. A luz não estava apontada para a estrada. Avançava para o alto, reta, perdendo-se de vista através das nuvens. Dan tentava segui-la com os olhos, mais a chuva obrigava-o a baixar a cabeça.

Não havia ninguém dentro do objeto, pensou Dan Henrv. Não poderia haver. Dera várias pancadas em seu bojo, fazendo sinal, e não obtivera resposta. Além disso, o objeto estava no mar há muito tempo, completamente fechado, raspando o invólucro metálico no fundo do oceano ao impulso das correntes, rolando, girando, com apenas aquelas duas antenas para sentir o mundo à sua volta.

Poderia estar equivocado, sem dúvida. Algo poderia estar vivo ali dentro, respirando, graças a um fantástico reservatório de ar, alimentando-se de pequenas rações aprovisionadas, livrando-se de alguma maneira dos restos. Não imaginava como podia ser. Não tinha lógica alguém se fechar daquele jeito, sem saber quando iria escapar.

Sim, poderia estar errado. Talvez não tivesse reagido a nada do que aconteceu na estrada. Talvez ignorasse tudo que ocorria fora de si mesmo, obedecendo a propósitos que nada tinham a ver com este mundo e seus habitantes. Mas fosse uma coisa ou outra, Dan Henry imaginava quem estaria atirando coisas sobre a Terra e delas recebendo sinais.

A água subiu ainda mais. Cobria a plataforma, rolava sobre a estrada e ia despejar-se nas rochas do lado do Golfo. Alcançara a metade da altura de seu carro. Lembrou-se do cristal do rádio. Deveria estar longe agora, voando na crista das ondas cortadas pelo vento. A boca de Dan Henry se contraiu. Agora tinha de comprar um. Por certo, não deixaram escapar tão facilmente. Poderiam acusá-lo de roubo. E de destruir propriedade pública. Por outro lado, se fosse varrido daquela plataforma, nem mesmo precisariam pagar seu enterro. Riu sarcasticamente.

Uma vaga quebrou sobre ele. Havia feito um suporte, amarrando suas calças numa das vigas da plataforma. A onda passou e lá estava ele, nu, com o cano das calças amarrado no peito. O vento atingia-o agora com uma fúria que jamais sentira antes. Nem mesmo colocando a cabeça na janela de um carro em alta velocidade. Veio mais uma onda. Estava quente, mas o vento logo a evaporou. Sua pela ardia, os dentes batiam. Examinou o nó das calças, certificando-se de que estava firme. A pressão reduzira-o a uma pequena bola.

Enfim, estava bem. O mesmo podia dizer dos abençoados engenheiros que haviam construído a estrada, assentando-a sobre o leito da estrada de ferro destruída por um furacão. Haviam aproveitado os trilhos, capazes de suportar o peso de uma locomotiva, e fizeram com eles a amurada.

Dan Henry riu para si mesmo. A amurada agüentaria. As calças agüentariam ou o lojeiro era um mentiroso. Apenas com relação a Dan Henry, havia algumas dúvidas. Dan Henry — o duro Dan Henry, com o peito cortado, a pele machucada, sendo rasgada, novamente pelas ondas que o jogavam contra o solo — quase enlouquecendo, porque estava ficando em carne viva.

"Meu bom Deus, estou fazendo isso por dinheiro?" Não, pensou, enquanto uma onda lhe

inundava as narinas. Não, já não é mais. Quando essa coisa soltou a luz e eu não saltei para dentro do carro do guarda, foi que percebi que não era pelo dinheiro. Por que, então? Deus sabe.

Curvou-se para o lado, esticou o pescoço e olhou a seta de luz violeta que varava as nuvens. Faça sinal, canalha! Continue! Faça o que quiser. Enquanto souber que está aí, ficarei firme.

Bem, por que motivo, então, fazia isso? Dan Henry lutava para aliviar a pressão da faixa de pano sobre seu peito. Deus sabia, mas Dan Henry tinha de descobrir por si mesmo.

Não era o dinheiro — decidiu. Que mais? Verdade? Grande, forte Dan Henry, um furacão não consegue pará-lo. Grande, forte, maravilhoso
Dan Henry — seriam esses seus pensamentos?

Soltou uma gargalhada. O grande, forte Dan Henry ali estava, frágil como uma boneca de pano, nu como um bebê, rezando para que suas calças não se rasgassem. A tempestade varrera seu orgulho, como já fizera com o interesse pelo dinheiro.

Então, o quê? Amaldiçoou sua própria estupidez. Ali estava, sem saber por quê? Ali estava, sendo empurrado para a morte, afogado, rasgado ao meio pelo vento. Estava fixado ali e ninguém poderia salvá-lo.

Uma vaga roncou sobre a estrada e bateu no carro, arrancando uma calota, que se perdeu na escuridão. O carro inclinava-se sobre a amurada do lado do Golfo. A amurada cedia ao seu peso e metade do carro estava suspensa sobre as rochas. Uma a uma, as ondas quebravam sobre ele. A amurada rangia. Dan Henry com o olhar parado, a água a escorrer-lhe pelas faces, fracamente iluminado pela luz violeta, viu o vento empurrar o carro e romper a amurada.

As janelas do carro estavam retorcidas, os vidros quebrados. O teto estava sendo despedaçado, o que já acontecera com o cano de escapamento.

A um novo impacto das ondas, a amurada rompeu-se numa das pontas e o carro deslizou para a direita, empinou-se, ficando suspenso à beira da estrada, o radiador desmantelando-se sob a fúria do vento, até ser inteiramente arrancado. Finalmente, o carro rolou sobre as pedras e afundou-se no mar.

"Terei de comprar um novo revólver para o guarda, também?" — pensou. O vento começava a amainar. As águas hesitavam. As ondas rolavam sobre a estrada vagarosamente, muito mais altas do que quando o vento as soprava, mas de um modo suave. A chuva acalmou. O olho do furacão terminara de passar.

Libertou-se do cinto improvisado e ficou de pé. Curvou-se sobre os restos da amurada e olhou atentamente para o oceano e o objeto.

A coluna de luz perdia-se de vista, reta, pura, precisa. Contudo, o mar encobria completamente o objeto, fazendo um estranho ruído que nada tinha a ver com o rumor das ondas. O ruído penetrava-lhe os ouvidos e irritava-o.

Tendo-se acalmado a pressão do vento, as ondas balançavam, chocando-se umas às outras, afastando-se, colidindo outra vez, aguçando as cristas. Dan Henry ouvia o rumor das ondas contra o barranco da estrada.
Não enxergava quase nada. Escurecera e muito mal podia divisar a ponta das vagas, refletindo a pálida luz violeta.

O objeto estava completamente oculto e o arco luminoso era apenas um brilho irrequieto sob a água. A coluna violeta parecia nascer da superfície do mar e conservava quase toda a luz comprida em seus limites.

Dan Henry sentiu-se zonzo. Fazia um calor sufocante. A umidade pegajosa penetrara em seus pulmões e o abalara. Levantou a cabeça. As nuvens amontoavam-se no céu, deixando entrever as estrelas de espaço a espaço.

Ouviu-se um som agudo e um círculo coruscante de chama azul desceu velozmente pela coluna de luz. Provinha do céu e ao atingir a água, ouviu-se novamente o som e outro círculo, desta vez partindo do arco luminoso, subiu pela coluna, fazendo a água borbulhar. A coluna violeta estremeceu e um halo vermelho formou-se em torno de sua base e começou a subir vagarosamente. Quando atingira cinqüenta metros acima de Dan Henry, dividiu-se, deixando atrás de si um anel mais estreito que manteve a mesma velocidade e aumentou a sua, até se dividir outra vez e novamente acelerar, e assim perdeu-se de vista, deixando para trás uma corrente de anéis menores, que se moviam lentamente. Ficaram suspensos no ar, como um caminho para as estrelas. Então, foram desaparecendo e a coluna violeta apagou-se.

O céu estava completamente vazio. O objeto estava imóvel sob a água. Dan Henry piscava os olhos, ferido pelas luzes. Estava escuro como breu e mal podia ver a espuma branca das ondas que rebentavam nas rochas.

Vindo em sua direção, faróis cortavam a noite. Sobre eles girava uma luz vermelha.

O carro de policia estava coberto de folhas molhadas e pequenos galhos de palmeiras. O guarda brecou atrás de Dan e abriu a porta.

— Deus do céu! Ele ainda está aqui! Não foi embora! — disse para alguém sentado ao lado dele.

— Que aconteceu? — perguntou a Dan Henry. — Que negócio era aquele das luzes?

Dan Henry olhou para ele.

— Fez o que pedi? — murmurou.

— Sim, fiz. Fui para um posto de observação da Marinha. O telefone não funcionava e não pude chamar meus superiores. Encontrei este cientista da Marinha. Trouxe-o comigo, quando o olho do furacão passou. Ele acha que temos ainda uns vinte minutos, antes que a outra ponta do furacão chegue aqui.

O outro homem descera do automóvel. Era magro, faces angulosas e usava óculos sem aro. Vestia um terno de tropical barato e mal feito. Olhou para o rosto vermelho de Dan Henry e perguntou:

— Está bem?

— Sim.

O homem enrugou a testa.

— Trabalho no posto de observação de satélites que fica ao norte daqui. O que era esse objeto?

— Está lá embaixo. Responderam ao meu sinal; entenderam e apagaram. Pelo menos, é o que penso.

— Pensa, não é? Pois talvez esteja certo. De qualquer maneira, não dispomos de muito tempo. Comunicarei o fato para o comandante do distrito naval tão logo os telefones voltem a funcionar, mas gostaria de dar uma olhada nele. Poderemos perdê-lo. . .

— Não o perderemos — retrucou Dan Henry.

O professor olhou-o fixamente.

— Por que está tão seguro?

— Calcei-o — respondeu Dan Henry com ênfase. — Quase me arrebentei, quase me afoguei para bloqueá-lo. Tomei o revólver de um guarda para poder ficar aqui. Fiquei. Quase morri afogado, quase fui cortado em dois, quase fui despedaçado de tanto bater no chão e não iremos perdê-lo agora.

— Compreendo. . . disse o cientista, voltando-se para o guarda. — Se tiver algum sedativo em sua caixa de socorro, é bom trazê-lo — murmurou.

— Devo ter. Vou verificar.

— E acenda o seu farolete sobre o objeto, por favor — acrescentou inclinando-se na amurada. — Embora julgue que não veremos muito.

O foco amarelado do farolete roçou pela água. Nada se via. O guarda moveu a luz de um lado para outro, procurando o objeto. Dan Henry fez um gesto de impaciência.

— Deixe a luz nesse ponto. Aí é que ele está.

— Mas não estou vendo nada!

— Está aí — disse Dan Henry. — Não fiquei aqui todo esse tempo à-toa.

O professor voltou para a amurada, mas não viu nada.

— Tem certeza de que está ali? — perguntou.

— Sim. A uns dez metros de profundidade.

— Bem — suspirou o professor. — Descreva-me o melhor que puder tudo que aconteceu.

— Creio que se trata de um foguete sonda — disse Dan Henry. — Penso que alguém lançou isso aqui, de algum lugar, com a intenção de descobrir coisas. Não sei quem é esse alguém, mas estou quase certo que o havia perdido por alguma razão e não sabia onde se encontrava até o momento em que ele emitiu o sinal. Não sei por que isso aconteceu.

— Acredita que é de origem extraterrestre?

Dan Henry olhou para o professor.

— E o senhor, não acredita?

O professor estava nervoso.

— Não.

— Não gostaria de acreditar? — insistiu Dan Henry.

O professor olhou rapidamente para o mar.

— Tome — disse o guarda, estendendo um frasco para Dan Henry — Sedativo.

Dan Henry arrancou o frasco da mão do guarda e quebrou no chão.

— Olhem! — murmurou o professor.

Levantaram as cabeças. Algo enorme, largo e multialado, recortava-se francamente contra a luz das estrelas.

— Oh, Deus! — disse o guarda.

Sons agudíssimos irromperam do objeto sob a água e impulsos luminosos subiram para o céu.

Em resposta, principiou a cair uma chuva de raios dourados. O objeto estremeceu, as pedras moveram-se.

— Raios magnéticos — disse o professor, com voz abafada. — Teoricamente impossível.

— O que vai acontecer? — perguntou o guarda.

— Vão içá-lo — respondeu o professor — e levá-lo de volta sei lá para onde.

Dan Henry começou a praguejar.

O objeto flutuante deslizou para baixo, revolvendo o ar. Os três homens ouviram rumor

distante, entrecortado de ruídos metálicos.
O objeto dentro d'água tentava elevar-se, lutando contra as pedras.
— É melhor nos afastarmos — disse o professor.

O rumor tornava-se cada vez mais forte. O guarda e o professor recuaram para o carro.

Dan Henry, porém, não o fez. Contraiu os músculos e saltou para a água.

Nadou furiosamente, enfrentando as ondas que o submergiam, batendo os pés com firmeza. Mas a força que atraía o objeto acalmara o mar a sua volta. Dan Henry movia os braços com desesperada precisão e, no instante que o objeto se libertava, agarrou-se a ele.

— Não, meu velho — disse, segurando uma das hastes. — Não sem me levar. Ficamos muito tempo juntos.

Sorriu friamente para a nave espacial, enquanto se elavava no ar em direção a ela.

ESTRANHAS COISAS

Hi-hi-hi! — gritou Grandão, erguendo a parte dianteira da Coisa. — Hi-hi-hi — repetiram Gordo e os outros doze, mais suavemente, segurando na Coisa onde podiam. Ela foi carregada para diante, com grande esforço.

— Hi-hi, hi-hi-hihihi — cantava Elfo, correndo e saltando em torno dos homens ofegantes sob a pesada carga.

Moveram-na quase trinta metros, sobre a grama.

— Ah-ha-ha — arquejou Grandão ruidosamente, pousando devagar a dianteira da Coisa, que se afundou na terra negra e macia.

— Ahhh — suspiraram Gordo e os outros, soltando o peso e endireitando-se. Esticaram os músculos doloridos das costas e esfregaram as mãos endurecidas.

— Ah-ah-ah-ah-ah-ah — cantou Elfo, correndo em volta e no meio dos homens que descansavam. Aproximou-se demasiadamente do Grandão e foi atirado ao chão por um rápido, bem humorado, empurrão.

Todo mundo riu. Grandão ria mais alto e ajudou Elfo a se levantar, batendo-lhe nas costas afetuosamente, o largo sorriso abrindo um abismo dentado no alto de sua barba cerrada.

Elfo correspondeu ao sorriso e, nesse momento, o desejo permanente de crescer e se tornar alto e forte como Grandão, percorreu-o com renovada intensidade.

Abruptamente, Grandão saltou para a frente da Coisa, gritando Hihi-hi!

— Hi-hi-hi! — ecoaram os outros, cambaleando para seus lugares. E mais uma vez arrastaram a Coisa por uns trinta metros — e assim repetidas vezes, através da grande planura.

Uma vasta plantação de morangos silvestres tornou-se visível num dos lados. Grandão mudou o curso em sua direção. O caminho, agora, era em aclive e as arrancadas para frente diminuíram para vinte, depois para quinze metros. Quando atingiram as amoreiras, estavam molhados e brilhantes de suor.

Era uma plantação fértil, carregada de amoras maduras. Os homens, a princípio, comeram avidamente, depois com mais vagar, rindo-se uns dos outros, ao verem as barbas enlambuzadas. Quando esgotavam uma área, agarravam a Coisa, deslocavam-na alguns metros e começavam a despojar outras árvores, sem nunca se afastarem mais de uns poucos centímetros da Coisa.

Elfo apanhava as amoras, ora com um, ora com outro companheiro. Quando ficou satisfeito, começou a brincar, pegando punhados de amoras e esmagando-as nas costas ou no peito do homem que estivesse mais perto, para fugir em seguida, rindo-se: Èra um brinquedo perigoso, ele o sabia, pois se o apanhassem, seria atirado nos espinheiros.

Finalmente, todos se afastaram e graças a brincadeiras de Elfo pareciam transpirar sementes de amora. O sol atingira o meio da tarde. Ao longe, mostrava-se uma linha de árvores de troncos esbranquiçados, prenuncio de algum rio.

— Hi-hi-hi, gritou Grandão.

Começou a viagem em direção às árvores. A maior parte do caminho era em declive e os

lances agora alcançavam quase cinqüenta metros.

Antes que pudessem ver a água, sentiram seu cheiro. Grunhiam deliciados com o odor forte de peixe, prenunciando muita comida. Misturado a esse odor, sentia-se o aroma picante dos eucaliptos.

Arrastaram-se para frente com renovado esforço, o suor a escorrerlhes pela pele, dissolvendo as sementes de amora e formando filetes que pareciam sangue purpúreo.

Quando estavam a menos de cem metros da corrente, ainda oculta pelo capim alto e pelas árvores que cresciam no barranco, ouviram um murmúrio de vozes estridentes — vozes de mulher. Ficaram agitados e nervosos. Os deslocamentos reduziram-se a 5 metros, os períodos de descanso tornaram-se mais longos e eles perscrutavam preocupados por entre as árvores, buscando sinais de movimento.

Mudaram de direção, a fim de chegar ao rio, cem metros abaixo de onde provinham as vozes. Logo alcançaram os limites do arvoredo. Era muito difícil carregar a Coisa através da galharia enredada. Às vezes, de frontavam-se com troncos demasiadamente próximos para permitir que a Coisa passasse entre eles e tinham de voltar e tentar novo caminho. Levaram quase duas horas para atravessarem o arvoredo e chegarem ao barranco do rio.

Somente Elfo reconheceu o lugar a que haviam chegado como o mesmo que tinham abandonado dois dias antes. Sabia que a esse respeito era diferente, não somente do Grandão e dos outros adultos, mas de todos os Elfos, com exceção de uma jovem. Sempre soubera disso. Aprendera-o por inúmeros pequenos fatos. Por exemplo, reconhecera o lugar assim que haviam chegado. Grandão e os outros nunca se lembravam de um fato por muito tempo. Arrastando a Coisa por entre as árvores faziam tolices como sempre e as iam repetindo sem nunca aprender.

Elfo tinha outra diferença, também. Podia emitir mais sons do que os outros. Algumas vezes, carregava consigo uma pequena Coisa, que o fazia sentir-se tão seguro quanto a Coisa grande e, assim, passear sozinho com a pequena Coisa, brincando de emitir "Bz-bz. Walla-walla-walla-ruela-lo-hi. Da!" — toda espécie de som. Excitava-o ser capaz de produzir sons diferentes e juntá-los de forma agradável aos ouvidos, mas esses sons faziam com que os outros o evitassem e o observassem à distância, com ar preocupado. Ele procurava não fazer sons diferentes perto deles.

As mulheres e os Elfos achavam-se cem metros rio acima, onde costumavam ficar. Pela maneira com que elas andavam de um lado para outro, alarmadas, era evidente para Elfo que já não se recordavam de que os homens haviam estado ali alguns dias antes. Passariam dois ou três dias antes que, vagarosamente, perdessem o medo uns dos outros. Seriam primeiro as mulheres e seus Elfos que, cautelosamente, se aproximariam, agarrados, por segurança, as suas Coisas portáteis, até que, afinal, perdendo o medo, se juntariam todos num só e grande grupo.

Grandão e os outros arrastaram a Coisa até a margem do rio, de modo a poderem entrar n'água sem se distanciarem muito dela. Tremiam e gritavam excitados enquanto se banhavam. Gordo gritou de alegria ao mostrar aos outros um peixe que se debatia em suas mãos. Mordeu-o com os dentes alvos e poderosos, a água a escorrer-lhe pela barba cerrada. Sua fome aumentou. Engoliu aos poucos o peixe e começou a procurar outro. Sempre pegava dois peixes para cada um que os outros conseguissem, e por isso era gordo.

Elfo também apanhou um peixe. Após comê-lo deitou-se na grama do barranco, observando as nuvens que se avolumavam no céu azul. O sol achava-se agora perto do horizonte, semi-oculto

por uma nuvem, emitindo divergentes fachos de luz. As nuvens no ocidente coloriam-se vagarosamente de vermelho, laranja e verde, em áreas difinidas. O suave murmúrio da corrente criava fundo monótono para as vozes excitadas dos homens. De longe, fracamente, chegavam-lhe os sons das mulheres e dos Elfos.

Aqui, junto ao chão, o cheiro da terra fértil era mais forte que o do rio. Pouco depois, soprou uma leve brisa, trazendo os odores dos pinheiros distantes, dos eucaliptos rescendentes e um cheiro forte de animal.

Grandão e os outros saíram finalmente da água. Meio dormindo, Elfo viu-os arrastando a Coisa para um lugar seco. Como se tivesse esperado apenas por isso, o sol repentinamente desapareceu no horizonte.

As nuvens do lugar em que havia estado o sol pareciam arder num vermelho fosco que, aos poucos, ia escurecendo. Uma a uma, as estrelas foram surgindo.

Uma multidão de roncos irrompeu dentro da noite. Elfo caminhou entre as formas adormecidas até que encontrou Grandão e deitou-se apoiando a cabeça em seu peito, a mão direita pousada sobre o frio e liso metal da Coisa.

Elfo despertou com o sol brilhante da manhã a bater-lhe nos olhos. Grandão havia saído e já estava dentro do rio a procura de peixes. Alguns outros estavam consigo. Começou, então, a procurar uma Coisa pequena. Havia muitas delas por ali, todas iguais. Examinou-as, sem tocar em algumas, tocando e mesmo batendo em outras. Como eram todas iguais, era mais um problema de tato que de aparência. E somente uma parecia ser a Coisa. Elfo examinou-a várias vezes.

Por fim, ergueu-a e carregou-a até à Coisa grande, ocultando-a debaixo dela. Grandão, com gritos de alegre exuberância, subiu para o barranco espirrando água. Riu para Elfo.

Elfo olhou na direção das mulheres e dos outros Elfos. Alguns deles caminhavam para onde se achava, cada um carregando sua Coisa, todas da mesma espécie, muitas semelhantes a que ele havia escolhido.

Num temor súbito de que alguém pudesse roubar sua nova Coisa, Elfo retirou-a do esconderijo. Tentava ocultá-la atrás de si quando alguém olhava para o seu lado. Eles desdenhavam a Coisa individual e preferiam, como os homens, uma Coisa pesada demais para uma só pessoa.

À medida que o dia avançava, mulheres e Elfos aproximavam-se mais, fingindo, às vezes, não ver os homens e outras fugindo abertamente, tomadas de pânico.

Os homens nunca se afastavam mais de cinco metros da Coisa. Mas com a aproximação das mulheres, os homens tornavam-se mais agressivos uns com os outros. Ao meio-dia, dois deles provocavam para brigar quem quer que passasse por perto.

Elfo agarrou a sua pequena Coisa e moveu-se rio abaixo, até distanciar-se dez metros da Coisa Grande. Cautelosamente avançou mais alguns metros — mais longe do que qualquer outro ousara ir. A princípio, sentiuse seguro, depois o pânico assaltou-o e correu de volta, deixando cair a Pequena Coisa. Encostou-se na Coisa Grande, até que o medo passasse. Algum tempo depois procurou a Pequena Coisa e apanhou-a. Passeou um pouco com ela, até se sentir novamente seguro. Por fim, tornou a descer o rio, dez metros, vinte, trinta. . . Finalmente, sentiu medo, mas não insuportável. Quando já não era mais possível agüentar, virou-se calmamente e voltou.

Ganhava confiança. Uma hora mais tarde, desceu o rio, até perder de vista os homens e a

Coisa Grande. A segurança parecia fluir calidamente da Pequena Coisa.

Ficou excitado. Correu aqui e ali, agarrando a Pequena Coisa para não perdê-la. Sentia-se livre!

— "Bdlboo" — disse alto, experimentando. O som lhe agradou.

— Bdlboo-bdlboo-bdlboo.

Viu um galho de amoreira a sua frente e correu para apanhar a deliciosa fruta.

— Riddle piddle biddle — disse. Soava bem.

Vagou por ali, e algum tempo depois encontrou uma relva macia e estendeu-se nela, segurando negligentemente a Pequena Coisa. Olhou para o alto, para uma camada de nuvens que rolava numa direção e outra camada que rolava em direção contrária.

Subitamente, ouviu vozes.

A princípio, pensou que o vento houvesse mudado de direção e trouxesse até ele as vozes dos homens. Ficou escutando. Vagarosamente, percebeu que as vozes eram diversas. Estavam juntando sons, como ele costumava fazer.

Ficou maravilhado. Como poderiam haver outros capazes disso?

Sem temor, embora cauteloso, apertou a Pequena Coisa contra o peito e caminhou furtivamente em direção aos sons.

Após avançar alguns metros divisou sinais de movimento por entre as árvores. Deitou-se no chão e ficou quieto por algum tempo e, ganhando coragem, levantou-se cautelosamente, pronto para correr. Curvandose, caminhou para frente até entrever algumas figuras que se moviam. Correndo de árvore a árvore, aproximou-se deles, ouvindo com grande excitamento, como nunca sentira, a suave e fluente variedade de belos sons que emitiam.

Havia algo desconhecido, uma espécie de jogo. Uma voz lançava uma torrente de sons e parava; outra lançava uma torrente de sons diferentes e parava, e uma terceira recomeçava. Eram perfeitos nisso.

Porém, quanto mais se aproximava deles, maior era a sua perplexidade. Tinham a forma semelhante à de gente, carregavam Coisas, tinham mãos e rostos de gente. A semelhança cessava aí. Seus pés eram sólidos. Os braços, pernas e o corpo não tinham pele, mas eram estranhamente coloridos e aparentemente sem vida. Suas faces eram lisas como as das mulheres, os cabelos curtos, como o das crianças, as vozes graves.

As Coisas que carregavam eram diferentes de todas as que Elfo conhecia. E não apenas isso, cada um deles carregava muitas.

Isso era uma idéia! Elfo ficou tão excitado que quase se deixou mostrar. Se se tiver mais de uma Coisa, mesmo que algo aconteça a uma delas, a gente se sentirá seguro!

Resistiu ao desejo de retornar ao rio e procurar outras Pequenas Coisas, que lhe dessem segurança extra. Se o fizesse, talvez nunca mais encontrasse essas criaturas tão parecidas com homens e, ao mesmo tempo, tão diferentes. Afastou, então, a idéia para ser usada na primeira oportunidade e seguiu as estranhas criaturas, ocultando-se o melhor que podia.

Em pouco tempo Elfo ouviu os gritos dos homens ao longe. Pela maneira de agir as criaturas a sua frente, também tinham ouvido. Mudaram o rumo, de modo a atingir o rio a uns sessenta metros ou mais abaixo do lugar de que Elfo havia partido. Não emitiam nenhum som agora, que Elfo pudesse ouvir. Como para se sentirem mais seguros, levavam diante de si, fortemente agarradas, suas Coisas de estranhas formas, movendo as cabeças ora para um, ora para outro

lado, a procura de algum movimento.

Moviam-se com algum objetivo. Um avassalador sentimento de sua espécie. As diferenças eram apenas físicas e, além disso, superficiais. Mesmo que as diferenças fossem maiores, não teria importado.

Quis, subitamente, correr para eles. Mas a simples idéia atemorizou-o. Talvez fugissem com medo dele, ao se mostrar de repente.

Deveria haver uma aproximação mútua, sentiu. Acostumara-se a vê-los. No devido tempo, mostrar-se-ia por um breve instante. Mais tarde, poderia ficar a descoberto observando-os, sem tentar aproximar-se, até que se acostumassem com sua presença. Isso levaria dias, mas eventualmente, pressentia, poderia juntar-se a eles sem causar-lhes pânico.

Além do mais, já acontecera se ausentar do grupo por mais de três dias e ao voltar não ser reconhecido, causando com sua presença, mesmo ao Grandão, espasmos de medo. Sem forças para se afastarem da segurança da Coisa Grande e incapazes de suportar aquela presença a que não estavam acostumados, jogaram-se todos no chão. Tivera de recuar e esperar que se recobrassem. Então, vagarosamente, esperou que se acostumassem a vê-lo antes de se aproximar. Foram precisos dois dias, para que o aceitassem novamente.

Essa experiência, sentia Elfo, seria valiosa agora. Não queria obrigar aquelas criaturas a se atirarem ao chão ou fazê-las correr.

Sentia, também, muito medo de se revelar agora, embora todos os átomos de seu ser desejassem a companhia deles.

De repente, fez outra importante descoberta. Algumas das Coisas que as criaturas carregavam estavam presas a uma espécie de cipó maleável, permitindo serem penduradas ao pescoço. A idéia era tão espantosa que Elfo examinou sua Coisa para ver se poderia fazer o mesmo. Ela era duas vezes maior que a sua mão e cilíndrica e oca, adelgando-se numa das pontas, onde havia uma abertura. Era muito lisa para ser presa num cipó, a menos que. . . — visualizou cipós trançados para amarrá-la. Não estava certo de que isso poderia ser feito. Mas talvez. . .

Pôs a idéia de lado e voltou-se outra vez para as criaturas, observando-as com nova emoção, espantado. As idéias que lhe haviam surgido, só por estar observando-os eram tão maravilhosas que o deixavam tonto.

Outro pensamento o atingiu. Rejeitou-o imediatamente como fantástico. Não adiantou. As folhas são finas e maleáveis e podem ser enroladas em torno de pequenos objetos como pedras. Seriam essas criaturas, na realidade, homens de alguma espécie, com corpos de gente, cobertos com algo fino como folhas? Isso seria estonteante em matéria de segurança e muito agradável. Não. Rejeitou a idéia definitivamente e volveu a atenção para outros objetos.

Sabia agora a que parte do rio iam chegar. Decidiu contorná-los e passar a sua frente. Nos momentos seguintes concentrou neles toda a atenção, não deixando lugar para loucos pensamentos.

Alcançou o rio e escondeu-se atrás de um arbusto, de onde poderia fugir facilmente, se necessário. Apertou a Coisa fortemente e aguardou. Em pouco tempo, viu uma das criaturas surgir alguns metros adiante. As demais logo a alcançaram. Elfo caminhou de esconderijo em esconderijo, até chegar a apenas 10 metros deles. Seu coração batia, num misto de medo e excitação. Os dedos estavam brancos de apertar a Coisa.

As criaturas prosseguiram no jogo de fazer sons, mas agora de uma forma engraçada, que os tornava quase inaudíveis. Elfo ouvia enlevado a incrível variedade de sons.

— Essa colônia parece ter-se conservado pura.

— Nunca se sabe.

— É verdade. Apanhe os binóculos e olhe, Joe.

— Nada ainda, Harold. Estou vendo se algum deles mostra sinais de inteligência.

Elfo esforçou-se em imitar algumas das belas combinações de sons. Queria ver se era capaz de reproduzir o suave murmúrio das vozes. Tinha uma idéia de como isso poderia ser feito: não fazer ruído com a garganta, mas expirar e formar os sons com a boca, como se estivesse gritando.

Uma das criaturas apalpou a coisa que trazia pendurada no pescoço, cuja parte superior se abriu. Enfiou a mão dentro dela e retirou uma coisa brilhante, que colocou diante dos olhos, cobrindo-os. Virou-se na direção dos homens e Elfo, e levantou-se vagarosamente.

— Está vendo algo, Joe?

Subitamente, Elfo teve medo. Seria aquilo uma espécie de mágica? Muitas vezes se preocupara em saber se as coisas permaneciam em seus lugares, quando deixava de olhar para elas.

Experimentara fechar os olhos e depois abri-los repentinamente para ver se as coisas ainda estavam ali; e sempre estavam. Talvez aquilo fosse mágica para os homens desaparecerem. Elfo esperou, olhando rio acima, mas Grandão e os outros não ouviram.

O que se chamava Joe riu.

— O brinquedo que os machos adultos seguram seria uma peça de museu se estivesse intacto. É um Ford 1960, creio. Tem só uma roda na frente.

A atenção de Elfo voltou-se para trás. Uma das criaturas retirava das costas a larga coisa nela amarrada. Abriu-a. Remexeu lá dentro, retirando algo que quase fez com que Elfo soltasse um grito. Tinha a exata forma da Pequena Coisa que trazia consigo, mas brilhava à luz do sol e estava cheia de um líquido apetitoso e escuro.

— Alguém mais quer uma Coca-Cola?

— Isso aqui já foi uma região de piqueniques. Observou o que se chamava Joe, sem tirar os olhos dos binóculos.

— Posso ver uma porção de garrafas vazias, atiradas em volta do Ford.

Enquanto Elfo olhava maravilhado, quase sem respirar, a criatura retirou da pele da cintura uma coisa muito pequena e apertou-a contra a abertura da outra Pequena Coisa. Depois, colocou-a na boca e virou-a. Elfo viu o líquido escuro desaparecer. Aqui havia mágica. Uma coisa daquelas — como a que tinha consigo — pode ser enchida com a água do rio e carregada por todo lugar!

Quando a Coisa já não tinha líquido nenhum, a criatura jogou-a no chão. Elfo não podia tirar os olhos dela. Desejava-a como nunca desejara coisa alguma. Talvez a esqueçam. Algumas vezes, as mulheres deixavam cair suas Coisas e as esqueciam, pegando outras em seu lugar e aquelas criaturas tinham a face lisa como mulher. Além do mais, carregavam tantas coisas, que não sentiriam falta de apenas uma.

Tantas Coisas! Uma das criaturas segurava na mão esquerda uma coisa branca e larga e na direita uma coisa parecida com um pedaço de galho, com a qual, de tempos em tempos,

arranhava a coisa branca, deixando riscos pretos.

— São quarenta machos — murmurou o que se chamava Joe.

O outro anotou.

A maneira com que as criaturas agiam, concluiu Elfo, era muito semelhante a de Grandão e os outros, quando arrastavam a Coisa. Eram muito semelhantes aos homens, aquelas criaturas.

— Oitenta e cinco, ou oitenta e seis fêmeas.

— Alguma comprovadamente inteligente?

— Não. Dois machos estão brigando. Talvez amanhã ou depois, haja um casamento geral. Eis um! Deixe-me certificar. É uma menina de nove ou dez anos. Testa desenvolvida. Seus olhos não têm nada do brilho fosco dos submovônicos. É um espécime inteligente, sim. Está na areia com um pedaço de pau. Dê-me seu rifle, Bill, tem um visor telescópico melhor que o do meu, pois não quero que ela sofra.

Elfo desejava a pequena Coisa abandonada no chão. Uma das criaturas pode apanhá-la. Elfo entristeceu. Nunca a possuiria. Se ao menos ela fosse embora, ou não o vissem. Se ao menos. . .

A criatura com a coisa nos olhos tornou a guardá-la na caixa pendurada ao seu pescoço. Havia tomado uma das coisas delgadas e longas apoiando-a contra o ombro, a parte mais fina apontada para a parte alta do rio.

Os outros olhavam, de costas para Elfo. Se ficassem assim talvez pudesse correr e apanhar a pequena coisa. De um momento para outro, poderiam perder o interesse no que estavam vendo.

Elfo saiu do esconderijo e rapidamente, apanhou a Coisa. No mesmo instante, ouviu um ruído ensurdecedor, partido do objeto delgado.

— Atingi-a! — disse a criatura.

Paralisado de medo, Elfo ficou sem se mover. Uma das criaturas começou a se voltar. No último instante Elfo correu para o esconderijo. Seu coração batia tão alto que estava certo de que os outros o escutavam.

— Está seguro, Joe?

— Justo na cabeça. Ela nem soube o que aconteceu.

Elfo segurou com força a nova Coisa, pronto a fugir se o descobrissem. Ainda não ousara olhar. Talvez ela não percebesse se ele se limitasse a segurá-la e apalpá-la, sem olhar. Estava frio a princípio, mais frio que a água do rio. Aos poucos foi esquentando. Arriscou uma olhadela rápida. A Coisa rebrilhava como se tivesse vida. Uma segurança, como nunca sentira, cresceu dentro dele. A outra cheia de barro seco e machucada pelas fortes enxurradas do rio nas enchentes, jazia esquecida a seus pés.

— Bem, com isso terminamos esta ronda.

Elfo não prestava muita atenção às vozes agora, profundamente envolvido em novas sensações.

— Sim e foi puxada. Vinte e duas colônias — três com mais de dez anos. Catorze não contaminadas, sete com apenas um ou dois espécimes inteligentes para matar; uma tão contaminada que precisava ser completamente eliminada e uma renegada.

— As renegadas estão diminuindo de ano para ano. Em dez ou vinte anos estarão extintas.

— Então não nascerão mais espécimes inteligentes nas colônias.

— Vamos embora. Dentro de uma hora ou duas escurecerá.

As criaturas esconderam algumas de suas coisas embaixo da pele, e nas caixas que

carregavam. Pressentia-se que iam partir. Elfo esperou que se movessem, de volta ao lugar de onde haviam saído e, então, seguiu-os de uma distância segura.

Não sabia se deveria mostrar-se agora ou esperar. O sol estava desaparecendo. Não demoraria muito em ceder lugar à noite. Esperaria até o amanhecer, antes de deixar que o vissem pela primeira vez.

Riu-se consigo mesmo. Tinha muito tempo. Amanhã, depois. . . Nunca mais voltarei para Grandão e os outros. Homens ou não, juntarse-ia àquelas desconhecidas e maravilhosas criaturas. Elas eram de sua espécie.

Pensou em sua companheira. Ela também era de sua espécie. Se conseguisse levá-la consigo. . .

Num súbito impulso decidiu tentar. As criaturas retornavam pelo mesmo caminho que haviam feito. Correndo e se ela se apressasse em vir também, alcançariam as criaturas antes que estivessem muito longe.

Voltou-se, caminhando com cuidado até perder de vista as criaturas e depois correu. Dirigiu-se diretamente para o lugar onde as mulheres e os Elfos se encontravam. Não se assustariam tão facilmente quanto os homens, porque, havendo um número muito grande deles, um Elfo a mais passaria despercebido.

Ao chegar à clareira diminuiu o passo e começou a procurá-la. Geralmente não precisava procurar muito. Ela o enxergaria e viria até ele, sorrindo em reconhecimento ao fato de que eram iguais.

Ficou um pouco bravo. Estava se escondendo? Então a viu. Aproximou-se dela. Estava deitada de bruço, inerte como se estivesse dormindo, mas algo era diferente. Num dos lados de sua cabeça havia um pequeno buraco e o lado oposto estava arrebentado, vermelho e cinzento.

Ajoelhou-se e tocou-a. Estava com a mesma paralisia daqueles que nunca mais se moveram.

Examinou a cabeça dela com espanto. Nunca vira uma coisa dessas. Sacudiu-a. Ela não se moveu. Respirou profundamente. Sabia o que ia acontecer. Já estava acontecendo. O cheiro era ainda muito fraco, porém ela não se moveria mais e, dia após dia, o odor se tornaria mais forte. Ninguém gostava disso.

Tinha de correr ou perderia as criaturas. Virou-se e correu sem olhar para trás. De repente, começou a chorar e ficou surpreendido. Por que chorava, perguntou-se, se não fora ferido.

Alcançou as criaturas. Andavam depressa agora, as coisas longas e delgadas balançando presas ao ombro, a parte mais larga alcançando a palma da mão. Moviam-se agora descuidadamente. Logo entraram num outro território. Elfo nunca esteve tão longe do rio. Grandão, de certa forma, conduzia os homens e fazia quase sempre caminho através da região.

As criaturas não gastavam tempo, perdendo-se em caminhos intransitáveis. Olhavam para frente, escolhiam o caminho e seguiam-no. Não tinham, também, uma coisa pesada para transportar, arrastando-a aos poucos. Elfo pressentiu que eles tinham um objetivo, provavelmente o lugar onde viviam.

Logo adiante havia um barranco abrupto, mais alto do que um homem e bastante longo. As criaturas subiram o barranco e desapareceram atrás dele. Cautelosamente, Elfo seguiu-os, dirigindo-se a uma grande pedra, no alto do barranco, detrás da qual poderia observá-los sem ser visto. As criaturas achavam-se bem a sua frente, mas o que surpreendeu Elfo foi a visão da Coisa Grande.

Era muito parecida com a que os homens tinham, exceto algumas diferenças na forma e ao fato de que em vez de uma só coisa redonda, tinha quatro, uma em cada canto, apoiando-se nelas. Era brilhante ao invés de opaco. Exalava um cheiro estranho e muito forte.

As criaturas guardavam nela algumas de suas Coisas, tendo duas delas subido na Coisa Grande — algo que nem Elfo, nem os outros homens haviam ousado fazer.

Elfo desviou o olhar e maravilhou-se com o achado. Parecia feito de pedra, mas de uma espécie que nunca vira antes.

O leito ficava entre duas margens, que se estendiam paralelamente, ao longo do barranco em que ele se achava. Do outro lado havia um barranco igual, que se alongava a perder de vista.

Voltou a atenção para as criaturas e a Coisa Grande. Todas estavam dentro dela, agora. Talvez estivessem se abrigando da noite, mas era muito cedo para isso. . .

Não importa. Haverá muito tempo. Amanhã, depois de amanhã. . .
Elfo poderia mostrar-se pela manhã e depois fugir. Voltaria logo depois e deixar-se-ia ver por mais tempo, permitindo que se acostumassem com ele e perdessem o medo.

Continuavam a brincar de fazer sons. Parecia sua maior preocupação. Elfo pensou como seria divertido ser um deles, soltando sons que alegravam o coração.

— Não sei porque o governo não elimina com todos de uma vez — disse um deles. É inútil conservá-los vivos. A debilidade mental é dominante entre eles. Não poderão ser reabsorvidos pela raça e todo espécime inteligente, que nasce do casamento com um renegado, inicia uma longa linha de descendentes, da qual, um quarto pelo menos, são débeis mentais.

— Bem — disse outro homem. — Essa é uma das coisas para as quais não se tem resposta. Extingâmo-los e talvez, no próximo ano, teremos de eliminar todos os da raça loura para conservar pura a raça morena, e assim por diante. Provavelmente, dentro de cem anos a natureza terá resolvido o problema para nós. Até lá, mataremos apenas aqueles que demonstrem alguma inteligência.

Olhou para o lado do barranco, mas não chegou a ver a cabeça de Elfo, parcialmente oculta pelo capim, que recobria a margem de concreto.

— É um trabalho fácil. Os que deixamos escapar desta vez, apanharemos na próxima. Mais seis ou sete visitas que fazemos antes que os espécimes inteligentes cresçam e procriem, sempre os encontramos.

— Detesto quando um desses inteligentes nos vê — disse uma terceira voz. — Quando procuram se aproximar e fazer amizade. É como assassinar. A única diferença é que não falam, emitindo apenas aqueles sons inorônicos "Bdl-Bdl-Bdl". Mesmo assim, sinto-me mal, quando os matamos.

Os outros riram.

Subitamente, Elfo ouviu um novo som provindo da Coisa. Não era uma voz e se o fosse, Elfo não saberia distinguir. Era um ronco — RRrrRRrr-RRrr — que de repente, foi substituído por um som ainda mais estranho, um p-p-p-p bastante rápido. Talvez fosse assim que as criaturas roncassem. Não era desagradável. Elfo inclinou a cabeça para ouvir: sorria. Como seria bom, quando pudesse se unir àquelas criaturas! Desejava tanto isso!

A Coisa começou a mover-se. No primeiro instante, Elfo não pôde acreditar em seus próprios sentidos. Como poderia se mover sem que a carregassem? Mas se movia e as criaturas pareciam não ter percebido. Talvez o medo os impedisse de saltar.

A Coisa movia-se cada vez mais rápida a cada pulsação. Como podiam permanecer lá dentro, sem ligar para isso?

Tardiamente, Elfo abandonou as precauções e desceu do barranco, gritando. A Coisa, porém, já se adiantara mais de duzentos metros, rápida como pássaros em vôo!

Gritou, mas as criaturas não ouviram. Quem sabe, estivessem paralisadas pelo medo. Sim, tinha de ser isso.

Elfo continuou a correr. Se conseguisse alcançá-las, unir-se-ia alegremente ao seu destino. Melhor morrer com eles do que perdê-los!

Correu, correu, recusando-se a crer que jamais os alcançaria, até que a Coisa se perdeu de vista, rápida como o vento. Queria continuar, mas as pernas não agüentavam mais.

Cego pelas lágrimas, tropeçou e caiu estendido na larga faixa de concreto. Seu nariz sangrava, esfolado pelo chão áspero. Os joelhos arranhados também sangravam. Mas Elfo não sentia. . .

Sofria, porque as criaturas haviam partido, para que estranho destino não podia saber, mas perdidos para ele, talvez para sempre.

O pranto o dominou, fazendo tremer seu pequenino corpo nu. Chorou como nunca havia chorado em toda sua vida.

E a garrafa vazia de Coca-Cola, esquecida em sua mão, rebrilhava aos derradeiros raios do sol crepuscular. . .

CIDADES FANTASMAS

Bem, como espera que Bruce se concentre em soletrar, quando está tão preocupado com o pai? — perguntei por entre meus papéis de arte, esperando fugir um pouco do prosaico.

— Preocupado com o pai? — a senhora Kanz tirou os olhos dos testes de gramática — Que é que a faz pensar assim?

— Ora, está doente de medo de não voltar para casa desta vez.

Virei novamente o papel e olhei.

— Pensei que sabia tudo acerca de todo mundo — disse, provocando — Você me ajudou muito nestas três semanas. Sinto-me uma residente e não uma novata.

Suspirei e endireitei o papel. Havia ainda uma árvore com três maçãs.

— Mas não sabia que Stell e Mark tinham problemas — disse a senhora Kanz. Estava desapontada.

— Tiveram uma violenta discussão na noite que antecedeu a partida — eu disse. — Quase rasgou a roupa de Bruce.

— Como pode saber? — o olhar da senhora Kanz tornou-se subitamente penetrante. — Ainda não se encontrou com Stell, e Bruce não disse uma palavra durante toda a semana.

Respirei vagarosamente. Oh! Não!, pensei. Não já! Não já!

— Oh! um passarinho me contou — disse rapidamente, voltando aos papéis para ocultar o leve tremor em minhas mãos.

— Passarinho, ora! — disse ela — Provavelmente soube isso de Maria, embora ela. . .

— Pode ser, respondi, pode ser.

Juntei os papéis apressadamente.

— Opa! o sossego já vai terminar. É preciso descer antes que chegue o tumultuoso rebanho.

Os velhos e gastos degraus soaram ocos sob meus pés apressados, mas o som não era mais vazio do que a sensação que trazia no estômago.

Apenas três semanas e quase me traíra. Por que não poderia me lembrar? Contudo, a criança nem mesmo estivera em meu quarto. Não que me preocupasse em saber coisas a seu respeito. Apenas porque se curvara tão quietamente, tão longamente, sobre o livro de literatura no domingo passado e bastou que eu olhasse um pouco. . .

Ao pé da escada fui engolfada até à cintura pelo bando de crianças que vinha do playground. Prazerosamente, deixei-me arrastar por eles até à sala de aula.

Nessa tarde rescostei-me no parapeito da janela e fiquei a olhar a classe sossegada. Bem, quieta na aparência, pois cada criança murmurava audível ou inaudivelmente com os incansáveis dínamos da juventude, os pensamentos quase sempre inarticulados, das crianças felizes. Todos, menos Lucine, minha aluna de doze anos, cujo murmurar ascendia e se interrompia bruscamente. Havia uma falha em alguma parte, que seus olhos parados e vazios denunciavam.

Suspirei e virei-me de costas para a classe, passeando o olhar pela encosta da Black Mesa que

se erguia qual uma torre acima da escola, tentando libertar-me da apreensão, tentando esquecer o por que havia fugido, procurando esquecer as coisas que ameaçavam minha razão, coisas que poderiam me desligar da realidade, desgovernar-me... Desgovernar-me? Oh! Céus! Libertar-me! Enfiei os dedos através da tela de arame que protegia a base da janela e raspei com força. Velhas unhas rilharam, o velho metal cedeu e através da seca, ácida exalação da poeira antiga, espirrei.

Sentei-me a minha mesa, procurei um lenço de papel e espirrei novamente, tentando ignorar, mas sentindo perfeitamente os pesados golpes e avanços dentro de mim. A frágil quase-traição havia rompido minha apertada armadura protetora. Tudo que havia afastado tão resolutamente tornava a abrir caminho. . .

Mudei de lição, de soletrar para números, de forma tão brusca, que Lucine ficou hesitando à beira das lágrimas até perceber vagamente onde estávamos, e despertar.

— Agora veja, Petie — disse, tentando mais uma vez abrir caminho em sua obstinada resistência ao nome dos números. — Este é a figura e este é o nome do número dois. . .

Depois que os ônibus escolares foram embora, desci a encosta à frente do velho prédio da escola e segui pelo leito da estrada de ferro até o pequeno hotel onde estava hospedada. Olhando para os pés, mas claramente cônscia dos trilhos a cada lado, segui meu caminho através do aglomerado de velhos edifícios que constituía a cidade, até a saída no lado oposto. Se conseguisse manter a mente ocupada, afastaria os fantasmas de meus pensamentos.

Parei alguns momentos no hotel para deixar minhas coisas e depois segui a linha única que descia pelo vale, sobre o velho e abalado leito, de há muito abandonado. Desviei-me nos ramais vazios e subi o monte, gozando violentamente o obrigatório esforço de arrastar e galgar, que forçava meus músculos, apressava meu coração e fazia o ar bater no alto de minha garganta.

Arquejando, agarrei um galho de manzanita e puxei-me para cima no alto da encosta. Sentei-me com os joelhos apertados contra o peito, no chão arenoso da base da enorme chaminé de tijolos, os braços em torno das pernas, o rosto encostado nos joelhos. Fiquei com os olhos fechados, deixando o sol crepuscular impregnar-me. Se ao menos isto fosse tudo, pensei ansiosamente. Se tudo se resumisse em ficar sentada ao sol, embebendo-me de calor. Apenas existe e nada mais. E por um longo, agradável momento, deixei que isso fosse tudo.

Mas não podia evitá-lo mais. Senti o primeiro e vagaroso arrepio através da quebra em minha armadura. Contei árvores, contei postes telefônicos, multipliquei números, até que me surpreendi, pensando que seis vezes nove é noventa e seis e então desisti e deixei a corrente fluir livremente.

É sempre assim, gritou uma de mim para as demais. Você prometeu! Prometeu e agora está cedendo novamente. . . depois de tanto tempo!

Poderia ter prometido não respirar também, respondi.

Mas isto é loucura, você sabe que é! Qualquer um sabe! Loucura ou não, sou eu! gritei silenciosamente. Sou eu! SOU EU!

Pare de discutir, disse outra de mim. É sério demais para discussões. Temos problemas.

Peguei um galho seco de manzanita e limpei um pequeno pedaço do solo pedregoso, arrancando um velho prego quadrado e um caco de vidro amarelo. Passando o galho para outra mão, limpei a ferrugem do prego com o meu polegar. Estava comido de ferrugem, mas ainda forte e pesado. Imaginei que coisa teria ele pregado e se a mão que por último o segurou estaria coberta de terra agora, ou se, fosse quem fosse, teria sustentado. . .

Com reprimida violência, atirei fora o galho e dobrando-me para frente fiz u'a marca com o prego no chão limpo. Era um lúgubre e familiar jogo, tantas vezes feito por mim e automaticamente, caí nele.

Item um: Estava realmente louca, ou ficando louca, ou a caminho de ficar louca? Devia ser assim. Outras pessoas não vêem sons. Nem sentem o gosto das cores. Nem o pulsar das emoções alheias. Nem o peso da carne como uma roupa áspera.

Porém — defendia-me — ainda freqüento a sociedade e não espumo pela boca. Não ajo como louca e, me conservo atenta, não falo como louca.

Considerei o item algum tempo e escrevi no chão: Acho que ainda sou normal. . . logo.

Item dois: Então, o que está errado comigo? Deixo-me dominar pela imaginação? Fiz vários buracos em torno da segunda marca. Não, era alguma coisa mais, alguma coisa além. . . o quê?

Fiz outra linha sobre a marca, formando um X.

Que posso fazer então? Devo lutar contra isso como antes? Devo negar, negar e negar até. . . Senti-me gelar de terror, recordando o pânico cego que me fez fugir até chegar finalmente a Kruper, e não pude mais reprimir o riso, que irrompeu do fundo de minha alma.

Apaguei as duas marcas e novamente escondi meu rosto entre os joelhos e esperei a doentia torrente de apreensão rebentar em desespero dentro de minha cabeça. Sempre chega a isso. Desejo fazer alguma coisa? Deverei impedir isso com um ato de vontade? Poderei impedir?

Levantei-me e dei a volta em torno da chaminé gigantesca, a procura da entrada. Meus pés gritavam. Não! Não! no pedregulho escorregadio. A respiração ofegante gritava. Não!

Não!, enquanto eu resvalava pelo monte escarpado. Penetrei no sombrio interior da chaminé e apertei-me contra os tijolos negros e gastos, todos os músculos tensos gritando: Não! Não! E no silêncio estremecido pelo vento, exclamei NÃO!, ouvindo a palavra ecoar sobre mim na escuridão. Era como se o mundo saltasse pelo pálido disco do céu no topo da chaminé.

— E seria capaz! — gritei, desafiante, dentro de mim mesma —. Não fosse o medo e seria capaz de acompanhar essa palavra e atirar-me para o céu, qual uma vela Romana e nunca, nunca mais sentir o peso do mundo.

Mas as poderosas tenazes da Razão agarraram meus braços e pernas e, violentamente, esfregaram meu rosto nas COISAS COMO ELAS SÃO. Solucei impotente junto ao áspero, côncavo muro. Lágrimas salgadas riscando-me as faces abrandaram a revolta.

Chorando? Gemendo junto a uma velha e suja parede por causa de um sonho? Bela situação para uma conceituada pedagogia!

Esfreguei as faces com o lenço e ri ao ver a fuligem que saiu. Seria melhor voltar para o hotel e lavar o rosto antes de comer a inevitável sopa de alho, cujo cheiro sentira ao sair.

Emergi para rubra torrente do crepúsculo e desci por um caminho que não vira ao subir. Corri até à penumbra das paineiras ao longo do arroio no sopé do monte. Aqui, onde ninguém poderia ver, nenhuma língua comentar tão vergonhoso comportamento, lancei-me em cega, precipitada corrida, julgando poder fugir para longe. .. para longe! Talvez com muitas lágrimas e uma corrida suficientemente rápida pudesse conquistar uma noite sem pesadelos.

Contornei o ponto em que o penhasco avermelhado cortava o caminho e estalei-me sob uma súbita pancada. Havia-me chocado com alguém. Antes que pudesse ver alguma coisa, fui agarrada e posta de pé. Antes que pudesse ver através das lágrimas que o nariz machucado me fazia derramar, estava novamente só na sombra crepuscular. Esfreguei suavemente o nariz.

— Bem — disse em voz alta — é uma forma de expulsar a loucura.

Mas, imediatamente, comecei a pensar se falar sozinha em voz alta não era sintoma de desequilíbrio.

Quando saí da sombra das árvores, olhei para trás. A chaminé negra e ereta contra o céu, maciça sobre a ruína dos barracões, era bela. Parei um momento para desfrutá-la. Repentinamente, outra sombra. Alguém contornara a chaminé e sua silhueta recortava-se contra o horizonte resplandecente.

Temi que o meu grito de dor ainda ressoasse entre as paredes da chaminé e afastei-me envergonhada. Quem quer que lá estivesse seria bastante sensato para não se preocupar em ficar ouvindo lamentos de mágoas antigas.

A despeito da crise sofrida à tarde, insinuei-me levemente sob a pele fina do sono, por horas sem fim, tateei inutilmente por algo que me lançasse em completo esquecimento. Então, desesperada, senti os golpes já familiares. Inexorável, avidamente precipitei-me no sonho que, há tanto tempo, procurava evitar.

Não há palavras, não há palavras para descrever o meu sonho. Apenas o brotar da alegria, a expansão de minh'alma, a infinita liberdade, a cálida entrega. Agarrei-me a esse bem-estar tão fortemente, oh! tão fortemente! sabendo que iria despertar.

E assim aconteceu, esmagando-me, empurrando-me para a carne, pregando-me à terra como chumbo, expulsando-me da alegria, limitando novamente minha alma, cruzando barras em meu céu, fazendo-me encalhar na umidade transparente da manhã, tão sozinha que o esforço de abrir os olhos era quase insuportável.

Rígida, sob o peso das cobertas, analisei os pedaços de meu sonho um por um, e depois juntei, comprimindo-os num único bloco, enviandoos de volta ao subconsciente. Fiquem aí! Fiquem aí! supliquei. Oh! Fiquem aí!

Forçando-me a comer, fui cautelosamente para a sala de jantar do hotel. Como a única mulher feminina no hotel ficava um tanto desconcertada ao atravessar a sala repleta, quando bocas e mãos paravam, até que alcançassem o único lugar vazio, ouvindo, então, como num teatro, reiniciarem, a uma só vez, a mastigação. Nessa manhã, porém, havia-me atrasado e a sala estava quase vazia.

— Que tal a velha chaminé? — perguntou-me Maria rindo, enquanto empurrava sob o meu nariz um prato de doces quentes, deixando-o cair sobre a mesa. Controlei-me para ocultar o susto, mas não pude ignorar completamente a marca de fuligem que o seu dedo imprimira, na borda gordurosa. Com o trapo grosso e imundo que sempre trazia consigo, Maria esfregou a mancha, até desaparecerem os sulcos das impressões digitais.

— Foi interessante — respondi, sem me admirar com o fato de ela saber que estivera lá. — Kruper devia ser uma grande cidade, quando a fundição produzia bastante — continuei.

— Desde que estou aqui, isto está morrendo — disse Maria. — Completarei trinta e cinco anos aqui em fevereiro e, até hoje, nunca visitei a chaminé. Não perdi nada lá.

Riu abafada e tempestuosamente. Contive a respiração até que se desfizesse o cheiro de alho, que exalou de sua boca.

— Porém, ouvi falar de moças que foram lá e perderam. . .

— Maria! — gritou Old Charlie. — Cale-se e traga a comida! Se a Professora quer subir na chaminé, deixe-a! Quem sabe, aprecia isso!

— Maneira tola de gastar o tempo murmurou Maria, afastando-se para a cozinha, balançando o corpo grande sobre as pernas exageradamente finas.

— Não ligue para ela — gritou Old Charlie. — Cerveja é a única coisa de que gosta. Ora, muita gente aprecia ver coisas inúteis. Por exemplo... bem... Lowmanigh. Esteve lá ainda ontem. . .

— Ontem?

Minha testa franzida sublinhou a pergunta, enquanto olhava do outro lado da mesa. Era um tipo que ainda não notara. Certamente, seu nome me fora dito junto com os outros por Old Charlie na noite em que cheguei, mas esquecera todos, exceto o de Old Charlie e Severeid Swanson. Este último pertencia a um aéreo, frágil mexicano, que praticamente não falava inglês e parecia subsistir graças a vinho e alho e que piscava quatro vezes, quando riam para ele.

— É verdade.

Lowmanigh olhou-me através da mesa, sem um sorriso que abrandasse a frase lacônica. Meu coração sentiu, quando surpreendi em sua face a palidez peculiar das almas frias. Conhecia o olhar. Estivera em minha própria face aquela manhã, antes que fizesse as pazes com o dia.

Devia ter lido alguma coisa em meus olhos, pois sua face fechou-se rapidamente numa expressão neutra e com visível esforço, acrescentou: — Assisti de lá ao pôr-de-sol.

— Oh?, pensativamente, passei a mão pelo nariz.

— Pôr-do-sol! — Maria entrou com o líquido duvidoso que chamava de café. — Mais tolices. Por que jogar o tempo fora?

— E você, como gasta o tempo? — a voz de Lowmanigh era muito suave.

A mente de Maria disparou como um pássaro assustado. Esperando a morte? — gritou para si mesma.

— Cerveja — respondeu, sorrindo com o canto dos lábios. — Quatro cervejas eqüivalem a um pôr-do-sol.

Colocou a cafeteira sobre a mesa e voltou para a cozinha, deixando uma clara, aguda, quase visível dor atrás de si.

— Vocês dois deveriam juntar-se — trovejou Old Charlie. — Gostam das mesmas coisas. Low conhece mais depósitos de lixo que qualquer outra pessoa. Coleciona cidades fantasmas.

— Gosto de cidades mortas — disse para Charlie, tentando preencher o enorme vácuo que se abrira na conversa. — Tenho uma verdadeira coleção delas.

— Veja, Low! — rugiu Old Charlie. — Eis sua oportunidade de acompanhar por aí uma bela professora. Juntos, serão capazes de conseguir uma tempestade para a coleção.

Parou de gracejar, tomou um último gole de café e saiu da sala, cantando alto uma canção azul.

Estávamos completamente sós na grande sala de jantar. A luz matutina resvalava no soalho polido, chocava-se contra as velhas cadeiras, infiltrava-se no grande espelho emoldurado sobre o bufê, irradiando-se dele para o oleado que recobria a mesa enorme.

O silêncio cresceu, cresceu até que depus meu garfo, temendo batê-lo contra o prato novamente. Fiquei sentada meio minuto, atônita, sentindo o profundo pulsar que, aos poucos, se tornava quase audível: Juntos? Juntos? Juntos? O impulso quebrou-se contra a aresta da desolação que me invadiu. Cambaleei, às cegas, para fora da sala.

— Não! — parei ofegante junto ao pilar da escada. — Não involuntariamente! Não tão cedo

assim!

Com esforço, concentrei-me.

— Pare com essa tolice! — disse a mim mesma. — Você está tão louca que poderá enlouquecer os outros.

Resolutamente, comecei a subir, parando apenas no meio da escada: — Não era minha desolação — exclamei silenciosamente. — Era a dele que eu estava sentindo!

— Que estranho — pensei ao despertar às duas horas, lembrandome da desolação.

— Que estranho! pensei ao despertar às três novamente, lembrando-me do apelo. Juntos?

— Que estranho! pensei quando acordei às sete da manhã e levantei-me com a cabeça pesada. Esquecera-me completamente da fisionomia de Lowmanigh, mas conservava maravilhosamente na consciência a imagem mais nítida que em três dimensões.

A escola manteve-me, durante a semana toda, o bastante atarefada para que a antiga mágoa fosse profundamente enterrada e quase esquecida. A calma não foi perturbada até à quarta-feira, quando a inquietação irrompeu por duas vezes, no playground. Na primeira, tive de correr, apartar Esperanza de Joseph, abrindo-lhe os dedos que agarravam os cabelos dele, a fim de que pudesse libertar o rosto esmagado contra o chão. Esperanza não tinha nada da fragilidade e leveza de Severeid seu tio, enquanto, com ar provocador, limpava o pó de suas pesadas trancas negras.

— Me chamou de mexicana! — gritou ela. E daí? Sou mexicana. Orgulho-me disso. Espanco-o novamente, se tornar a me chamar de mexicana, como se fosse uma coisa má. Orgulho-me . . .

— Naturalmente que se orgulha — disse, ajudando-a a se limpar. — Deus nos fez a todos. Que importam nomes?

— Joseph? — perguntei, virando-me rapidamente. — Você é uma menina?

— Hum? — pestanejou com o rosto coberto de poeira e respondeu indignado: — Claro que não! Sou menino!

— Joseph é um menino! Joseph é um menino! cantarolei. Depois ri. — Vê como é tolo? Somos o que somos. Que bobagem provocar os outros por uma coisa dessas. Vão-se lavar!

Mandei que fossem para a escola e fiquei aliviada ao vê-los entrar.

Na segunda vez, a calma foi quebrada, quando me sobressaltei ouvindo o velho e malicioso canto: — Lu-ci-ne é louca! Lu-ci-ne é louca! Lu-ci-ne é louca!

O grupo gritava, dançando em torno de Lucine, que estava encostada a uma árvore seca que restara no playground. Tinha os olhos parados e vazios, a boca entreaberta. Seus, músculos, porém, se retesavam e chispas cruzavam o vazio dos olhos.

— Lucine! gritei, o medo empurrando meus pés. — Lucine!

Meu espírito antecipou-se a mim e envolveu a pesada, enfurecida solidez de sua mente. Mal consegui acalmá-la o tempo necessário para chegar até ela.

— Parem! gritei para as crianças. — Vão-se embora, rápido!

Minha voz ressoou e o grupo se desfez em assustados indivíduos.

Tomei as mãos de Lucine e, num momento de grande tensão, apertei-as. Então ela gritou — um grito de animal — e com um movimento do braço, atirou-me para o ar.

Com fúria selvagem, fui submergida, quase que fisicamente, no delírio irracional de seu ódio e estupefação. Perdi-me no labirinto dos pensamentos loucos dos tenebrosos becos sem saída e,

até hoje, não consigo me lembrar do que realmente aconteceu.

Quando a rubra maré decresceu e sobreveio um sombrio período de calma, estava agarrada à velha árvore, com a cabeca de Lucine apoiada em meu ombro, sua boca úmida em minha mão, suas lágrimas silenciosas molhando meu vestido. Seu corpo jovem estava muito cansado. Moveu os lábios.

— Não sou louca.

— Não — respondi, acariciando-lhe os cabelos desfeitos, sentindo seu ódio arrepiar a costa de minha mão. — Não, Lucine. Eu sei.

— Ele também — murmurou Lucine. — Ele quase põe em ordem, mas depois volta.

— Oh! exclamei, cobrindo o meu ombro nu com a manga rasgada. — Ele quem?

Ergueu a cabeça, retirando-a com o movimento rápido de coelho, tentando livrar-se de apertadas mãos.

— Disse-me para não revelar.

Abrandei a pressão de minha mão e olhei para sua face enraivecida. Eu, pensei, eu vulnerável. Estou arruinada por dentro, tanto quanto ela. Apenas, meu desarranjo passa por ser normal. Gostaria de poder apagarme algumas vezes e não desejar viver sem um louco, impossível sonho.

Lucine respirou profundamente e levantou-se. Fitou-me com os olhos parados, indiferentes.

— Seu rosto está sujo — disse ela. — Professoras não devem ter o rosto sujo.

— Esta certo.

Levantei-me e arrumei minha saia.

— É melhor ir me lavar. Aí vem a senhora Kanz.

Os alunos estavam enfileirados no pátio, prontos para entrarem nas classes. O tumulto costumeiro prosseguia, mas ninguém se preocupou em olhar para nós. Se pudessem imaginar, pensei, quão próximo da morte estiveram...

— Sou má — murmurou Lucine. — Briguei novamente.

— Lucine, menina má — gritou a senhora Kanz, quando nos aproximamos. — Brigou outra vez. Vai já para o escritório e fique sentada o resto do dia. Vergonha!

Lucine saiu chorando em direção ao edifício da escola. A senhora Kanz encarou-me.

— Bem, disse ela, sorrindo para se desculpar. — Devia tê-la advertido sobre Lucine. Não se aproxime dela, quando está em crise. Não tente contê-la!

— Mas Lucine ia matar alguém! — disse, sentindo novamente o gosto de sangue, o rilhar de ossos quebrados.

— É muito vagarosa — disse a senhora Kanz. — Os garotos sempre conseguem escapar.

— Mas algum dia. . .

A senhora Kanz deu de ombros.

— Se se tornar perigosa, terá de ser isolada.

— Mas por que permite que as crianças a provoquem? — protestei, sentindo uma súbita revolta.

Olhou-me fixamente.

— Não deixo. As crianças são sempre cruéis com quem é diferente. Não percebeu isso ainda?

— Sim. Percebi. Oh! sim, sim! — murmurei, protegendo-me o frio fervilhar da memória.

— Não é bom, mas é assim — disse ela. — Não se pode endireitar tudo. É preciso ficar calejada.

— Sim — concordei. — A gente se acostuma. Mas ainda penso que se deve fazer alguma coisa por ela.

— Não insista nisso — advertiu-me a senhora Kanz. — A mãe quase tirou-lhe os miolos fora, querendo encontrar uma maneira de ajudá-la. Essas coisas acontecem nas melhores famílias. Nada se pode fazer.

— Então, quem é. . . — interrompi a pergunta, recordando-me tardiamente da recusa de Lucine.

— Quem o quê? — disse a senhora Kanz, virando-se para mim, enquanto caminhávamos para a escola.

— Quem tomara conta dela o resto da vida? — perguntei hesitante.

— Bem, não é problema nosso! — riu a senhora Kanz. — Esqueçase disso. Foi um incidente do trabalho. É uma pena que tenha rasgado a blusa.

Pensava em Lucine, enquanto, em meu quarto, despia a blusa rasgada. Esforçava-me por enxergar a ponta de meu ombro, para ver se estava tão machucado quanto me fazia sentir, quando a porta se abriu e fechou violentamente. Lowmanigh ficou encostado nela, respirando pesadamente.

— Ora! — vesti minha blusa limpa e abotoei-a rapidamente. — Não o ouvi bater. Não quer sair e tentar novamente?

— Lucine feriu-se? — afastou os cabelos caídos sobre os olhos. — Foi uma crise forte? Pensei que a tivesse controlado. . .

— Se quer falar sobre Lucine — disse, passado o momento de surpresa — estarei na varanda dentro de um minuto. Importa-se em esperarme lá? Meus ouvidos ainda estão quentes da leitura que Maria fez do "MANUAL DE COMPORTAMENTO PARA AS MULHERES DESTE HOTEL".

— Oh! — disse ele, olhando em volta distraidamente. — Por certo, por certo!

A porta fechou-se, antes que eu percebesse que já se havia ido. Arrumei minha saia e passei a escova nos cabelos.

— Lowmanigh e Lucine? — pensei. — Por quê? A senhora Kanz deve estar fingindo. Isso ela não mencionou. — Vagarosamente, larguei a escova. — Oh! Ele quase põe em ordem, mas torna a voltar. Como pode ser isso?

Low estava recostado na amurada da varanda que se estende pelas duas alas do segundo andar do hotel. Não se voltou com o ruído de meus pés, enquanto caminhava para a velha e empoeirada cadeira de vime, que constituía a mobília da varanda.

— Quem é você? — sua voz estava carregada. — Que está fazendo aqui?

Um arrepio de pressentimento correu-me pela nuca.

— Fomos apresentados — respondi. — Sou Perdita Verist, a nova professora, lembra-se?

Voltou-se abruptamente.

— Pare de fingir — disse. — Estou lendo por baixo de suas palavras. Sabe tão bem quanto eu que não poderá fugir. Mas como pode saber? Quem é você?

— Pare com isso! gritei. — Não tem direito de ler meus pensamentos. Quem é você?

Ficamos olhando fixamente um para o outro, até que respiramos profundamente, aliviando a

tensão e nos sentamos na velha cadeira de vime. Pousei as mãos em meu colo e senti derreter e se desfazer o apertado nó dentro de mim, até que, finalmente, virei-me para Low e estendi as mãos ao encontro das dele. Uma de mim gritou: Igual a mim? Igual a mim? Mas uma outra apertou o botão do pânico.

— Não! — gritei, retirando abruptamente a mão e levantando-me. — Não!

— Não! — A voz de Low era suave e gentil. — Não é uma traição.

Engoli seco e concentrei-me em observar Severeid Swanson, cambaleando de um lado para outro na estrada, a caminho de sua sopa de alho no hotel, as duas garrafas de vinho ajudando-o muito pouco a manter o equilíbrio.

— Lucine — disse. — Você e Lucine.

— Foi difícil?

Sua voz disfarçava agora e meus ossos deixaram de pulsar no mesmo comprimento de onda.

— De acordo com a senhora Kanz tentei segurar uma serra elétrica — respondi vagamente.

— Foi difícil? — sua voz lançava-se clara no espaço.

— Afaste-se! — gritei. — Afaste-se!

Mas ele já estava dentro de mim e eu era Lucine e ele era eu e sustentávamos o horror negro e vermelho em nossas mãos, olhando-o fixamente. Juntos, navegamos de volta na maré cinzenta até que ele era Lucine e eu era eu e vi-me dentro de Lucine e enrubesci por seu apaixonado amor por mim. Bloqueada, encontrei de repente uma forma de expulsá-lo e fechei os olhos na solidão.

— . . .afaste-se! — gritei.

— Muito bem!

Dei um salto ao ouvir o grito indignado de Maria.

— Vi-o entrar em seu quarto sem bater e FECHAR A PORTA! — continuou ela, horrorizada. — Fez bem em expulsá-lo, e dizer-lhe PORQUE!

Meu riso mais profundo afastou um pouco a barreira para encontrar o de Low.

— Muito bem, muito bem! Metade da face de Maria contorceu-se num sorriso agradecido. — Sabia que era uma boa menina. Low, estou muito envergonhada de você. Pensei que estivesse um pouco acima dos sujos malandros daqui e eis que vem bancar o lobo em plena luz do dia! Desceu para o hall barulhento, sua voz chegando a nós pela bela espiral da escada.

— Em plena luz do dia! A sopa estará pronta num abrir e fechar de olhos. Vão se lavar.

Low e eu rimos e fomos nos lavar.

Parei um momento com as mãos em concha cheias da água retirada da grande bacia de porcelana e fiquei vendo-a escorrer, enquanto verificava calidamente que pela primeira vez, num período incomensurável, eu rira verdadeiramente.

Olhei longamente minha trêmula imagem na água. E não sozinha, gritou uma de mim, atônita, não sozinha!

Na manhã seguinte, viajei trinta quilômetros para a Cidade e hospedei-me num hotel com água corrente dentro do edifício e quarto com banheiro! Deleitando-me com o luxo excepcional, expulsei a lembrança de Kruper. Livrei-me de tudo o que se referia a ela, exceto as rebrilhantes recordações de beleza, candura e alegria que permaneceram nos recantos de minha alma, depois que o pó, sujeira e inconveniência foram eliminados.

Estava deitada na sonolenta tarde de domingo, protelando o mais que podia o momento de

concentrar-me para a viagem de volta a Kruper. Então, súbita e sutilmente, entre uma respiração e outra, fechei-me na armadura protetora e minha atenção vibrou como um arame retesado. Ergui-me rapidamente. Alguém estava no hotel. Teria Low vindo para a Cidade? Estaria aqui? Vesti-me depressa. Sentei-me em silêncio na beirada da cama, sentindo o profundo fluir de Alguma Coisa. Finalmente, desci para o vestíbulo. Parei no último degrau da escada. O que quer que fosse, já se havia ido. Era um vestíbulo comum. Low não estava ali, entre a mobília de estilo rural. Porém, ao dirigir-me novamente à janela para admirar a amável ondulação do canyon além do pátio ele entrou.

— Estava aqui agora há pouco? — perguntei imediatamente.

— Não — respondeu — Por quê?

— Pensei... — calei-me. Deslizei devagar para o lugar comum e disse: — Bem, que está fazendo aqui?

— Old Charlie disse-me que estava na Cidade e que poderia vir buscá-la, poupando-lhe assim a viagem de ônibus. — Sorriu fracamente. — Maria não estava segura de que eu merecesse confiança depois do que aconteceu quarta-feira, mas por fim contou-me que você se encontrava neste hotel.

— Mas nem eu sabia onde iria ficar quando saí de Kruper! — exclamei.

Low sorriu com ar de cumplicidade.

— Ora! Você é nova aqui, não é? Está pronta para partir? Espero que não esteja com muita pressa de voltar para Kruper — disse Low.

Mudou subitamente a marcha, quando descíamos para a ponte e desviou-se em ângulo fechado para o Monte Lynx:

— Tenho uma visita a fazer — continuou.

Podia sentir sua cautelosa atenção sobre mim, apesar de mostrarse absorto na estrada.

— Não! — respondi.

Antevi longas horas de espera, enquanto debruçado na amurada, trocaria longos silêncios e frases lacônicas com alguma destruidora amizade.

— Não tenho pressa, pois só precisarei estar na escola às nove da manhã.

— Ótimo.

Sua voz era divertida e embaraçada. Testei mais uma vez a barreira em minha mente. Ainda intacta.

— Além do mais — continuou ele — será mais uma para sua coleção.

— Coleção? — repeti debilmente.

— Sua coleção de cidades fantasmas. Estamos indo para Machron, ou para onde ela existiu. Fica numa pequena garganta do vale, acima de Bear Fiat. Pode ser que. . .

Um obstáculo na estrada — uma pedra pequena e um galho de árvore — interromperam-lhe a frase.

— Pode ser o quê? — perguntei agarrando-me, deliberadamene, às palavras que tentavam ocultar.

— Pode ser interessante explorar.

Um riso de consciente divertimento contraiu-lhe os lábios.

— Gostaria de encontrar um pedaço de vidro-sol — disse. — Tenho um velho copo cor de púrpura. Está bem conservado, faltando apenas um pedaço da borda.

— Mostro-lhe minha coleção qualquer dia — disse Low. — Apreciará muito, estou certo.

— Como veio a gostar de cidades fantasmas? — perguntei. Que é que o impele para elas? História? Tesouros? Curiosidade mórbida?

"Tesouro — História — Curiosidade mórbida". . . Degustou as palavras vagarosamente e aprovou-as com um gesto de cabeça.

— Penso que as três. Estou investigando.

— Investigando?

— Sim.

O tom de sua voz encerrou a conversa. Com esforço, libertei-me da incompreensível explosão de ódio por ter sido posta de lado e perdime no maravilhoso arvoredo dos montes, que apertavam a estrada até transformá-la num caminho estreito em que mal o carro se arrastava.

Por fim, Low fez uma curva e, arrastando os pneus, parou sob uma enorme nogueira.

— Prepare os sapatos. O carro só pode vir até aqui. Meia hora depois chegamos no alto de um pequeno platô, acima do desfiladeiro rochoso, em que nossos pés haviam escorregado e se afirmado em sulcos cavados pelas carretas há mais de meio século. Em seus anos mais movimentados, a cidade estendera-se, galgando as colinas, espalhando-se, como dedos, pelos atalhos do pequeno platô. Degraus de cimento emergiam das fundações arruinadas e velhos portões sem cerca erguiam-se diante das calçadas arrebentadas.

Havia uns poucos edifícios quase intactos, resistindo obstinadamente à destruição. Subi uma ruazinha estreita e, ao descer por outra, percebi que Low não estava comigo. Conhecendo as manias solitárias dos devotos às cidades fantasmas, não fiz qualquer esforço para encontrá-lo. Apenas fiquei a imaginar que estaria investigando, evitando, cautelosamente, pensar quem seria ele e porque tanto quanto eu era capaz de conversar com o pensamento. Porém, mesmo sem pensar, a idéia queimava em meu interior, enquanto passava entre os montes de escombro daquela cidade morta.

Encontrei um botão branco com apenas três buracos e a cabeça de uma boneca com um olho azul ainda brilhante. Cavei com as mãos nuas e infinita alegria, quando julguei ter encontrado um açucareiro dourado... mas apenas encontrei a asa e um pedaço de bojo enterrados na lama.

Murmurava, examinando uma unha quebrada, quando um grito abafado me penetrou e me deixou estupefata com a inesperada força.

Cambaleei pela encosta e desci até à estrada. Encontrei Low no velho depósito de lixo da cidade, carinhosamente segurando alguma coisa em seus braços.

— Pode ser... — gritou. — Isto pode ser um pedaço dele. Nunca pertenceu à cidade. Veja! Veja sua forma! Veja as linhas curvas!

Suas mãos correram pelo liso fragmento de metal.

— Se isto é uma parte dele, não deve estar longe daqui ...

Interrompeu-se bruscamente, arranhando o objeto com a unha. Virou-o e colocou-o perto dos olhos. Enquanto lia, alguma esperança morria tragicamente.

— General Electric — disse, quase sem voz — Made in USA.

O fragmento de metal caiu de suas mãos feridas e ele curvou-se para o chão. Bateu com o punho fechado na areia e exclamou:

— Beco sem saída! Beco sem saída!

Tomei suas mãos entre as minhas, limpei-as do barro e apertei o lenço na ferida que

sangrava sob o dedo mínimo.

— Que é que você perdeu? — perguntei brandamente.

— A mim mesmo — murmurou. — Estou perdido e não consigo encontrar o caminho de volta.

Nem percebeu que nos levantamos e o conduzi para um pedaço de muro, que impedia uma velha amoreira de cair no abismo. Sentamo-nos e, por um momento, atirada no oceano de sua desolação, pensei sombriamente: Também. Perdida também. Nós dois. Ajudei-o a falar, embora não me recorde se com voz ou não.

— Era tão pequeno, então — disse. — Tinha apenas três anos. Quanto tempo se pode viver das recordações dos três anos? Mam, me contou tudo o que sabia, mas já não me lembro mais. Houve um desastre — uma colisão violenta no outro lado de Chuckawalla. Meus pais morreram. O carro tentou levantar vôo, pouco antes de colidir. Lembro-me de que papai tentou evitar o outro carro e mamãe protegeu-me, colocondome fora de perigo. Deu-se a colisão e apenas pude ouvir: Não se esqueça! Volte para o Vale e lembre-se de seu Pai! Lembre-se de seu Lar! Morreram e seus corpos consumiram-se no incêndio, com toda a identificação. Mam e Pap recolheram-me e criaram-me como seu filho, mas eu tinha que retornar. Tenho que retornar ao Vale a que pertenço.

— Que Vale? perguntei.

— Que Vale? disse ele sombriamente. — Ao Vale em que meu Povo vive agora. O Vale que escolheram após a destruição da nave espacial. A nave que estou procurando, rezando para encontrar um pequeno fragmento seu que me indique a direção do Vale. O Vale em que iria dormir, se não se desse a colisão. O Vale que não consigo encontrar porque não me recordo da estrada que conduz para ele.

Parou um instante e, depois prosseguiu:

— Mas você sabe! Tem de saber! Não é como as outras. É uma de Nós. Tem de ser.

Recolhi-me dentro de mim mesma.

— Não sou ninguém — respondi. — Não pertenço a povo nenhum. Papai e mamãe conhecem todos seus antepassados e, até que eu crescesse e me tornasse "normal", esforçavam-se em compreender porque haviam recebido o fardo de tal criança. Você pensa que está perdido! Pelo menos sabe do que se perdeu. Tem um passado. Eu não. Nunca ninguém me perdeu!

— Mas é capaz de conversar com o pensamento — disse, cerrando os olhos. — Mostrou-me Lucine. ...

— Sim respondi negligentemente. — E veja isto!

Uma pedra na encosta do monte subitamente ganhou vida. Rolou encosta abaixo, fazendo saltarem gravetos e pedregulhos, despedaçandose a rocha da base.

— Veja agora. Nunca experimentei fazer isto antes. Subi no muro quebrado e comecei a andar no ar, para frente, em direção ao vale, sentindo a terra cair de meus sapatos, sentindo o suave roçar do vento, a leveza, a imponderabilidade. Gritei, abrindo os braços, buscando, extasiadamente, agarrar meu sonho de libertação. Um minuto, um minuto mais e poderia escapar de mim mesma e nunca, nunca, nunca. . . Então. . .

Low me apanhou antes que me espetasse na ponta dos pinheiros do vale. Conduziu-me — eu lutava e protestava — através da frágil vacuidade do ar, de volta ao velho sabugueiro.

— Consegui! Consegui! Consegui realmente! Soluçava em seu ombro.

— Conseguiu realmente por um instante. Perdita — murmurou, como para uma criança. — Tão bem quanto eu. Você possui alguns de nossos Poderes. Onde os conseguiu, se não é uma de Nós?

Parei de soluçar, embora as lágrimas corressem ainda. Olhei profundamente nos olhos de Low, lutando contra a raiva que me queimava, por aquela insistência em tocar minha chaga interior. Por sua vez, fitou-me fixamente até cessarem as lágrimas e esboçar um sorriso.

— Não sei o que seja um Poder, mas provavelmente o adquiri no mesmo lugar em que você ganhou essa estranha curva nas sobrancelhas.

Enrubesceu e afastou-se um pouco.

— É melhor voltarmos. Não é bom se deixar apanhar pela noite nestas estradas.

Iniciamos o caminho de volta.

— Naturalmente irá preenchendo as lacunas para mim — disse-lhe reequilibrando-me após escorregar numa pedra. Senti sua imediata reação. — Tem de fazê-lo. Não pode esperar que me esqueça do dia de hoje, especialmente quando encontrei alguém tão louco quanto eu.

— Não acreditará.

Afastou um enorme galho que bloqueava o estreito caminho.

— Nestes últimos anos, tenho sido obrigada a crer em coisas inacreditáveis a meu respeito — respondi. — É mais fácil acreditar quando se referem a outras pessoas.

Mergulhamos na magia do crepúsculo que se transformava numa noite brilhante. E enquanto olhava o cintilar das estrelas através das ramagens, ouvi a história de Low.

— Viemos de outro mundo — disse, mostrando-se orgulhoso de falar no plural. — Nosso lar foi destruído. Procurávamos um refúgio e encontramos este planeta. As naves explodiram ou se incendiaram antes que pudessem aterrissar. Alguns de nós, porém, conseguiram escapar em naves de salvamento. Meus pais faziam parte do Grupo que primeiro chegou ao Vale. Mas era como se todos estivessem lá, pois estávamos permanentemente ligados ao Brilhante Começo. Por essa razão, sei tudo acerca de meu Povo. Se não consigo me lembrar onde fica o Vale, é porque estava dormindo quando o deixei pela última vez e meus Pais não tiveram tempo de dizer-me no momento do desastre. Tenho de encontrálo novamente. Não poderei andar às cegas a vida toda.

Não percebeu meu sobressalto ao ouvir, partindo dele, a frase que eu mesma dissera quando estava com Lucine.

— Nada poderei fazer até reencontrar o meu Povo. Não me lembro sequer do nome do Vale. Sei que nossas naves bateram contra as montanhas e tenho a esperança de encontrar algum sinal numa destas cidades-mortas. Chegamos aqui na virada do século e em algum lugar, algum lugar, deve existir ainda algum sinal.

Era uma história coerente, tornada lugar comum pela repetição como sucedera a minha — dolorosa repetição a si mesmo. Estranhei, por um momento, sentir certo alívio diante de sua infelicidade, mas logo compreendi que se devia ao fato de entre nós não haver necessidade de murmúrios de simpatia, frases feitas e mesmo explicações. As palavras constituíam a mínima parte de nossa comunicação.

— Não se surpreende? — disse, quase desapontado.

— Porque é de outro mundo? — perguntei, sorrindo. — Nunca havia conversado com alguém desse tipo e acho interessante. Apenas, gostaria de também inventar uma fantasia como essa

para explicar minha situação. É quase uma paródia da velha frase: "Devo ser filho adotivo, pois sou tão diferente. Mas. . ."

Retesei-me ao ser apanhada desprevenida pela cólera de Low.

— Fantasia. Sou filho adotivo. Sei. Pensava que você soubesse alguma coisa. Pensava que sendo uma de Nós. . .

— Não sou uma de Vós — enfureci-me. — Sou da Terra, e tanto, que estranho minhas palavras não saírem cobertas de poeira. Contudo, não tento me convencer de que sou um tipo normal, quer pelos critérios da Terra, quer pelos de outro planeta.

Por um momento de raiva, ficamos rigidamente enlaçados um ao outro. Meus dentes doíam, com a contração das mandíbulas. Low passou o dedo pela minha face.

— Pense, como quiser — disse ele. — Provavelmente, passou por maus bocados e faz tudo para esquecer. Talvez um dia se recorde de que é uma Nós e então. . .

— Talvez, talvez, talvez. . . — respondi com a voz enfraquecida pelo cansaço. — Hoje, porém, não agüento mais. É muita coisa para um único dia.

Cerrei todas as portas e pus à frente meu "eu" de todos os dias. Ao retomarmos o caminho entreabri uma das portas para perguntar.

— Que existe entre você e Lucine? É amigo de sua família ou procura fazer alguma coisa por ela?

— Conheço superficialmente a família — respondeu. — Nada sabem acerca de mim e Lucine. Ela despertou meu interesse quando passei pela escola no ano passado. Os garotos a estavam provocando. Nunca senti tamanha pena em toda minha vida. Tem um cérebro de três anos aprisionado num corpo de doze.

— Quatro anos — murmurei. — Ou quase cinco. Já aprendeu alguma coisa.

— De qualquer forma deve ser horrível ficar aprisionada num corpo.

— Sim — suspirei. — Encerrada na prisão de si mesma. Senti novamente o cálido contato de sua mão em minha face suave, confortante, embora se mantivesse à distância. Afastei-me ainda mais para ocultar as lágrimas que assomaram subitamente.

Era tarde quando chegamos em casa. Havia ainda luzes nos bares e numa ou noutra casa quando entramos em Kruper, mas o hotel estava completamente escuro e, no silêncio que sucedeu à parada do carro, ouvi o vagaroso chiar do velho portão de entrada, balançado pelo vento. Descemos do carro sem fazer ruído e caminhamos até o portão. Como sempre, o galho de roseira, que atravessava a cerca, enredou-se em meu cabelo e tendo Low ajudado a me libertar, começamos a rir. Há muito, pensava eu, não nos sentíamos tão jovens e felizes. Aliviamo-nos por um momento das amargas tensões e nos apoiamos mutuamente enquanto o mundo se recusava a nos aceitar como tão fortemente desejávamos e, tendo encontrado uma alma irmã, bem, inesperadamente gargalhamos. Permanecemos na escada do pórtico, tentando abafar nossas risadas.

— Pensarão que estamos loucos, se nos virem assim — disse.

— Tenho uma novidade para você — disse Low junto ao meu ouvido. — Somos loucos. No entanto, está desafiada a prová-lo.

— Como se fosse preciso provar.

— Desafio-a. — Seu riso picou-me a face.

— Como? — perguntei audaciosamente.

— Não usemos a escada — soprou-me ele. — Vamos voando. Porque gastar energia, quando podemos. . .

Estendeu a mão para mim. Com ar sério, tomei-a e voltamos para o portão, onde ficamos parados, de mãos dadas, olhando para o alto.

— Pronta? murmurou.

Senti que me puxava para cima. Ergui-me no ar junto com ele, todo o temor comprimido em minha mão.

O galho de roseira agarrou-me novamente.

— Espere — murmurei, querendo rir. — Estou presa.

— Grilhões da Terra — brincou, enquanto desvencilhava os espinhos.
— Sorria quando disser isso, meu caro.

Senti meu coração se desmanchar de prazer, por ter atingido um estado em que podia brincar com coisa tão amarga e procurei ignorar que meus pés caminhavam no ar. Tendo desembaraçado meus cabelos, Low puxou-me para si. Creio que nossos lábios apenas se tocaram, mas ultrapassamos o pórtico e tivemos de voltar para descer nele. Low ajudou-me a saltar a amurada.

— Conseguimos — murmurou.

— Sim — respondi — conseguimos.

De repente, ficamos gelados. Alguém vinha pelo pátio. Alguém que cambaleou, rodou e foi bater, tilintando vidros, de encontro ao poste do portão.

— Ay! Ay Madre mia!

— Severeid Swanson caiu de joelhos junto à garrafa quebrada.

— Ay, virgen purísima!

— Será que nos viu? — perguntei em voz baixa.

— Duvido. Há muitos anos que não vê nada fora de si mesmo.

A voz de Low aquecia-me a face.

— Cuidado com a cadeira.

Caminhamos no escuro até o hall superior. Uma pequena lâmpada refletia-se no firme filete d'água que escorria das torneiras, cujo bronze gasto tinha um brilho amarelo. Graças a elas podíamos tomar banho no segundo andar.

Nossa despedida foi silenciosa e rápida.

Estava já de camisola e roupão, sentada na beira da cama, escovando os cabelos, quando ouvi um murmúrio junto a minha porta. Experimentei a maçaneta para ver se estava fechada e continuei a me pentear. Ouvi um baque e leves batidas. A maçaneta girou.

— Fessora! — Era uma voz cautelosa. — Fessora!

— Quem será! — pensei e caminhei para a porta. — Sim? — encostei-me à madeira delgada.

— Dei-xe-me en-trar. — As palavras eram tidas com cuidado e espaçadamente.

— Que deseja?

— Falar contigo, Fessora!

Atônita, abri a porta. Era Severeid Swanson, que cambaleava no hall. Mas haviam me dito que ele não falava inglês. . . Inclinava-se perigosamente para frente, o rosto brilhando sob a luz, muitos anos mais jovem do que sempre me parecera.

— Minha garrafa quebrou. Vocês foram os culpados. Não é bom andar voando sem ter asas. Los angeles si, pero não os namorados só para se beijarem. Fizeram com que derrubasse a garrafa. Todos os sonhos foram derramados no chão.

Balançou a cabeça para trás e limpou o suor que inundava-lhe a testa.

— Não é bom. Digo-lhe isto, porque tem a face iluminada. É boa para minha Esperanza. Tem sonhos que não saem da garrafa. Tem sorrisos e não chacotas para os perdidos. Mas não devia voar. Não é bom. Minha garrafa quebrou-se.

— Sinto muito — respondi surpresa. — Comprar-lhe-ei outra.

— Não — disse Severeid. — A última vez disseram-me isso também, mas não posso bebê-la por causa da magia. Na última vez, como passarinhos, todos, todos no céu, por sobre os montes, aqueles lá. Os que também não têm sorriso para os perdidos.

— Na última vez?

Agarrei seu braço vacilante e puxei-o para dentro do quarto. Fechei a porta, sentindo a curiosidade correr nos meus ossos.

— Onde? Quando? Quem estava voando?

Piscou-me significativamente, passando a língua pelos lábios ressecados.

— Não é bom voar sem ter asas — repetiu.

— Está certo, eu sei. Mas onde você viu outros voarem sem asas? Preciso encontrá-los, preciso!

— Como passarinhos — disse. — Por cima dos montes.

— Por favor — supliquei, recorrendo ansiosamente a todo meu castelhano.

— Trabalhei lá durante muito tempo. Nunca mais os vi. Bebi um pouco mais. Chinee Joe deu-me outra garrafa.

— Por favor, senor — gritei — donde, donde. . . ?

A luz desapareceu de seu rosto. Sua boca afrouxou-se. Os olhos mortos fitavam-me por entre as pálpebras semicerradas.

— No comprendo.

Olhou em volta de si, confuso.

— Buenas noches, senorita. Afastou-se e fechou a porta atrás de si.

— Mas por favor, por favor! — gritei.

Voltei para a cama e agarrei-me àquela preciosa informação.

Outros! Voando acima dos montes! Todos, todos no céu! Talvez, oh! talvez um deles tenha estado no hotel da Cidade. Talvez não estejam muito longe... Se ao menos soubessem. . .

Senti, então, um horrível vazio. Se fosse verdade, se Severeid realmente tivesse visto outros voando como pássaros por sobre os montes, então Low estava certo: existiam outros! Haveria de existir um Vale, uma nave espacial, um Lar. Mas que tinha isso a ver comigo? Afastei todas as possibilidades. Virei-me na cama e afundei o rosto no travesseiro. Mas e Papai e Mamãe? E vovô Josh, vovó Malvina, bisavô Benedaly e. . . Repassei de memória as histórias que ouvira sobre minha família. Cruzando o oceano num pequeno navio. Construindo um novo país. Ora, meus antepassados formam um sólido muro atrás de mim, quase até Adão. Debatime contra a evidência e chorei, querendo transformar aquele muro numa cortina agitada pelos ventos da dúvida.

Não! Não! solucei e, pela primeira vez em, toda minha vida chorava por minha mãe,

sentindo-me tão desamparada como se ela tivesse morrido.

De repente sentei-me na cama.

— Não pode ser verdade! É apenas um bêbado. Tudo pode sair de sua garrafa. Não pode ser verdade!

— Mas pode ser. . . — murmurou, maliciosamente, uma de mim, pode ser. . .

Nos dias que se seguiram quase nada aconteceu. Havia alcançado uma trégua na batalha comigo mesma. Talvez porque tivesse outras coisas com que me preocupar, talvez porque as emoções também precisem de descanso.

Contudo, o encantamento de haver conhecido Low não diminuíra. Pressentia sua saudação ao pisar o primeiro degrau da escada pela manhã e algumas vezes, era despertada no escuro por seu silencioso boa-noite.

Certa vez, após o jantar, Marie plantou-se diante de mim quando me preparava para deixar a mesa. Sem dizer nada, apontou para o prato em que eu fizera montículos com a comida. Corei.

— Não está boa? perguntou, cruzando os braços sobre a imensa barriga.

— Está ótima Marie — respondi. — Apenas, não estou com fome.

Fugi, através do cheiro de alho que exalava de sua boca indignada, sob o olhar divertido de Low. Como poderia explicar a Marie que Low estivera me descrevendo um duplo arco--íris que vira naquela tarde e que ficara tão embebida no gosto das cores e no milagre de poder recebê-las dele que até me esquecera de comer?

Low e eu ficávamos muito tempo juntos, aprofundando nossa amizade, mas, na maioria das vezes, sentávamos com os outros na varanda, ao crepúsculo, ouvindo histórias sobre a velha mina, histórias que passavam de mão a mão, como moedas antigas, sempre que os cidadãos de Kruper se reuniam. Uma boa história nunca se esquece. Assim, depois de algum tempo, era fácil acompanhar as repetições costumeiras e, ao mesmo tempo, isolar-se do grupo.

— Não acha que necessita um pouco mais de prática em elevar-se?

A pergunta de Low cortava como uma luz o rumor das vozes.

— Elevar?

Agitei-me na cadeira. Ainda não estava acostumada a seguir duas conversas ao mesmo tempo.

— Voar — explicou, com exagerada paciência. — Como fez no vale e aqui no pátio.

— Oh!

Êxtase e terror invadiram-me subitamente. Aos poucos, porém, senti-me descansar nos braços de Low, não mais lutando contra eles como havia feito quando me agarrara sobre os pinheiros do vale.

— Não sei, respondi, resistindo-o tanto quanto podia. — Creio que poderei fazê-lo bem agora.

— Um pouco mais de prática não fará mal.

Havia, bom humor em sua resposta.

— Mas é melhor esperar que esteja por perto — continuou — no caso de acontecer alguma coisa. . .

— É? Então veja.

Elevei-me cerca de seis polegadas acima da cadeira. Como estava escuro, os outros não podiam ver.

— Assim? — perguntei.

Senti algo empurrar-me levemente e comecei a deslizar pela varanda. Voltei rapidamente e pousei na cadeira, batendo os calcanhares no soalho. A conversa cessou e todos olharam para mim.

— Mosquitos — desculpei-me. — Não posso suportá-los.

— Não é direito — disse para Low — você trapaceou.

— Vale tudo — respondeu.

— Hmmm! — pensei. — Então é guerra!

O resto da noite, senti-me despropositadamente feliz.

E veio sábado, quando o céu era tão tangivelmente azul e as nuvens tão maciamente leves, que não poderia ficar dentro de casa, costurando e pregando botões, ou pensando se deveria retocar o esmalte de minhas unhas ou raspá-lo de uma vez e pintar de novo. Calcei os sapatos, vesti a saia de lã e, amarrando as mangas do suéter na cintura, corri para os montes. Era um dia ideal para acompanhar o aqueduto da cidade até à fonte que o alimentava e ver se as histórias que sobre ele contavam eram mesmo verdadeiras.

Arquejando, parei para descansar no último patamar e olhei para o amontoado de velhas casas que formava aquele lado de Kruper. Além da estrada, de ferro, havia espaço suficiente para acomodar as quatro novas casas, construídas quando a mina Golden Turkey reabrira. Formavam uma linha clara, como grandes blocos de brinquedo, contra a encosta avermelhada do monte.

Retirei os cabelos que me caíam na testa molhada de suor. Emergindo, a intervalos, através das encostas, viam-se trechos do aqueduto. Em alguns lugares, corria sobre estacas de uma elevação à outra, ou simplesmente acompanhava o contorno das encostas. Após andar algum tempo, divertia-me em tentar conter com as mãos um fluxo de água que escapava de um dos inúmeros buracos abertos no cano. Era um milagre que a água conseguisse chegar à cidade. Estava tão envolvida naquilo que, inconscientemente, levei a mão ao rosto, quando senti o cálido contato de um dedo em minha face.. .

— Low — gritei, virando-me rapidamente. — Que está fazendo aí em cima?

Voou de uma rocha até o aqueduto.

— Johnny está muito preocupado hoje — disse. — Pediu-me para verificar se algum dos tampões não está fora de lugar.

Rimo-nos ao olhar o aqueduto todo esburacado, através da coluna de água que jorrava a nossa frente.

— Aposto que já tem mil buracos — disse Low.

— Afinal, por que ele não arranja um novo aqueduto? perguntei.

— É herança de família — respondeu Low, vigorosamente. — Somente porque está por demais preocupado hoje é que permitiu que cuidasse deste cano. Todos os outros buracos são assuntos de família. E há três gerações.

Colocou o batoque no buraco maior e afastou-se, enxugando o rosto.

— Venha comigo, vou mostrar-lhe a nascente.

Sentamo-nos na friagem nevoenta da clareira que se abria diante da caverna onde a nascente borbulhava, com reflexos azuis, brancos e esverdeados, antes de desaparecer nos canos enferrujados. Estávamos um diante do outro, sobre o cano, descansando em nossas consciências, quando, num instante maravilhoso, como duas águas fundidas, começamos a fluir, tão

completamente integrados, que a separação nos atingiu como um choque. Tanta doçura, mesmo sem nos tocarmos. . .?

Contudo, afastamo-nos daquela nova e assustadora emoção. Não encontrando palavras, Low fez voar até mim uma flor, arrancando-lhe uma pétala, quando passou por ele.

— Obrigada — disse, cheirando-a e espirrando violentamente. — Gostaria de poder fazer isso.

— Ora, você pode — disse Low. — Levantou aquela rocha em Machron e é capaz de voar.

— Sim, voar — estremeci ao recordar-me. — Mas não posso fazer a pedra voar. Posso apenas movê-la.

— Experimente com aquela ali.

Low atirou um seixo em direção a uma pequena lasca de pedra azul, na areia úmida. Obedientemente, ela deslizou até seus pés, cavando um pequeno sulco na areia.

Assustado, fê-la voltar.

— Levante-a, disse ele.

— Não posso — respondi. — Já lhe disse que não posso fazer nada voar, apenas se deslocar.

Fiz com que um pé de Low se movesse.

— Mas tem de ser capaz, Perdita. Você é uma de. . .

— Não sou!

Atirei violentamente n'água a flor que entrou pelo cano. Alguém lá embaixo, seria surpreendido com o súbito florescer de uma das fontes que jorrava do encanamento. . .

— Mas tudo o que tem a fazer é. . . é. . . — Low procurava as palavras.

— Sim? — inclinei-me para ouvir. Talvez pudesse aprender.

— Bem, apenas voe!

— Ora! — disse, desapontada. — De qualquer forma, é capaz de fazer isto? Olhe.

Vasculhei o bolso e tirei dois grampos.

— Tem uma moeda?

— Tenho.

Vasculhou, por sua vez, os bolsos e encontrou uma moeda.

— Faça-a incandescer — disse-lhe.

— Incandescê-la? Que quer dizer com isso?

Virou a moeda em sua mão.

— Sim. Vamos. É fácil. Tudo que tem de fazer é incandescê-la. Qualquer metal serve, mas a prata é melhor.

— Nunca ouvi falar nisso — disse, olhando-me desconfiado.

— Deveria saber — gritei — se é que faz parte de Mim. Se estamos unidos pelo Princípio Brilhante tem de se lembrar!

Low virava vagarosamente a moeda.

— Isso é brincadeira sua — disse. — Uma piada.

— Piada!

Aproximei-me e fitei-o nos olhos.

— Não faz tanto tempo que procuro uma resposta? Não seria uma de Vós se pudesse? Iria meu coração sangrar sempre que tenho de responder não, se pudesse aliviá-lo respondendo sim? Se pudesse estender as mãos e exclamar EU PERTENÇO.. .

Afastei-me alguns passos, com os olhos úmidos.

— Dê-me a moeda.

Tomei-a de seus dedos, sentei-me novamente e apertei-a em minha mão. A moeda acendeu-se imediatamente, tornando-se cada vez mais vermelha, até que abri os olhos para vê-la.

— Veja. Está acesa.

Estendi a mão para Low. Meus ossos brilhavam através da carne iluminada.

— Luz — exclamou, pegando a moeda maravilhado. — Luz fria! Por quanto tempo pode manter isso?

— Não preciso mantê-lo. Ficará assim, até que o apague.

— Quanto tempo?

— Quanto tempo dura um metal? Não sei. Seu Povo é capaz de fazer isso?

— Não. — Tinha os olhos fixos em mim. — Não me lembro disso.

— Então não sou uma de Vós.

Tentei dizer isso sem demonstrar o sobressalto de meu coração.

— Parece que somos simultâneos, mas não é verdade. Você veio de um lugar, eu de outro.

Nem mesmo a ele! exclamei em silêncio. Nem mesmo a ele posso pertencer!

Respirei profundamente e pus de lado a emoção.

— Olhe, disse. Nenhum de nós preenche um tipo de gente. Eu me desviei, você se desviou. Apenas, está satisfeito com a explicação que tem da razão de ser como é. Ainda não encontrei uma explicação para mim. Não podemos deixar assim?

Low agarrou-me pelos ombros, fazendo a moeda saltar para a água. Sacudiu-me delicadamente.

— Afirmo-lhe, Perdita, não estou inventando histórias. Eu pertenço e você pertence, sua recusa em acreditar não mudará as coisas. Somos da mesma. . .

Fitamo-nos fixamente por um longo tempo e seus dedos se distenderam e ele os fez deslizar até minhas mãos. Voltamos as costas para a nascente e, de mãos dadas, caminhamos em silêncio. Olhei para trás e vi o rebrilhar da moeda. Apaguei-a.

Não — disse. — Não pode ser assim. Eu o saberia se fosse verdade. Não somos iguais. Mas, então, quem sou? Quem sou? E, um pouco fatigada, cambaleei.

Por esse tempo tudo andava bem na escola, e Petie concordara finalmente que o dois pode ter um nome e uma figura e aprendeu a contar até dez.

E Lucine — símbolo de nossa prisão — com nossa ajuda estava se desenvolvendo e, com grande contentamento, começava a ler seu segundo livro.

Recordo-me, porém, do último dia calmo. . .

Escrevera várias cartas, perguntando sobre um possível chinês chamado Joe e estava lendo uma das respostas negativas que recebera. Até esse tempo, ainda pudera ocultar de Low o divertido episódio com Severeid. Queria eu mesma descobrir o Vale, se porventura existisse. Gostaria que fosse meu presente para ele, e para meu conturbado ser. Mais que tudo, gostaria de saber pelo menos alguma coisa, mesmo que essa coisa provasse que estava errada e me separasse de Low. Uma única verdade segura em tudo aquilo seria um conforto e um ponto de partida para nos unirmos realmente.

Muitas vezes, desejei poder agarrar Severeid e sacudi-lo para arrancar mais informações, mas ele desaparecera, abandonando o emprego sem receber o último ordenado. Ninguém sabia

para onde tinha ido. A última vez que o viram em Kruper foi na manhã seguinte à sua conversa comigo. Estava ajoelhado na encruzilhada da estrada, balançando o corpo, uma garrafa em cada mão, sem se preocupar em pedir uma carona, apenas esperando que alguém parasse voluntariamente, o que por certo aconteceu.

— Perguntei à Esperanza acerca dele. Ela enrolou nos dedos seus cabelos finos e brilhantes.

— É um bêbado — disse, sem interesse. — Essa gente não é esperta. Talvez tenha se perdido.

Seus olhos brilhavam.

— No último ano — continuou,— perdeu-se e os guardas encontraram-no em El Paso. Trouxe-me um perfume quando voltou. Talvez tenha ido para lá novamente. Era um perfume muito bom.

Começou a descer a escada.

— Voltará — gritou. — A menos que esteja morto em alguma vala.

Sacudi a cabeça e sorri decepcionada. Pensar que brigaria como uma gata selvagem, se outra pessoa falasse de Severeid daquela maneira...

Suspirei e retornei à carta que estava lendo. De repente, enruguei a testa e agitei-me na cadeira. O que estava errado? Sentia-me desassossegada. Rápido, examinei-me fisicamente. Depois, meus olhos perscrutaram a sala. Petie desenhava aviões a jato e imitava-os. O suave skoosh! skoosh! skoosh! das largadas era o único ruído audível. Examinei os pensamentos e tudo era normal. Voltava para a mesa, quando fui atraída para trás. Havia um rumor agudo, doloroso, como de uma abelha enfurecida — um rumor malicioso! Quem era? Encontrei seus olhos apagados e entendi.

Quase me afoguei na torrente de ódio e quando tentei encontrá-la, em seu interior, fui repelida, como se nunca tivesse havido um contato entre nós. Nervosamente, esfreguei as mãos na saia, para limpá-las do que havia visto.

O sinal de recreio bateu tão forte que dei um salto, rindo disso junto com as crianças. Assim que pude, corri para a sala da senhora Kanz.

— Lucine vai ter outra crise — disse-lhe imediatamente.

— O que a faz pensar assim?

A senhora Kanz corrigia as provas de literatura.

— Não penso, sei! E desta vez não será vagarosa. Alguém sairá ferido, se não fizermos alguma coisa.

A senhora Kanz largou a caneta, apoiou os cotovelos na mesa e apertou os lábios.

— Você se preocupa demais com Lucine — disse com desagrado. — Se chegou ao ponto de pensar que pode predizer seu comportamento, foi longe demais. Logo estarão falando que você está louca. Por que não se esquece um pouco dela e se concentra em, digamos, em Low. Aposto que é muito mais interessante.

— Ele também sabe — gritei. Virá dizer-lhe também. Sabe mais sobre Lucine do que ninguém.

— Ouvi dizer. . .

Havia em sua voz um toque sórdido.

— Estiveram juntos nas montanhas — prosseguiu. — Como sabe, apenas a sua mente é retardada. Lembre-se de que ela já tem mais de doze anos e alguns homens. . .

Bati ruidosamente a mão na mesa. Senti que meus olhos flamejavam e ela se esquivou como

de um golpe. Levou a mão ao rosto como para se defender.

— Eu. . . — gaguejou — estava apenas brincando. Respirei fundo para reprimir meu ódio.

— Vai fazer alguma coisa a respeito de Lucine?

Minha voz era muito branda.

— O que posso fazer? perguntou. — O que se pode fazer?

— Esqueça-se disso — disse-lhe-rispidamente. — Esqueça-se.

Durante toda a tarde tentei encontrar Lucine, mas ela permanecia solidamente na superfície. Embaixo, ódio e violência escorriam como lava e, aparentemente sem motivo, inclinou--se e beliscou o braço de Petie até fazê-lo chorar.

Depois, ficou isolada, com o rosto voltado para a parede, até tocar o último sinal.

— Pode ir agora, Lucine — disse para a estranha que havia tomado o lugar da criança que eu conhecia. Pus a mão em seu ombro. Escapou de mim com um movimento rápido. Observei-lhe o perfil, enquanto se afastava. Os músculos da face contraíam-se, as cordas do pescoço estavam tensas.

Corri para casa e esperei, quase louca de preocupação, que Low trocasse de roupa. Caminhei pelo gasto tapete do living, dando voltas em torno ao bojudo aquecedor. Olhei dezenas de vezes através da cortina rendada, dos vidros quebrados da janela. Esfragava as mãos e sentia um mal estar físico, quando o telefone tocou. Retirei o receptor.

— Alô! — gritei — Alô!

— Marie. Quero falar com Marie. A voz vinha de longe.

— Diga a Marie que quero falar com ela.

Chamei Marie e fui para a varanda. Fiquei andando de um lado para outro, ouvindo a voz de Marie que aumentava e diminuía, conforme me distanciava.

— . . .bem, esperava por isso há muito tempo. Uma menina doente como essa. . .

— Lucine! — exclamei e corri para dentro. — Que aconteceu?

— Lucine? — Marie olhou-me espantada. — Que tem Lucine a ver com isso? A filha de Marson fugiu ontem à noite com o maquinista da Golden Turkey. Ele tem cinqüenta anos, ela acabou de fazer dezesseis.

Retornou ao telefone.

— Sim! Sim!

Seus olhos ávidos brilhavam.

Mal havia voltado para a porta, quando um carro parou no portão. Peguei meu casaco e saí.

— Lucine? perguntei.

— Sim.

O Sheriff abriu a porta traseira para mim. Seu auxiliar tinha os olhos arregalados pela rapidez dos acontecimentos.

— Onde está ela?

— Não sei — respondi. — Que aconteceu?

— Ficou louca ao voltar para casa.

O carro começou a se afastar do hotel.

— Levantou Petie pelos pés e bateu-o contra uma pedra. Espantou as outras crianças com pedras e atirou-se novamente sobre Petie. Ainda está vivo, mas o médico cansou de contar os ferimentos. Estão fazendo transfusões como loucos. A senhora Kanz disse que você poderia saber

onde está Lucine.

— Não.

Fechei os olhos.

— Mas encontrá-la-ei. Antes, apanhemos Low.

O ônibus de baldeação acabara de encostar na estação. Low desceu e, sem dizer uma palavra, entrou no carro do Sheriff. Vi minha angústia refletida em seu rosto, antes que apertássemos as mãos.

Durante as duas horas seguintes, corremos as estradas ao redor de Kruper. Fomos a todos os lugares onde Lucine poderia ter ido, mas em parte alguma, em parte alguma das encostas cobertas de capim ou das montanhas eriçadas de pinheiros, pude sentir Lucine.

— Bem, passemos mais uma vez pelo Vale Poland. Se não encontrarmos sinal algum, então, teremos de utilizar os cães.

O Sheriff dirigiu-se para a elevação à entrada do vale.

— Expliquem-me como uma criança poderia ter desaparecido tão rapidamente.

— Ainda não a viu correr — disse Low. — Nunca o faz quando está perto de outros. É quase tão rápida como um avião e pode vencer-me sempre que quiser. Prende a respiração e dispara. Vencerá sem esforço os cães, se é que vamos colocá-los atrás dela.

— Pare! — Agarrei-me ao assento. — Pare o carro! O carro estacou. Saímos.

— Ali! — disse. — Está em algum lugar por ali. Olhamos para a encosta recoberta de mato.

— Não pode ser! — Resmungou o Sheriff. — Não na Cleo II! O buraco do inferno não é nada comparado com ela. Gás, água e areia movediça, tudo o que há de ruim no calendário. Perdi a conta dos homens que morreram aí, desde o tempo de meu pai. O que a faz pensar que ela está aí, professora? Viu alguma coisa?

— Sei que está por aqui — esquivei-me. — Talvez não dentro da mina, mas por perto.

— Vamos dar uma olhada — disse o Sheriff. — Daria um bom dinheiro para saber como conseguiu vê-la, estando no outro lado do automóvel.

Foi até o carro e pegou um fuzil.

— Uma arma? — exclamei. — Para Lucine?

— Você não viu Petie, viu? Eu sim. Quando caço animais costumo levar armas.

— Não! — gritei. — Ela virá por bem.

— Pode ser que sim.

Cuspiu pensativamente.

— Mas pode ser que não. Atravessamos a estrada e entramos no vale.

— Está segura, Perdita? — murmurou Low. — Não a senti ainda. Apenas um rosnar. . .

— É Lucine, — respondi. — É Lucine.

Low recuou.

— Esse. . . esse animal?

— Esse animal. Será que foi nossa culpa? Talvez não devêssemos ter lidado com ela.

— Não sei. Senti sua tristeza.

— Não sei. Que Deus me ajude.

Ela estava na Cleo II.

Na tensão de nosso silêncio, podíamos ouvir o rascar das pedras, quando ela se movia. Sentia-me muito mal.

— Lucine! — Gritei na escuridão do poço. — Lucine, venha para fora. É tempo de voltar para casa.

Uma pedra do tamanho de um punho fechado fez com que me afastasse, pondo a mão no ombro machucado.

— Lucine!

A voz de Low era enérgica e ecoou por toda a volta. Um grunhido inarticulado soou como resposta.

— Bem?

O Sheriff olhava para nós.

— Está completamente louca! — disse Low. — Não poderemos alcançá-la.

— Inferno! — disse o Sheriff. — Como a tiraremos daí?

Ninguém sabia responder e ficamos parados, enquanto os últimos raios do sol batiam em nossas costas e pousavam suavemente na entrada da mina. Uma súbita saraivada de pedras passou por nós, estourando no chão nu e afundando nas moitas de capim. Ouviu-se, depois, um grito gutural que feriu meus ossos e empalideceu as faces do Sheriff.

— Vou atirar! — disse ele. — Vou atirar nessa coisa, madame.

Armou o fuzil e preparou-se para atirar.

— Não! — gritei. — Uma criança. Uma menina.

Seus olhos voltaram-se para mim, os lábios contraíram-se.

— Isso aí? — perguntou, e cuspiu.

O Auxiliar puxou-o pela manga, levou-o para um lado e murmuroulhe algo rapidamente. Olhei nervosamente para Low. Estava tentando ligar-se a Lucine, os olhos fechados, a face tensa.

Os dois homens juntaram pedras de pequeno tamanho. Deixaramnas à mão, próximo à entrada da mina. Então, começaram a bombardear com elas o fundo do poço. Em resposta veio uma chuva de pedras de dentro da mina, depois um grito de revolta que se enfraquecia à medida que Lucine se internava nas trevas.

— Agarre-a!

Os dois homens redobraram os esforços, aproximando-se da boca da mina. Low impediu-me de acompanhá-los.

— Há um poço lá dentro — disse-me. — Estão tentando empurrála para ele. Certa vez, joguei uma pedra lá dentro e não a ouvi bater no fundo.

— Mas é um assassinato! — gritei, atirando-me para a frente, agarrando o braço do Sheriff. — Parem com isso!

— É preciso apanhá-la de qualquer jeito — disse, retesando os músculos sob minha mão. — Melhor morrer ela do que Petie e todos nós. Está com a idéia fixa de matar.

Concentrei-me como nunca o fizera antes. Enviei-me tateando através da escuridão da mina, para uma treva ainda mais pesada e profunda — as trevas de Lucine — e lutei contra ela até senti-la invadir-me incontrolavelmente. Persisti, obstinadamente, tentando encontrar uma migalha de razão sob o manto da loucura e, através dela, introduzir um pouco de saúde. Low alcançou-me no momento em que a torrente me engolfou. Alcançou-me e ajudou-me a retornar do inferno.

De repente, ouviu-se um estrondo dentro da mina, e uma nuvem de pó irrompeu da entrada.

Depois, ressoou um grito agudo de animal, seguido de soluços de dor e medo — um choro de

criança aterrorizada acordando nas trevas, um grito de socorro!
— É Lucine! — disse soluçando. — Ela voltou. Que aconteceu?

— Uma caverna interior — disse o Sheriff. — Desmoronou há muitos anos. Penso que desta vez não escapou.

— Mas ainda sinto Lucine — disse Low. — Temos que tirá-la daí.

— Se foi a caverna de que estou falando — prosseguiu o Sheriff — está morta. Há um lugar ali que é só areia. Fina, fofa, desliza como água. Chupa uma pessoa em pouco tempo.

Seus lábios se apertaram.

— O primeiro homem morto que vi — continuou — tirei-o dessa areia. Tinha dezesseis anos então, e como era o mais magro de todos, mandaram-me buscar o corpo. Puxei-o primeiro pelos pés. Cara teimoso. Arranquei-o da areia como se arranca uma planta. Afogado na lama. É, vamos ter muito trabalho desta vez. Bem — disse, pondo o chapéu para trás. — É melhor ir até à cidade e trazer mais gente para cá.

— Ela não está morta — disse Low. — Ainda respira. Ficou presa sob alguma coisa e não pode se livrar.

O Sheriff olhou, através das pálpebras semi-cerradas.

— Ouvi dizer que você é uma espécie de feiticeiro — disse ele. — Parece-me um louco, falando desse jeito. Quer voltar para a cidade madame? — Sua voz abrandou-se. — Não poderá fazer mais nada por aqui. Ela está morta.

— Não está — disse. — Ainda vive. Posso ouvi-la.

— Ora! — resmungou o Sheriff. — Os dois. Está bem. Ficam encarregados de impedir que a mina saia do lugar, enquanto vou à cidade.

Rindo da própria piada afastou-se, levando o Auxiliar.

Ouvimos o ruído do motor, até que desapareceu no silêncio das florestas montanhosas. Percebemos a brisa nos galhos e o pio longínquo de algum pássaro. Ouvimos a batida de nossos pulsos e a perplexidade aterrorizada que era Lucine. E ouvimos a dor que começava a apertar as tenazes de aço em seu corpo e a lâmina cortante da agonia clamando pela luz que se perdia na inconsciência. Então, começamos a tatear nas trevas do túnel. Tropecei e caí, sentindo uma torrente espessa envolver-me a garganta, atraindo-me para baixo. Low debatia-se à minha frente.

— Volte! — advertiu-me. — Volte, ou ambos ficaremos presos.

— Não! — gritei, tentando avançar. — Não posso deixá-lo!

— Volte! — gritou. — Encontrarei Lucine e segurá-la-ei até chegarem os homens. Você tem que me ajudar a conter a areia movediça.
— Não serei capaz! — respondi. — Não sei como fazê-lo!
Afastei a areia de meu peito.
— Pode sim — disse-me com o pensamento. — Basta ficar olhando.

Arrastei-me de volta pela interminável distância que percorrera sem saber e estendi-me à entrada da mina, as mãos enlameadas apertadas contra o rosto suado. Olhei profundamente dentro de mim mesma: um abismo. Aprofundei-me, mente e espírito, até encontrar um novo Poder, uma nova habilidade e, vagarosamente, vagarosamente, a corrente de areia começou a se dividir. Com o braço, Lucine protegia a boca e o nariz.

Low abriu caminho pelo lodo, esforçando-se por alcançar Lucine antes que todo ar

desaparecesse.

Estávamos tão unidos fazendo aquele trabalho que éramos um só. Éramos um, mas esse um era uma multidão, unida no tremendo esforço. Assim, não necessitávamos de palavras para nos comunicar. Percorremos corredores, cavernas e encontramos o poço que arrebatara Lucine. Contive a corrente de areia movediça, enquanto Low se esforçava para alcançar a cabeça de Lucine. Cuidadosamente, livramos o seu corpo. Por fim, Low conseguiu pegá-la pelos ombros e. . . perdeu-se! Perdeu-se completamente entre uma respiração e outra.

— Low! — gritei, erguendo-me à entrada do túnel, mas meu grito foi sufocado pelo estrondo que sacudiu o solo. Aterrorizada, vi a encosta tremer, abrir-se ao meio e mergulhar no silêncio após uma chuva de pedras, que veio enterrar-se num monte de areia a meus pés.

Gritei novamente e o céu rodopiou numa louca espiral e súbita, inexplicavelmente, lá estava Severeid Swanson, flutuando acima dos pinheiros e gritando:

— Fessora! Fessora!

O mundo parou como que agarrado. Minhas pernas bambearam.

— Severeid, — gritei. — Eles estão lá dentro! Ajude-me tirá-los! Ajude-me!

Severeid encolheu os ombros.

— No comprendo, Fessora, no comprendo. Trouxe comigo dois voadores. A senhora disse que precisava encontrá-los. Encontrei-os. Que faz aqui, chorando?

Antes de ter visto alguém junto de Severeid, minha mente pressentira uma presença. As palavras saíam de mim antes que pudesse articulálas. Subitamente, as rochas começaram a se mover. Caí de joelhos. Com terrível assombro, vi a encosta levantar-se como as bordas de um sulco aberto pelo arado e a areia movediça jorrar, como uma fonte avermelhada, das entranhas da mina. Low e Lucine foram expelidos com o jato e a encosta fechou-se novamente. Low e Lucine pousaram à minha frente e a luz desapareceu. Atirei-me ao chão e pus a mão no rosto de Low.

O sol desaparecera completamente. Senti a areia macia sob minha face. Um vento frio soprava nas árvores, mas, onde estávamos, o calor da tarde era conservado por blocos de granito. Sem me mover, juntei-me a Low, Valancy e Jemmy. Sem abrir os olhos podia ver tudo à minha volta. Ganhava forças. A alegria tornava-se insuportável. Levantei-me.

— Expliquem-me — disse. — Como pôde Severeid encontrá-los pela segunda vez?

Não me importei com o sorriso indulgente que Jemmy e Valancy trocaram. Não importava sentir-me como criança, se eles eram os adultos.

— A primeira vez que nos viu, — disse Jemmy — foi quando resolveu dormir perto do lugar que escolhêramos para um piquenique. Estava tão bêbado, ou tão infantil, ou ambas as coisas que não estranhou, nem teve medo ao nos ver voando pelo céu. Apenas intrigou-se e achou muito divertido. Pensou que havia morrido e que passava pelo purgatório. Custou-nos convencê-lo a não nos acompanhar. Evidentemente, ao deixá-lo, bloqueamos sua memória, de modo que não pudesse falar sobre nós a outras pessoas, exceto a quem pertencesse a nosso Povo.

Jemmy sorriu para mim.

— Eis por que ficamos assustados ao descobrir que nos havia revelado a você que não pertence ao Povo. Pelo menos não ao Lar. Foi a terceira surpresa que tivemos. Peter e Bethie foram as primeiras, mas, pelo menos, tinham metade de nosso sangue. Porém, você... — balançou a cabeça com ar preocupado. — Você não tem nada!

— Sim — respondi, estremecendo ao recordar os longos anos em que buscara inutilmente uma relação. — De fato, não tenho nada.

Deixei-me envolver pela sensação confortante que emanava de Low, Jemmy e Valancy, sua esposa.

— Bem — prosseguiu Jemmy. — Quando você disse a Severeid que precisava nos encontrar, ele, com a pertinácia de um bêbado, retornou ao local do piquenique. Deve ter acendido muitas vezes sua frágil fogueira antes que o encontrássemos abatido pela sede e pela fome.

Jemmy suspirou profundamente.

— Quando descobrimos que Severeid conhecia duas pessoas que julgávamos pertencerem ao nosso Povo, pois desde a chegada das primeiras naves estamos nos reencontrando, bem... Fizemo-lo dormir durante todo o caminho de volta.

Ficaria muito nervoso com a velocidade e a altura em que viajávamos, especialmente pelo fato de não usarmos, nem carro, nem avião. Percebi a sua luta para salvar Lucine, quando ainda me encontrava a alguns quilômetros daqui e, graças ao Poder chegamos a tempo.

— Sim — murmurei, sentindo o calor das mãos de Low, que procuravam poupar-me aquela recordação.

— Foi o trabalho mais rápido que já fiz — disse Jemmy. — E o maior também. Não estava seguro de a luz do crepúsculo, sem o luar, tivesse força suficiente e eu mesmo me surpreendi quando a montanha fendeu. Creio que teremos de controlar melhor nossos Poderes. Foi um verdadeiro terremoto.

— Não há dúvida — disse. — Gostaria de saber o que pensa Severeid de tudo isso?

— Fizemo-lo esquecer o que sucedeu com a mina — disse Valancy. — Mas, como diria Jemmy, o Sheriff ficou verdadeiramente abalado quando voltou com os homens. Apenas foi capaz de dizer: — Puxa! Desta vez acabou-se a Cleo II.

— E Lucine? — perguntei.

— Está sarando — disse Valancy. — Bethie, nossa Sensitiva, descobriu qual era a falha e agora está tudo bem. Dentro de pouco tempo, ficará normal.

— E... e eu?

— Uma de Nós! disseram-me os três pelo pensamento.

— Nascida na Terra ou não, uma de Nós!

— Mas que problema — disse Jemmy. — Pensávamos que tínhamos o registro de todos. Havia os que pertenciam completamente ao Povo e os que eram metade da Terra, como Peter e Bethie. E então, surgiu você. Nenhuma relação com o Povo.

— Nenhuma — respondi, apoiando-me confortavelmente em meus antepassados. — Nenhuma relação com o Povo.

— Você confirma algo que vínhamos suspeitando — disse Valancy. — Talvez os habitantes da Terra estejam adquirindo alguns dos Poderes. Havíamos encontrado sinais desse desenvolvimento, mas em escala muito diminuta. Não imaginávamos que alguém estivesse tão evoluído no Caminho. Quantos não existirão pelo mundo à espera de serem encontrados?

— Ocultando-se, você quer dizer — observei. — Ninguém sai por aí, esperando ser encontrado. Não após ter sentido os primeiros sintomas. Oh! nos primeiros momentos da descoberta, deseja-se partilhá-la, mas aprende-se logo a ocultá-la.

— Tão igual a nós! — exclamou Valancy. — Dois mundos e mesmo assim tão igual a nós!

— Mas não consegue fazer as coisas voarem — brincou Low.

— E você não é capaz de fundi-las — respondi.

— Nem você pode usar a energia da luz do sol e da lua — disse Jemmy.

— E você guiar as nuvens — disse-lhe. — E se não param de me provocar, faço voltar essa chuva que vai para Morenci e dar um banho em todo mundo.

— É mesmo capaz de fazê-lo — disse Valancy, rindo-se.

— Vamos deixá-la em paz.

Ficamos em silêncio, descansando na areia cálida. Jemmy virou-se e abriu um olho.

— Sabe Valancy, Low e Perdita podem comunicar-se mais livremente do que nós. Às vezes, fazem-no quase involuntariamente.

Valancy virou-se também.

— Sim — disse ela. — E Perdita pode me bloquear também. Apenas um Natural pode fazer isso e ela não é uma Natural.

Jemmy balançou a cabeça.

— Coisas da Terra! Sempre inesperadas... Que problema ela nos vai ser!

— Uff! Um problema e meio — pensou Low. — Apesar disso, penso que ficarei com ela.

Senti o seu terno sorriso.

Fechei os olhos contra o sol, percebendo a luz através das pálpebras.

"Não estava perdida!, pensei, sentindo enorme alegria. — Na verdade, não estava perdida!"

Agarrei-me fortemente a meu sonho, sabendo que afinal, poderia vivê-lo completamente. E não apenas eu, mas muitos outros que se acham perdidos e confusos. Algum dia também poderão SER o que hoje podem apenas sonhar.

Calmamente adormeci, sentindo a mão quente de Low em minha face. Poderia dormir sem temores ou sobressaltos.

Por que não comunicou a morte imediatamente? — perguntou-me Madeleine. — Poderia ao menos, ter se livrado do cadáver logo depois, quando era mais fácil!

— Ah! Sou preguiçoso e desorganizado. Estou exausto de nada fazer! Nunca me lembro onde deixei as coisas. Perco meu tempo, esgoto os nervos, desgasto-me à procura delas, revirando gavetas, rastejando sob as camas, fechando-me na despensa, enterrando-me em armários. Estou sempre começando projetos que não termino. Abandono-os; deixo as coisas correrem. Nenhuma força de vontade, pois não tenho objetivo na vida. Não fosse o dote de minha mulher, a sua pequena renda...

— Deixou passar dez anos! O cheiro começa a se espalhar por todo o edifício. Os vizinhos já o sentiram e perguntam-se de onde poderia vir. Estão certos de que acabarão descobrindo. E a causa de tudo é sua falta de iniciativa. Agora terá de contar tudo ao comissário. Vai haver escândalo! Se ao menos pudéssemos provar que está morto há dez anos: o prazo para prescrição é justamente esse. Se tivesse comunicado a morte no devido tempo, estaríamos a salvo hoje. Estaríamos em paz! Não precisaríamos nos esconder dos vizinhos; poderíamos receber visitas, como todo mundo.

Quis responder: — Não vê que teríamos sido presos, Madeleine? A prescrição não teria ocorrido. Seríamos atirados a uma cela ou guilhotinados. . . Isso é óbvio!

Mas é inútil querer ensinar lógica a uma mulher — Deixei-a continuar, esforçando-me para não ouvir.

— É por causa dele que as coisas vão tão mal. Nada dá certo para nós — exclamou Madeleine.

— Isso é apenas uma suposição.

— E além do mais, está ocupando nosso mais belo cômodo. Nossa alcova!

Pela décima milésima vez, talvez, fingi que ia ao banheiro e dirigime à esquerda no corredor para ir dar uma olhada no morto em seu quarto.

Abri a porta. Inútil esperança: nunca desapareceria sozinho. Havia mesmo aumentado de tamanho. Logo necessitaria de mais um sofá. A barba não cessara de crescer e, agora, alcançava-lhe os joelhos. Quanto às unhas, estavam bem, pois Madeleine as cuidava.

Nesse momento, ouvi os passos dela. Jamais consegui ficar sozinho com o cadáver. A despeito de minhas infinitas precauções, sempre me surpreende. Ela desconfia de mim, espiona-me, segue-me, nunca me deixa só.

Sofro de insônia. Ela não. Apesar da desgraça que nos atingiu, Madeleine dorme profundamente.

Às vezes, no meio da noite, esperando aproveitar a escuridão e o sono de Madeleine, saio da cama com todo cuidado para as molas não rangerem. Sustendo a respiração, consigo chegar à porta, mas mal pego a maçaneta e Madeleine, já com um pé fora da coberta, grita-me:

— Aonde vai? Vai vê-lo? Espere-me!

Outras vezes, julgando que está atarefada na cozinha, corro até ao quarto, na insensata esperança de, finalmente, poder ficar a sós com ele por alguns segundos. Eis que a encontro, sentada no sofá, segurando o defunto pelos ombros, aguardando minha chegada.

Por isso, não me surpreendi desta vez, ao sentir Madeleine às minhas costas, pronta para me repreender, como de hábito. Como lhe chamasse a atenção para a beleza de seus olhos, brilhando na escuridão, completamente insensível àquela beleza inusitada, ela gritou-me:

— Dez anos e ainda não foi capaz de cerrar-lhe as pálpebras!

— É verdade. . . — concordei penalizado.

— Como pode alguém ser tão descuidado? — continuou ela. — Não vá me dizer que esteve muito ocupado, pois não faz nada o dia inteiro.

— Não posso pensar em tudo.

— Você não pensa em nada!

— Sei disso. Já me repetiu cem mil vezes!

— Então, por que não se corrige?

— Você mesma poderia ter fechado os olhos dele.

— Tenho muito que fazer e não posso andar atrás de você, guardando as coisas que deixou cair, completando o que abandonou, pondo tudo em ordem. Faço todo o serviço do apartamento, cozinho, lavo, costuro, encero o chão. Lavo sua roupa e a dele. Tiro o pó, lavo os pratos, escrevo poesias, que vendo para aumentar nossos magros recursos. Canto perto da janela, a despeito de minha tristeza, para que os vizinhos não desconfiem de alguma coisa entre nós. Sabe muito bem que não temos empregada. Ah! com o que ganha! Não fosse eu, como estaria você?

— Estaria muito bem. . . — respondi fatigado, e saí do quarto.

— Aonde vai? Esqueceu novamente de fechar-lhe os olhos!

Voltei. Aproximei-me do cadáver. Como era velho, como era velho! Os mortos envelhecem mais depressa que os vivos. Quem reconheceria nele o belo jovem que, certa noite há dez anos atrás, vindo nos visitar, subitamente apaixonou-se de minha mulher e, aproveitando-se de minha ausência por cinco minutos, tornou-se seu amante naquela mesma noite?

— Se ao menos — disse-me Madeleine — se ao menos tivesse ido ao comissário, no dia seguinte ao crime, e confessado que o matara num momento de ódio ou de ciúme, o que é a pura verdade, então, tratandose de um crime passional, não teria com que se preocupar. Fariam-no assinar uma declaração e deixariam livre. Arquivariam a declaração num "dossier" e tudo estaria terminado e esquecido há muito tempo. É por sua negligência que estamos neste apuro. Toda vez que o mandava ir fazer a declaração, respondia-me: Amanhã, amanhã, amanhã! E os amanhãs chegaram a dez anos. E agora estamos nesta situação. Tudo por sua culpa, só por sua culpa!

— Irei amanhã — disse-lhe, esperando ser deixado em paz.

— Oh! Eu o conheço. Não irá. Além do mais, de que adiantaria agora? Ninguém acreditará — depois de dez anos — que o matou num momento de ódio. Quando se demora dez anos, começa parecer que houve premeditação. Vivo me perguntando que poderemos dizer, se quisermos nos livrar. Envelhecido como está, poderá dizer que ele é seu pai e que o matou ontem. Mas talvez não seja uma boa desculpa.

— Ninguém acreditará em nós, ninguém — murmurei.

Sou um realista. Não tenho força de vontade, mas raciocino com clareza. Por isso, a falta de

bom-senso, as opiniões descabidas de Madeleine sempre me foram intoleráveis.

— Vamos para o outro quarto — disse e tornei a sair.

— Esqueceu outra vez de fechar-lhe os olhos! Por que não presta mais atenção no que os outros lhe dizem? — gritou Madeleine.

Duas semanas se passaram. Ele estava envelhecendo e aumentando de tamanho, cada vez mais rapidamente. Isso nos alarmava. Tudo indicava que aquela doença do defunto progredia geometricamente. Como pudera contraí-la em nossa casa?

Em pouco tempo o sofá tornou-se pequeno para contê-lo. Fomos obrigados a colocá-lo no chão, o que nos permitiu recobrar aquele móvel, que colocamos na sala de jantar. Tive, então, pela primeira vez em dez anos, a oportunidade de tirar uma soneca depois do almoço, quando os gritos de Madeleine me despertaram.

— Está surdo? — disse, numa crise de nervosismo. — Nada o preocupa, nada! Dorme o dia inteiro. . .

— É porque não durmo à noite.

— . . .como se nada estivesse acontecendo nesta casa. Ouça!

Ouvi estalos vindos do quarto do defunto. O reboque do teto devia estar se desprendendo. Uma pressão irresistível fazia as paredes rangerem. O soalho do apartamento, mesmo na sala de jantar, vibrava, estalava como as pranchas de uma embarcação. Uma janela quebrou, estilhaçando as vidraças. Felizmente, era uma janela do corredor interno.

— Que irão pensar os vizinhos?

Madeleine estava desesperada.

— Vamos ver o que é.

Mal havíamos dado dois passos em direção ao quarto do morto, quando a porta se despregou, despedaçando-se no solo e lá estava a enorme cabeça do homem, olhando para o teto.

— Os olhos ainda estão abertos — observou Madeleine. Sim, estavam abertos. Eram enormes e redondos e iluminavam todo o corredor com uma luz alvacenta e fria.

— Felizmente a porta caiu — disse, para acalmar Madeleine. — Teremos mais espaço agora, pois o corredor é comprido.

— Sempre otimista! Veja!

Enquanto ela encolhia os ombros, olhei. Era perturbador.

Ele crescia sob nossos olhos. Fiz um risco com giz, algumas polegadas adiante de sua cabeça. Em poucos minutos, a marca foi alcançada e ultrapassada.

— Temos que agir! — declarei. — Realmente não podemos esperar mais.

— Finalmente recobrou os sentidos — disse Madeleine. Finalmente, finalmente compreendeu. Deveria ter agido há muito tempo, meu pobre amigo.

Percebi meu erro. Tremendo, procurei desculpar-me.

— Idiota! — retrucou Madeleine, como para me dar coragem.

Nada poderia fazer até à noite. Estávamos no mês de junho e teríamos de esperar ainda algumas horas — tínhamos muito tempo. Poderia descansar, pensar em outras coisas ou mesmo dormir, se Madeleine não estivesse ali, mais agitada que nunca. Podem imaginar como era aquilo — não havia modo de ficar um minuto livre de seus discursos, seus "já lhe disse", sua mania de sempre estar com a razão.

Entretanto, a cabeça do cadáver continuava a avançar pelo corredor, aproximando-se cada

vez mais da sala de jantar, cuja porta logo fui obrigado a abrir. As estrelas mal tinham surgido, quando ela alcançou o limiar da porta. Mas ainda tínhamos de esperar, pois haviam muitas pessoas nas ruas. Era hora do jantar, porém não estávamos com fome. Com sede sim. Contudo, os copos estavam na cozinha e seria preciso andar sobre o cadáver. Mesmo esse pequeno esforço seria demasiado para nós.

Não era preciso acender as luzes. Seus olhos iluminavam suficientemente a sala.

— Feche as janelas — sugeriu Madeleine e, apontando para a cabeça do cadáver, disse:

— A casa vai desmoronar.

A cabeça alcançara a orla do tapete, que se enrugava. Levantei-a.

— Assim não estragará o tapete — disse.

Apesar de tudo, sentia-me deprimido. Aquilo já durara muitos anos. Além do mais, estava nervoso aquela noite "teria de fazer alguma coisa". Minhas têmporas porejavam. Eu tremia.

— É realmente insuportável — gritou Madeleine, revoltada. — Tais coisas aconteceram justamente para nós!

Olhei seu pobre rosto torturado. Tive pena dela. Acheguei-me e disse-lhe ternamente:

— Se nos amássemos, nada disso teria importância. Tomei-lhe a mão.

— Amemo-nos, Madeleine. Amemo-nos, pois o amor encontrará o caminho, endireitará tudo. Ele mudará nossa vida, você me compreende?

Tentei beijá-la, mas se esquivou, os olhos secos, a boca rígida.

— Creio nisso — murmurei. Então, deixando-me embalar, prossegui: — Lembra-se, como nos velhos tempos cada manhã era uma vitória para nós? Lembra-se? O universo existia e não existia. Era apenas um véu transparente atravessado por uma luz ofuscante, luz de glória, nascida de muitos sóis. Ela nos penetrava calidamente. Sentíamo-nos iluminados num mundo sem peso. Maravilhados, felizes de estar vivos. Era amor, era juventude. E se o desejássemos das profundezas de nossos corações, nada mais importaria, cantaríamos hinos de alegria!

— Não diga bobagem — replicou Madeleine. — Não será o amor que nos livará do cadáver. Nem o ódio. Os sentimentos nada têm a ver com isso.

— Livrar-me-ei dele por você então — disse-lhe, deixando meus braços cairem.

Voltei para o meu canto e sentei-me na poltrona. Fiquei em silêncio. Madeleine retomou sua costura.

Contemplei a cabeça do cadáver, agora a menos de um metro da parede da sala. Tinha envelhecido ainda mais nos últimos minutos. Era estranho como, a despeito de tudo, havíamos nos acostumado com ele. Percebi que estava sinceramente triste com a perspectiva de perdê-lo. Se tivesse permanecido quieto poderíamos conservá-lo por longo tempo, para sempre talvez. Afinal de contas, havia crescido e envelhecido em nossa casa. Isso significava alguma coisa. Todo mundo sabe como a gente se apega às coisas — assim é o coração dos homens. A casa parecerá vazia, pensei, quando não mais estiver aqui. Que recordações nos trouxe! Fora a muda testemunha de todo um passado, não muito agradável, admitamos, ou digamos mesmo: Desagradável por sua causa! Como se sabe, a vida nunca é alegre. Hoje, lembro-me apenas vagamente de que fui eu quem o matou, ou antes, empregando uma expressão menos desfavorável — "executou" num momento de ódio e indignação. Tacitamente, eu já me perdoara. Pesando-se as coisas, ambos tínhamos culpa. Além do mais, teria ele esquecido?

Madeleine interrompeu-me os pensamentos.

— A cabeça está alcançando a parede. Está na hora.

— Sim — decidi.

Levantei-me, abri as janelas e olhei para a rua. Era uma bela noite de verão. Passava das duas da madrugada. Não havia ninguém nas ruas e todas as janelas estavam escuras. Acácias florescentes impregnavam o ar. Lá em cima, no meio do céu, a lua redonda e cheia era uma estrela viva. A Via Láctea. Nebulosas, profusão de nebulosas, cometas riscando os caminhos do céu, torrentes de prata líquida, luz densa, neve aveludada. E flores brancas, ramalhetes de flores, jardim, florestas e prados resplandecentes. E, envolvendo tudo, espaço, espaço infinito!

— Venha — disse Madeleine. — Em que está pensando. Não devemos ser vistos por ninguém. Vou dar uma olhada.

Saltou a janela e correu até à esquina. Olhou à esquerda e à direita e fez-me um sinal.

— Venha!

O rio ficava a trezentos metros da casa. Para alcançá-lo teria de atravessar duas ruas e a pequena Praça T. onde havia o perigo de cruzar com GI americanos, que patrulhavam o bar e o prostíbulo, propriedades de nosso senhorio. As barcas atracadas ao longo do rio também tinham de ser evitadas, o que implicava numa volta, complicando as coisas ainda mais. Mas os dados estavam lançados.

Vasculhando a rua pela última vez, ergui a cabeça com dificuldade, coloquei-a no batente da janela e saltei para a calçada. "Se ao menos não derrubar os vasos de flor" — pensei. Puxei o corpo. Era como se estivesse arrastando o quarto, o corredor, a sala de jantar, o apartamento com mobília e tudo. Como se estivesse arrancando pela boca minhas próprias entranhas, com pulmões, estômago, coração, e montes de obscuros sentimentos, desejos insatisfeitos, pensamentos mal cheirosos, imagens estagnadas, ideologia corrupta, moral podre, metáforas envenenadas e gases deletérios, agarrados às vísceras como plantas parasitas. Sofria atrozmente. Estava no fim de minhas forças. Suava lágrimas e sangue. Tinha de suportar aquilo para continuar vivendo, mas era muito difícil. Havia também o medo de ser surpreendido. Retirara a cabeça, a longa barba, o pescoço e o tronco e, quando cheguei à porta de entrada de nosso prédio, seus pés ainda estavam no corredor. Madeleine, junto de mim, tremia de medo. Continuei puxando com toda minha força, mal sufocando um grito de dor. Puxando sempre, andando de costas. — "Não há ninguém" — disse Madeleine. — "Todas as janelas estão fechadas" — cheguei à esquina, atravessei-a, virei e atravessei novamente. Um solavanco. O corpo inteiro estava fora da casa. Atingíramos o centro da pequena Praça T., clara como dia. Arquejava. Ouvia-se o rumor distante de um caminhão. Um cachorro latiu. Madeleine já não podia mais.

— Deixe-o aqui e vamos voltar! — disse.

— Seria imprudência. Volte se quiser. Terminarei o serviço.

Fiquei só. Admirava-me quão leve se tornara o cadáver. Aumentara muito de tamanho é evidente, mas emagrecera bastante também, já que não se alimentava. Como tivesse girado no lugar onde estava, o cadáver enrolara-se em mim como uma corda. Assim será mais fácil levá-lo até o rio, pensei.

Mas que!. . . Quando sua cabeça alcançou minha cintura, o defunto emitiu subitamente o prolongado silvo dos mortos. É inconfundível.

Apitos responderam de todos os lados: a polícia! Cães latiram, trens partiram, todas as janelas da praça se iluminaram e delas emergiram cabeças. Os GI correram fora do bar com suas

garotas.

Dois guardas surgiram na esquina, soprando os apitos. Vinham correndo. Quando chegaram a dois passos de mim, sabia que estava perdido.

De repente, a barba do defunto abriu-se como um pára-quedas e levantou-me do chão. Um dos guardas deu um grande salto.... tarde demais, agarrou apenas o sapato do pé esquerdo. Elevava-me rapidamente, enquanto os polícias apontavam os dedos para mim: Covarde! Covarde! gritavam Ouviam-se aplausos em todas as janelas. Somente Madeleine, junto à nossa, levantou os olhos para mim e gritou-me com escárnio:

— Nunca você será um homem sério. Pode elevar-se no ar, mas não se elevará em minha estima. . .

Ouvia ainda os americanos que, pensando tratar-se de uma competição esportiva, gritavam: Hello, boy! Deixei cair minha roupa e meus cigarros, que os guardas dividiram entre si. Então, era apenas a Via Láctea e eu deslizava através dela, voando alto, voando alto...

OS DESAMPARADOS

Um jovem e avermelhado cadete passou correndo por Harper, rindo e disparando a sua arma. O vento soprava forte, atirando o odor fétido dos Yahoos contra a face dos homens, que gritavam com repugnância.

— Peguei três — gritou o cadetinho para Harper

— Viu quando atingi esses dois de uma só vez? Menino, que cheiro eles têm!

Harper olhou para o garoto suado e murmurou:

— Teu cheiro não é lá essas coisas. . .

Mas o cadete não esperou para ouvir. Todos os homens, agora, corriam num furioso semi-círculo com o intuito de empurrar os Yahoos e cercá-los contra o penhasco que se erguia a trezentos metros dali.

Os Yahoos saltavam desajeitadamente sobre a terra áspera, roncando e grunhindo de forma grotesca, curvando os corpos nus. Alguns metros adiante um deles tropeçou e caiu, abrindo os braços e as pernas ao chocar-se com o solo. Estremeceu e ficou quieto.

Um passageiro calvo riu triunfante, deu um pontapé no Yahoo e continuou a correr. Harper ajoelhou-se junto ao Primitivo caído, apalpoulhe o pulso coberto de pêlos. Estava fraco e vagaroso, mas até esse momento ninguém conhecia a pulsação normal dos Yahoos. E — exceto Harper — ninguém daria um níquel por isso.

Seu interesse provinha talvez do fato de ser neto de Barret Harper, o grande naturalista — na Terra, é claro. Parecia que o homem só se preocupa com a natureza em seu planeta de origem, cujas formas conhece tão bem. Em outros lugares, ela é tão estranha e alheia, que a gente se subjuga a ela, se ajusta ou simplesmente se satisfaz com ela. Mas ninguém se importa com a flora ou a fauna dos planetas novos. Ninguém tem afeição pelas coisas vivas como um terrestre.

Os homens gritavam mais alto agora, mas Harper não virou a cabeça para ver porquê. Pôs a mão sobre o peito cinzento e peludo. O coração batia ainda, mas muito fraco e irregularmente. Alguém parou atrás dele.

— Voltará a si dentro de uma hora mais ou menos — disse a voz do comissário — Vamos, perderá toda a brincadeira. — Precisa ver como eles fazem quando ficam bloqueados! Esperneiam, atiram areia e — rio só de pensar — derramam grandes lágrimas e fazem "Oof! Oof!".

— Um homem comum voltaria a si em uma hora, mais ou menos. Mas penso que seu metabolismo é diferente. . . Olhe todos esses ossos espalhados por aí.

O comissário cuspiu.

— Bem, isso não prova que não são humanos? Nem enterram seus mortos... Oh! Oh! veja aquilo, praguejou.

Harper ergueu-se. Os homens soltavam gritos de desapontamento.

— Que aconteceu? — perguntou Harper.

O comissário apontou-lhe. Os homens tinham parado de correr e estavam reunidos,

conversando e gesticulando.

— Quem foi o tolo que planejou esta corrida? — perguntou o comissário nervosamente. — Escolheu o rochedo errado! Os malditos Yahoos se escondem aí. Veja-os subindo, você poderia...

Fez mira e disparou a carabina. Uma figura que se arrastava pelo lado da rocha abriu os braços e caiu, rolando de rocha em rocha até bater no chão.

— Esse nunca mais sai daí — disse o comissário com satisfação.

Fora a última oportunidade. Os outros Yahoos escaparam em segurança para as cavernas e saliências. Ninguém os seguiu. Naqueles estreitos e mal cheirosos abrigos um Yahoo era tão ágil quanto um homem, não havia espaço para usar a carabina e os primitivos tinham pedras, escolhos e os dentes afiados. Os homens começaram a voltar.

— É uma fêmea?

O comissário empurrou o corpo com o pé, fazendo-o virar, com um resmungo de desapontamento ao determinar-lhe o sexo.

— Vai ser um inferno nas celas se houver mais de dois presos para cada fêmea.

Sacudiu a cabeça e praguejou.

Dois barcos vinham deslizando da grande nave para serem carregados.

— Vamos voltar para o lanche? — perguntou o comissário. Tinha um rosto vermelho e lustroso. Harper sempre o julgara um sujeito decente, antes. O comissário não podia saber o que havia na mente de Harper. Sorriu para ele e disse:

— Já podemos voltar, a brincadeira acabou.

Harper tomou uma súbita decisão.

— Qual seria a possibilidade de levar comigo uma lembrança? Este cara aqui, por exemplo?

O comissário parecia hesitar.

— Bem, não sei, senhor Harper. Só podemos levar fêmeas para bordo e atirá-las fora tão logo os presos tenham acabado com a festa.

Abaixou os olhos. Contendo um forte desejo de esmurrá--lo no meio da face vermelha como maçã, Harper pôs a mão no bolso. O comissário compreendeu, e olhou para longe, enquanto Harper colocava uma nota no bolso do blusão do uniforme.

— Penso que se pode arranjar. Veja, o comissário-geral de Selopé III quer um para seu zoo privado. Pois bem: levaremos um para ele e um para você. Direi ao encarregado que é um sobressalente. Mas se alguém reclamar, o C-G cuidará deles. Certo?

A um gesto de Harper o comissário retirou uma algema do bolso e prendeu o pulso do Yahoo e acenou com o boné para a barcaça que se aproximava.

— Entendo porque ninguém quer uma coisa dessas — disse ele alegremente — São mais sujos que animais. Quero dizer, um cavalo ou um porco podem usar o mesmo estábulo, mas essas coisas sujam qualquer lugar. Mas... se quer mesmo.. . — Encolheu os ombros.

Assim que a barcaça recolheu a figura flácida (o pulso ainda batia fracamente) Harper e o comissário voltaram para a lancha de passageiros. Quando faziam uma subida rápida para a grande nave o comissário acenou para as duas barcaças.

— Vai ser uma viagem muito vagarosa a que a tripulação daqueles dois barcos fará de volta — observou.

Harper, inocentemente, perguntou o porquê. O comissário riu.

— A tripulação de carga quer aproveitar-se antes que os presos. Eis a razão.

O cadetinho, com a face mais vermelha do que de costume, procurou saber mais.

— Que tal é, comissário? É coisa boa?

Os outros passageiros limparam os rostos suados e aproximaram-se interessados.

— Bem — disse o comissário — a hierarquia tem os seus privilégios, mas esse eu dispenso.

Os outros gargalharam, e mais de um deles olhou para baixo em direção das barcaças e, ao se voltarem, evitaram se entreolhar.

O planeta Barnum (denominado, como era costume, segundo nome do explorador que primeiro o avistou), era uma perda total, economicamente falando. Era quase só água e a água alimentava apenas algumas repulsivas espécies de valor desconhecido. O único trecho de terra aproveitável — conhecido, como não podia deixar de ser, como Bamumland, uma vez que nenhum outro reclamava a honra — era descarnado e feio, desprovido tanto de minerais úteis como de solo arável. Sua ecologia parecia depender de uma espécie de mosca: uma criatura, algo como um lagarta, comem as moscas e os Yahoos comem os lagartos. Se alguma coisa morre no mar e é atirada na praia, os Yahoos também a comem. De que se alimentam as moscas ninguém sabe, mas suas larvas comem os Yahoos, quando mortos.

Estes são umas criaturas pequenas, peludas, cuja fala — se assim se pode dizer — se reduz a gritos, resmungos e grunhidos. Não usam roupa, não fazem nenhum objeto, não conhecem o uso do fogo. Feitos prisioneiros, logo definham e morrem. De todos os primitivos descobertos pelo homem, são os mais atrasados. Poderiam ter sido deixados em paz em seu inútil planeta, matando moscas com galhos para sempre — exceto por um motivo.

O planeta Barnum acha-se eqüidistante dos sistemas Coulter e Selopé, e a viagem entre eles é muito longa. Os passageiros ficam irrequietos, a tripulação amotinada, os presos rebeldes. Gradualmente, criou-se o costume de parar no planeta Barnum "para beber água" — expressão arcaica, mas, embora a natureza das máquinas usadas pelo homem tenha mudado desde que ela foi inventada, a natureza do homem não mudou.

E, como é óbvio, o planeta Barnum não pertencia a ninguém, assim, ninguém se importava com o que sucedia lá.

Isso que era muito ruim para os Yahoos.

Levou algum tempo até que Harper conseguisse autorização para levar seu "souvenir", mas finalmente foi-lhe dado um bilhete de bagagem para "um Yahoo, macho, vivo" e correu para a plataforma de cargas. Esperava que ainda estivesse vivo.

Um pandemônio chegou-lhe aos ouvidos ao sair do elevador. Uma gritaria rítmica vinha da cela dos presos. — Ouve isso? — perguntou-lhe um dos oficiais, tomando o bilhete de bagagem.

Harper perguntou o que é que os homens estavam gritando.

— Não gostaria de repetir, disse o oficial. Era um homem gordo de cabelos brancos, que provavelmente gostava de contar suas "aventuras" aos netos. Contudo, essa ele não contaria.

— Não aprecio esta parte do negócio, continuou o oficial. — Nunca apreciei, nunca apreciarei. Essas criaturas, estúpidas como são, me parecem humanas. E se não o são — perguntou — como podemos descer tanto para entregar suas fêmeas aos prisioneiros?

As barcaças pousaram na rampa. O barulho devia ter penetrado na cela dos presos, porque o alarido perdeu toda semelhança com falas. Tornou-se uma gritaria louca, cada vez mais forte.

— Eis sua prenda, disse o oficial de cabelos brancos. — Ainda inconsciente, vejo. . . Dar-lhei-

ei um carregador. Apenas entregue isto para o guarda alfandegário, quando tudo estiver pronto.

Teve que elevar a voz para ser ouvido na frenética gritaria provinda da cela.

O cirurgião de bordo estava fora, tomando chá com o capitão. O oficial-médico estava aborrecido.

— Que, mais um? Não somos veterinários, você sabe. . . Bem, roleo para dentro. Meu auxiliar está trabalhando noutro. . . Uff!

Tapou o nariz e afastou-se rapidamente.

O ajudante, um jovem pálido e de cabelos pretos cortados rente, procurou a seringa com que acabara de aplicar uma injeção no exemplar de Yahoo reservado para o Comissário-geral Selopé III. Riu fracamente.

— Júnior terá companhia, pelo que vejo. . . Mais algum?

Harper balançou a cabeça. O ajudante prosseguiu.

— Seria interessante. O mais novo parece estar em estado de choque. Dei-lhe dois cc de sulfato antidar, e vejo que seria melhor fazer o mesmo com os seus. Então. . . Bem, penso que ainda não há nada como soro de albumina, há? Mas seria melhor me ajudar a amarrá-los. Se voltarem a si, há uma cela lá atrás em que poderei colocá-los, até conseguir jaulas adequadas. Injetou o estimulante no braço flácido do Yahoo de Harper.

— Quem deu nome a esses animais conhecia Swift. — Disse o jovem médico — Você já leu aquele velho livro, As Viagens de Guliver?

Harper assentiu.

— O velho Swift ficou louco, não ficou? Ele odiava a humanidade, considerava todos como Yahoos... De uma forma que não lhe recrimino. Penso ser por isso que todos desprezam os Primitivos: parecem caricaturas nossas. Pessoalmente, preocupou-me em saber muita coisa sobre eles, seu metabolismo, etc. . . E seu interesse, qual é?

Perguntou casualmente, mas com olhar penetrante. Harper encolheu os ombros.

— Não sei dizer exatamente. Não é interesse científico, pois sou homem de negócios. — Hesitou — Já ouviu falar nos Tasmanianos?

O ajudante balançou a cabeça. Enterrou uma agulha na veia do braço do jovem Yahoo, preparado para receber o soro.

— Se viveram na Terra, não saberei. Nunca estive lá. Sou da terceira geração Coulterboy.

— A Tasmânia é uma ilha ao sul da Austrália. Os nativos eram o povo mais primitivo conhecido na terra. Foram quase todos eliminados pelos colonizadores, mas um deles conseguiu conduzir os sobreviventes para uma ilha menor. Então, uma coisa curiosa sucedeu.

Desviando o olhar do primitivo mais velho, o ajudante perguntou o que era.

— Os Tasmanianos — os poucos que foram poupados — decidiram desaparecer. Recusaram-se a procriar. E em poucos anos, estavam todos mortos... Li acerca deles, quando era menino. Por alguma razão, isso me comoveu muito. Coisas assim fizeram os dodo, os grandes auk, os quagga. Nunca fui capaz de esquecer isso. Quando comecei a ouvir falar dos Yahoos, pareceu-me que eram iguais aos velhos Tasmanianos. Apenas não havia colonizadores em Barnumland.

O ajudante concordou.

— Mas isso em nada ajudará nossos companheiros peludos. Evidentemente, ninguém sabe quantos são, ou foram. Estive comparando quantas fêmeas são trazidas a bordo, cada viagem. —

Olhou diretamente para Harper — Cada vez é muito menos.

Harper abaixou a cabeça. O ajudante prosseguiu.

— O problema é que o planeta Barnum não está sob a responsabilidade de ninguém. Se os Yahoos pudessem ser utilizados no trabalho, seriam explorados de acordo com um sistema cuidadoso. Mas, como as coisas são, ninguém se incomoda. Se metade deles for morta a tiros, ninguém se importará. Se a tripulação das barcaças não se dá ao trabalho de desembarcar as fêmeas — se porventura alguma delas permanece com vida quando os presos terminaram — mas simplesmente atiram-nas de vinte metros de altura. Ora! mais uma vez; ninguém se incomoda, senhor Harper!

Seus olhos se encontraram. Harper disse: Sim?

— Não me interprete mal. . . Tenho uma carreira aqui. E não vou arriscá-la para salvar os pobres Yahoos, mas se o senhor está interessado, se julga ter alguma influência, se quer tentar alguma coisa — fez uma pausa — Então, é tempo de começar. Porque depois de mais algumas escalas não existirão mais Yahoos. Não mais do que existem Tasmanianos.

Selopé III era chamado o Planeta Outonal pelos poetas. De qualquer forma, os filmes PR sempre se referiam a ele como "Selopé III, o Planeta Outonal dos Poetas", mas ninguém sabia onde estavam os poetas. Era verdade que o Território da Comissão, pelo menos, tinha o clima de um quase perpétuo novembro da Nova Inglaterra. O Comissário-geral colocou os dois Yahoos numa jaula aquecida, tão grande quanto o quarto que Harper ocupava nos alojamentos da companhia executiva.

— Aqui, menino — disse o CG, segurando um pedaço de fruta. Soltou um assobio agudo. Os dois Yahoos acotovelavam-se no fundo da jaula.

— Não parecem muito briguentos — disse ironicamente — Todos os meus outros animais comem na minha mão.

Orgulhava-se muito de seu zoo particular, o único no Território. Aos domingos permitia visita do público.

Pacientemente, Harper repetiu que os Yahoos eram primitivos e não animais. Vendo que o CG duvidava, mudou de tática. Contou ao CG acerca dos grandes zoos da Terra, onde os animais permaneciam livres em grandes cercados, ao invés de serem enjaulados. O CG balançou a cabeça pensativamente. Harper disse-lhe que os duques ingleses, geração após geração, preservavam os últimos espécimes de gado branco num parque de sua propriedade.

O CG cocou o queixo. — Sim, sim — disse — entendo o que quer dizer. — Respirou tempestuosamente. — Mas não pode ser feito aqui.

— Mas por que, homem? — gritou Harper.

Era simples:

— Não há dinheiro. Quem vai pagar? O Comissário de Finanças está chorando sangue para conseguir o orçamento aprovado pelo Conselho. Se puser um níquel a mais. . . Não, jovem amigo. Farei o que puder: alimentarei esses dois, aqui. É tudo quanto posso.

Procurando explorar todas as possibilidades, Harper, falou com o Executivo Fiscal, com o Procurador Geral, o Presidente do Conselho, o Procurador Territorial e o Encarregado de Transporte e Cargas. Mas ninguém pôde fazer nada. O Planeta Barnum, explicaram-lhe meticulosamente, continuava a ser uma terra de ninguém, apenas porque nenhum homem resolvia dar ordens a respeito dele. Se um governo o fizesse, seria presunção de autoridade.

Então, todos os outros sentir-se-iam obrigados a negar essa presunção e reclamar sua autoridade.

Havia paz agora. Tensa, precária. Não iria ser perturbada pelos Yahoos de Harper. Eram humanos? Talvez. Quem se importava? Quanto a moralidade, Harper nem mesmo se atrevia a lembrá-la. Teria tão pouco sentido quanto cavalheirismo.

Enquanto isso, aprendera algo da linguagem dos Yahoos. Vagarosa e arduamente, ganhara sua confiança. Esquivamente, vinham tomar alimento em sua mão. Convenceu o CG a derrubar uma parede e aumentar a cela. O oficial era um homem bondoso e parecia compadecido das estúpidas, gordas e disformes criaturas. E após algum tempo, concordou que eram mais inteligentes que os animais.

— Ponha algumas roupas nelas. Harper, aconselhou — se são gente, deixemo-las agiram com tal. São crescidos demais para andarem nus por aí.

Assim, casualmente, Júnior e Sênior foram introduzidos na Civilização, via 3-D, e o fato foi filmado e projetado por toda parte.

— Quer um cigarro, Júnior? Aqui, deixe-me acendê-lo. Dê um copo d'água a Júnior, Sênior. Deixe-me vê-lo tirar os sapatos, amigo, e colocálos novamente. Agora façam o que lhes digo em sua própria língua. . .

Mas se Harper julgava poder mudar a opinião pública estava errado. Focas também fazem coisas, não? E os macacos. Eles falam? Papagaios falam melhor. De qualquer forma quem se preocupa com animais e primitivos? Eram bons para divertir, apenas isso.

E as informações vindas de Barnumland davam conta de que havia cada vez menos Yahoos.

Então, certa noite, dois tripulantes embriagados saltaram a cerca e foram farrear no zoo do CG. Antes de saírem quebraram os tubos de iluminação a gás e pela manhã Sênior e Júnior foram encontrados mortos pelos vapores venenosos.

Era uma manhã de domingo. À tarde Harper estava bêbado e embebedando-se mais. Os homens que bateram a sua porta não obtiveram resposta. Entraram. Estava debruçado sobre a mesa, com os olhos vermelhos.

— Gente! — Eu lhes disse que eram humanos! — gritou.

— Sim, senhor Harper, sabemos disso — disse o jovem pálido de cabelos cortados rente.

Harper espreitou-o, zonzo.

— Eu o conheço, disse. Terceira geração Coulterboy. Vá embora. Arriscar a sua carreira. Para quê? Velho Yahoo mal cheiroso?

O jovem médico meneou a cabeça para o companheiro, que tirou um pequeno frasco do bolso e abriu. Colocaram-no à força sobre o nariz de Harper. Ele esperneou e lutou, mas seguraram-no, e em poucos minutos estava sóbrio.

— Coisa ruim, disse tossindo e sacudindo a cabeça. — Mas obrigado, doutor Hill. Sua nave voltou ou está apenas de passagem?

O antigo ajudante encolheu os ombros.

— Deixei as naves. Já não preciso me importar com minha carreira. Este é meu superior, doutor Ascomb.

Ascomb também era jovem e, como a maioria dos homens do Sistema Coulter, pálido.

— Ouvi dizer que é capaz de falar a língua dos Yahoos — disse.

Harper encolheu-se.

— De que adianta isso agora? Estão mortos, os pobres diabos.

Ascomb baixou a cabeça: — Sinto muito, creia-me. Esses gases são tão rápidos. . . Mas ainda existem alguns poucos com vida no Planeta Barnum, e podem ser salvos. A Junta de Pesquisa está interessada. E você?

Harper gastara quinze anos para chegar a um escritório desse tamanho e importância no Setor Executivo. Olhou em volta de si. Pegou uma carta que chegara no dia anterior, "... negligenciou seu trabalho e tornou-se ridículo... a menos que aceite uma transferência ou redução de grau. . ." Meneou a cabeça vagarosamente, largando a carta.

— Já fiz minha escolha. Quais são seus planos?

Harper, Hill e Ascomb, sentados numa pequena elevação na costa Norte de Barnumland, fora do alcance das pedras da escarpa nua do rochedo que se erguia à frente deles. Atrás fora levantada uma cerca alta. Os únicos Yahoos ainda vivos "abrigavam-se" nas cavernas do penhasco. Harper falou, novamente, no amplificador. Sua voz soava rouca, comprimida nos grunhidos e resmungos da linguagem dos primitivos. Hill moviase agitadamente.

— Tem certeza de que isso significa, "Aqui está a comida. Aqui está a água", e não, "Desçam e deixem-nos devorá-los?" Acho que também sou capaz de falar isso agora.

Estirando-se, Ascomb disse: — Dois dias já! A menos que tenham resolvido suicidar-se coletivamente, um tanto mais abruptamente que seus Tasmanianos. . .

Parou ao sentir os dedos de Harper apertando seu braço. Havia um movimento no penhasco. Uma sombra. Uma pedra rolou. Então, uma face enrugada esgueirou-se temerosamente sobre uma das bordas. Vagarosamente, com muitas paradas e hesitações, a figura desceu a encosta do rochedo. Era uma velha fêmea. Os seios esbranquiçados e soltos balançavam contra o ventre dilatado, quando ela saltou para o solo e, de costas para o penhasco, encarou-os.

— Aqui está a comida — repetiu Harper brandamente — Aqui está a água.

A velha suspirou. Arrastou-se cansadamente pelo chão, parou, tremendo de medo, e atirou-se para a comida e para a água.

— A Junta de Pesquisa acaba de vencer o primeiro "round", disse Hill.

Ascomb assentiu e apontou o dedo para o penhasco. Hill olhou.

Outra cabeça surgira no rochedo. Depois outra. E outra. Olhavam. A velha levantou-se, com água a escorrer-lhe pelo corpo. Virou-se para o penhasco:

— Desçam, gritou — Aqui há comida e água. Não morrer. Desçam. Comam e bebam.

Vagarosamente seus companheiros desceram. Eram em número de trinta.

— Onde estão os outros? — perguntou Harper.

A velha ergueu para ele seus secos e enrugados seios. Onde estão aqueles que ficaram esgotados? Onde estão aqueles que seus irmãos levaram embora?

A velha soltou um gemido agudo, depois silenciou. Chorava. Harper chorava também.

— Acho que vamos fazer tudo direito, disse Hill. Ascomb assentiu:

— Pena que haja tão poucos. Temia que fôssemos obrigados a usar gás. Iríamos perder vários deles.

Nenhum dos dois chorava.

Pela primeira vez, desde que as naves tinham chegado ao seu planeta, os Yahoos caminhavam para bordo. Vieram hesitantes e temerosos, mas Harper disse-lhes que iriam para um novo lar e confiaram nele. Disse-lhes que iriam para um lugar de muita água e alimento, a viagem e o último primitivo adormecera na luz opaca dos tubos de gás. Então cambaleou até sua

cabina e adormeceu também. Dormiu trinta horas.

Comeu alguma coisa ao acordar e desceu até o cubículo onde estavam os primitivos. Contraiu a face ao recordar sua visita ao cubículo da outra nave para pegar Sênior, e o frenético alarido dos convictos esperando pelas fêmeas. Na entrada da cela encontrou doutor Hill e cumprimentou-o.

— Temo que alguns Yahoos estejam doentes, disse Hill. Mas o doutor Ascomb está tratando deles. Os outros foram removidos para este compartimento.

Harper fitou-o. — Doentes? Como podem estar doentes? Como podem estar doentes? Do quê? Quantos?

— Parece ser Praga Virulenta. . . Quinze deles já estão contaminados. Você tomou as cinco vacinas, não? Bem, não há com que se preocupar.

Harper sentiu um calafrio. Olhou para o pálido jovem médico.

— Ninguém pode entrar ou sair de qualquer sistema ou planeta sem ter tomado as cinco vacinas contra Praga Virulenta, disse vagarosamente. Logo, se todos estamos imunizados como poderiam os primitivos tê-la apanhado. E por que justamente quinze deles? Exatamente a metade. E quanto aos outros quinze, doutor Hill? Serão o grupo de controle para a experiência?

— Na verdade, sim — doutor Hill fitou-o calmamente. — Espero que seja razoável. Esses eram os únicos termos com que a Junta de Pesquisa concordaria. Além do mais, nem mesmo os convictos se apresentariam voluntariamente para experiências com a Praga Virulenta.

Harper balançou a cabeça. Sentia-se gelado. Após um momento, perguntou:

— Poderia Ascomb fazer alguma coisa para salvá-los?

Doutor Hill franziu as sobrancelhas: — Talvez. Temos uma droga que queremos experimentar. De qualquer forma, os resultados forneceram dados adicionais sobre o problema. É preciso pensar a longo prazo.

Harper concordou — Penso que tem razão.

Ao meio-dia todos os quinze estavam mortos.

— Bem, haverá uma desproporção no novo grupo de controle, — disse Ascomb — Sete contra oito. — Ainda assim não está muito mau. Isso não pode ser evitado. Começamos amanhã.

— Praga Virulenta novamente? — perguntou Harper.

Ascomb riu, balançaram a cabeça. — Desidratação, disse o último. — Depois disso, há um novo tratamento para queimaduras que queremos experimentar. . . É uma vergonha pensar-se que os Yahoos foram mortos ano após ano, aos milhares inutilmente. Como os dodo. Viemos a tempo, graças a você Harper.

Harper encarou-os. — *Quis custodieta ipsos custodes*? — perguntou. Olharam-no com polido desânimo. — Havia me esquecido, prosseguiu Harper. Os médicos já não estudam mais latim, não é? É um velho provérbio. Significa: Quem guardará os guardas?. . . Dão-me licença?

Harper entrou no compartimento.

— Estou aqui, disse ele, cumprimentando os quinze.

— Estamos vendo, responderam.

A velha perguntou como iam seus irmãos e irmãs "na outra caverna".

— Estão bem. . . Já comeram, beberam? Sim? Então vamos dormir, disse Harper.

A velha hesitou.

— Já é tempo? A luz ainda brilha. — Apontou para ela. Harper fitou-a. Estivera tão medrosa.

Mas confiara nele. Num repente, inclinou-se e beijou-a. Ela ficou boquiaberta.

— Agora a luz se apaga — disse Harper.

Tirou um sapato e despedaçou um tubo de gás. Arrastou-se nas trevas procurando o respiradouro e fechou-o. Depois, sentou-se. Havia conduzido-os para ali e se tinham de morrer era justo que compartilhasse de seu destino. Já não havia mais lugar para os desamparados ou para os que se importavam com eies. — Agora, vamos dormir — disse Harper.

NOSSO PRÓXIMO LANÇAMENTO:

A COROA DE BRONZE

"A Coroa de Bronze", do espanhol Torquato Tarrago,
é um romance histórico que retrata a formação
da Europa moderna, intrigas palacianas combates
expansionistas e as aventuras dos visigodos:
suas guerras e alianças com romanos, suecos e vândalos
e a derrota definitiva de Átila
rei dos hunos, conhecido como o Flagelo de Deus.

NOEL ROSA

O próximo número da Revista do Clube do Livro trará, como matéria de capa, um amplo texto sobre a vida e a produção musical de Noel Rosa, o "Poeta da Vila", comemorativo do 40.º aniversário da sua morte, além de um vasto catálogo editorial de sessenta títulos — à escolha dos sócios — e das seções habituais: no "Detetive", um roteiro completo das atividades artísticas e culturais nos meses de julho e agosto.